

DOSSIÊ IPHAN

Festa de Sant'Ana
de
Caicó/RN



Ministério
da Cultura



DOSSIÊ IPHAN

Festa de Sant'Ana de Caicó

Textos: Julie Cavnac; Maria das Dores Medeiros; Maria Isabel Dantas; Marta Maria de Araújo; Muirakytan Macedo; Paula Sonia de Brito; Romero de Oliveira; Cyro H. de Almeida Lins; Cristina Oliveira.

Organização e Revisão: Francimário Vito dos Santos, Romero de Oliveira e Helder Almeida.

Natal – RN

Janeiro de 2010

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA CULTURA
João Luiz Silva Ferreira

PRESIDENTE DO IPHAN
Luiz Fernando de Almeida

COORDENAÇÃO GERAL DO
INVENTÁRIO
DA CULTURA DO SERIDÓ
Julie Cavnac (DAN/UFRN)
Jeanne F. Leite Nesi (IPHAN/RN)

CONSULTORIA IPHAN –
INVENTÁRIO
Romero de Oliveira
Marcos Vinícius Garcia

COORDENADORES DO INRC –
SERIDÓ POTIGUAR
Julie Cavnac (Formas de Formas de
Expressão)
Muirakytan Kennedy (Celebrações)
Maria Isabel Dantas (Ofícios e Modos
de Fazer)
Paula Sônia de Brito (Lugares)

CONSULTORIA EM
ANTROPOLOGIA
Cyro H. de Almeida Lins

CONSULTORIA EM HISTÓRIA
Cristina Oliveira

PESQUISADORES (BOLSISTAS)
Ana Nery Silva de Oliveira
Flávio Rodrigo F. Ferreira
Túlio Gabriel de Cortês
José Antônio F. De Melo

PESQUISADORES
(COLABORADORES)
Andréa Lúcia V. De Aguiar
Alessandro A de Azevedo
Andrey Jonathon de M. Morais

PROCURADOR-CHEFE FEDERAL
Antônio Fernando Alves Neri

DIRETORA DO DEPTº DE
PATRIMÔNIO IMATERIAL
Márcia Genésia de Sant'Anna

SUPERINTENDENTE IPHAN-RN
Jeanne F. Leite Nesi

Ana Zélia Maria Moreira
Custódio Jacinto de Medeiros
Erivan Ribeiro de Faria
Francimário Vito dos Santos
Gracineide Pereira dos Santos
Gilson José R. Junior
Helder Macedo
Iracema Nogueira Batista
Juarez de Brito M. Junior
Luis Eduardo de N. Neto
Maria Dolores de A Vicente
Maria Lúcia B. Alves
Maria Isabel Dantas
Marcelo de Freitas Cardoso
Olívia Morais de M. Neta
Paula Sônia de Brito
Rosenilson da Silva Santos
Sebastião Genicarlos dos Santos
Thaís Fernanda S. De Brito
Helder Almeida

FOTOGRAFIAS
Maria Iglê de Medeiros (fotos)
Vilma Vitor Cruz (fotos)

FOTOGRAFIAS ANTIGAS
Acervo Digital – Museu do Seridó

EDIÇÃO DO DOSSIÊ

EDIÇÃO DE TEXTO
José Antônio F. De Melo
Cyro H. de Almeida Lins
Cristina Oliveira

TEXTO DE ABERTURA
Romero de Oliveira (IPHAN-PE)

TEXTO PRINCIPAL

Julie Cavnac

Maria das Dores Medeiros

Maria Isabel Dantas

Marta Maria de Araújo

Muirakytan Macedo

Paula Sonia de Brito

Romero de Oliveira

Cyro H. de Almeida Lins

Cristina Oliveira.

FINALIZAÇÃO DO DOSSIÊ

Cyro H. de Almeida Lins

Cristina Oliveira

AGRADECIMENTOS

Diocese de Caicó

Paróquia de Sant'Ana de Caicó

Museu do Seridó

Casa de Cultura de Caicó

Zezinho Víde

Lydia Brito

Mons. Antenor de Araújo

Mons. Edson Medeiros de Araújo

Fábrica Murielle

Tarcisio Salustiano Silva

Site Kurtição

SEBRAE-CAICÓ

REDESIST/IE/UFRJ

Associação dos Caminhoneiros de
Caicó

*Eu vou andar com Sant'Ana
Vou carregar seu andar.
Eu vou sevar pra Sant'Ana
O meu pezinho de flor.
Vou entregar a Sant'Ana
As injustiças que há.
Recomendar a Sant'Ana
Toda a nação potiguar.*

*Eu vou, eu vou
Acompanhar a precissão!
Toda a nossa região
Ta em festa em seu souvor.
Viva Sant'Ana!
Grita o povo com euforia.
A mãe da Virgem Maria,
Avó de Nosso Senhor!*

*Na Catedral
De Sant'Ana eu vou orar,
Eu vou me ajoelhar,
Fazer minha oração!
Me confessar.
Um pedido eu vou fazer:
Pra Sant'Ana interceder,
Fazer chover no sertão!"*

¹ "Sant'Ana, música do cantor seridoense Elino Julião (1936-2006).

APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO	11
A FESTA DE SANT'ANA E O INVENTÁRIO DAS REFERÊNCIAS CULTURAIS DO SERIDÓ POTIGUAR.	12
OS FESTEJOS DE OUTRORA	16
ORIGENS DA DEVOÇÃO À SENHORA SANT'ANA	17
A LENDA DO VAQUEIRO E A CRIAÇÃO DE CAICÓ	18
PRIMÓRDIOS DA CELEBRAÇÃO: O SÉCULO XVII E XVIII	23
CAICÓ: CIDADE MONUMENTAL.....	27
CONSOLIDAÇÃO, MUDANÇAS E RESTRIÇÕES: O TRANSCORRER DO SÉCULO XIX.....	31
A MODERNIDADE: O ADVENTO DO PROGRESSO E SUA INFLUÊNCIA	39
A FESTA HOJE	47
A ATUAÇÃO DA PARÓQUIA: ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA FESTA DE SANT'ANA	48
MISSA DO ENVIO E AS IMAGENS PEREGRINAS	51
PEREGRINOS DE SANT'ANA.....	54
ABERTURA OFICIAL DA FESTA DE SANT'ANA	57
AS NOVENAS E O OFÍCIO DE SANT'ANA.....	58
PAVILHÃO E FEIRINHA DE SANT'ANA	60
A CAVALGADA DE SANT'ANA.....	63
CARREATA DE SANT'ANA	65
A MISSA SOLENE E A PREPARAÇÃO DO ANDOR.....	67
O BEIJA E AS IMAGENS DE SANT'ANA.....	69
É UM ESTRONDO! A PROCISSÃO DE SANT'ANA	72
BAILES, BANQUETES E REENCONTROS	79
O BAILE DOS COROAS E A FESTA DA JUVENTUDE: FESTEJOS DE GERAÇÕES ANTAGÔNICAS.....	80
CELEBRANDO REENCONTROS	84
ARTESANATO E COMIDAS FESTIVAS	87
COMIDAS FESTIVAS	88
BORDADOS DE CAICÓ	96
TRANSFORMAÇÕES RECENTES	100
DEVOTOS DE VÁRIAS GERAÇÕES	102
ILHA DE SANT'ANA	103
PROFISSIONALIZAÇÃO DA FESTA	105
FESTA DE SANT'ANA: REGISTRO E SALVAGUARDA	108
A FESTA DE SANT'ANA COMO OBJETO DE REGISTRO	109
DIRETRIZES PARA O PLANO DE SALVAGUARDA	111
Identificando problemas.....	112
Proposição de Ações.....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
ANEXO 1 – MAPAS E CROQUIS DA FESTA DE SANT'ANA.....	127
ANEXO 2 – LINHA DO TEMPO	129



APRESENTAÇÃO

Com o presente estudo, pretende-se compor o dossiê para pedido de registro da Festa de Sant’Ana de Caicó no Livro de Registro das Celebrações do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Trata-se de um bem cultural da mais alta importância para a vida dos sertanejos do Rio Grande do Norte, e para pessoas que, vindas das mais diversas partes do Brasil e do mundo, afluem para o Seridó Potiguar no período da Festa. São filhos da terra vivendo em lugares distantes, pagadores de promessa, pesquisadores, curiosos, juntando-se à comunidade caicoense e seridoense, numa troca coletiva de experiências culturais e de fé.

Apesar de seu caráter eminentemente religioso, a Festa de Sant’Ana aglutina elementos diversos da cultura sertaneja, incluindo a indumentária (bordados, chapéus), a culinária (chouriços, filhoses, buchadas), o artesanato (fabricação de imagens, trabalhos com couro e madeira), e as mais diversas formas de expressão (como a arte de enfeitar altares e andores e ritos como o “beija”, estabelecendo-se uma relação afetiva com a imagem da Santa). Ela também reforça a existência de lugares sagrados, como o mítico poço de Sant’Ana (o “poço que nunca seca”) e o local onde hoje encontra-se a matriz. Estes elementos, associados a muitos outros, compõem uma espécie de contexto cultural sertanejo, gestado durante séculos, no transcorrer de um processo que envolveu, sobretudo, populações ibéricas e ameríndias, principais fontes do amálgama humano ali observável.

A Festa de Sant’Ana possui ainda um forte componente produtor de sociabilidades, já que gera um clima de revisitação de uma memória que, em termos oficiais, já conta com mais de dois séculos e meio ininterruptos, mesmo nos anos de fortes secas (como nos fins do século XIX). Tratando-se de um bem cultural desta magnitude, nada mais justo que submetê-lo à apreciação do Conselho Consultivo do Iphan, no intuito de, uma vez registrado, tornar-se ainda mais difundido – afinal de contas, exceto pelas raras leituras de Euclides da Cunha e Ariano Suassuna, o Brasil desconhece seus sertões.



INTRODUÇÃO

A FESTA DE SANT'ANA E O INVENTÁRIO DAS REFERÊNCIAS CULTURAIS DO SERIDÓ POTIGUAR.

A região do Seridó é lugar de destaque no cenário do sertão do Rio Grande do Norte, por sua história original, sua religiosidade vivida no cotidiano, sua tradição culinária e festiva, motivos de orgulho dos filhos da terra de Sant'Ana. Se, localmente, essa particularidade é reconhecida e valorizada, verificamos que não existiam ainda ações dos órgãos governamentais para a promoção e a valorização da cultura local.

Visando reparar essa lacuna, foi planejado um mapeamento dos elementos que compõem a paisagem cultural da região: o patrimônio cultural seridoense foi objeto do Inventário das Referências Culturais do Seridó Potiguar, projeto aprovado em outubro de 2006 pelo Ministério da Cultura e realizado entre 2007 e 2008 por professores e estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Centro de Educação Federal Tecnológico do Rio Grande do Norte (CEFET-RN).

O projeto integra as ações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN – Superintendência do RN, realizadas entre os anos 2007 e 2008 e representa um esforço de sistematização e levantamento de informações sobre a cultura da região. Foi administrado pela Fundação de Pesquisa e Ensino do Rio Grande do Norte – FUNCERN / CEFET. Buscou mapear os usos, as funções e as significações simbólicas, estéticas e sociais das celebrações (os rituais religiosos e as “festas de rua”), dos saberes e fazeres (os conhecimentos e modos de fazer, os ofícios - em particular aqueles relacionados às atividades de criação de gado e à alimentação), das formas de expressão (a tradição oral, sob seus diferentes aspectos, as bandas de música, as manifestações musicais e corporais ligadas a devoções religiosas - em particular a dança do Espontão) e dos lugares de memória (os espaços de sociabilidade e os que possuem uma importância histórica ou religiosa).

O mapeamento e o registro dos bens inventariados no Seridó acompanharam a dinâmica estabelecida pelo grupo de pesquisadores envolvidos no inventário, seguindo as instruções metodológicas do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC),

do IPHAN: foram organizadas quatro equipes, coordenadas por professores e pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e do Centro de Educação Federal Tecnológico do Rio Grande do Norte (CEFET-RN).² Cada categoria contida no INRC - celebrações, ofícios e modos de fazer, expressões e lugares - correspondia a uma equipe composta de um coordenador, bolsistas e vários colaboradores.³ A composição das equipes foi modificada em vários momentos e teve que se adaptar as necessidades do projeto, os pesquisadores eram distribuídos em pelo menos dois núcleos: em Natal, no Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norterriograndenses (NCCEN), situado no Museu Câmara Cascudo, e, em Caicó, no Museu do Seridó, ambos pertencentes à Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

As dificuldades encontradas, quando do início dos trabalhos, foram múltiplas, a maioria referente à própria metodologia a ser empregada, já que se tratava de uma forma de trabalho nova para a maior parte dos que compunham o grupo de pesquisa. Naturalmente, uma série de incompreensões e problemas foram surgindo à medida que avançávamos na aplicação do INRC: desde problemas “conceituais” - como a forma de delimitação do Sítio inventariado, até questões de ordem “técnica” - como o modo correto de se preenchimento dos formulários ou de se organizar fisicamente os dados. Em um levantamento preliminar do Inventário da Cultura do Seridó, centenas de bens foram identificados, numa quantidade que tornaria inviável a execução da pesquisa. Uma triagem foi feita e reduzimos o número para cerca de duzentos bens e, no final, há menos de cem bens, incluindo-se as sete cidades elencadas anteriormente. Ainda assim, a quantidade de bens foi alta, em relação aos meios disponíveis, para a viabilização do inventário, levando-se em conta, principalmente, o tempo que teríamos para sua execução. Depois de diversos encontros de trabalho, tivemos que redimensionar nossa estratégia e decidimos concentrar nossos esforços em alguns bens cuja importância advinha da capacidade de agregar diversas outras referências culturais relacionadas. Sendo assim, destacamos a Festa de Sant’Ana, no município de Caicó, como sendo o evento mais representativo das formas de sociabilidade e de devoção do Seridó,

² Os coordenadores das equipes foram: Julie A. Cavnignac, Muirakytan K. de Macedo, Maria Isabel Dantas, Paula Sônia de Brito. Léa de Souza colaborou, também, na elaboração e na revisão dos textos. A secretaria geral e a organização das fichas ficou inicialmente à cargo de Cyro Holando de Almeida Lins e de Andrea Aguiar. A finalização e a elaboração final dos produtos contou com o trabalho de Sebastião Genicarlos dos Santos, Washington Fonseca e Vivianne Limeira.

³ Não foi contemplada a categoria “Edificações” por se tratar de bens materiais.

momento de revivificação da memória local, das práticas culturais e da identidade seridoense.

As pesquisas direcionadas ao registro e salvaguarda da Festa de Sant'Ana foram realizadas em duas etapas, uma no ano de 2007, dentro de um contexto de investigação mais amplo que envolvia o Inventário das Referências Culturais do Seridó Potiguar. E outra em 2010, consistindo na complementação de dados coletados na primeira etapa, na reedição do vídeo documentário sobre a Festa, bem como na elaboração de diretrizes para a execução de um plano de salvaguarda.

Na ocasião dos festejos em homenagem à Sant'Ana de Caicó em 2007, uma equipe composta sobretudo de historiadores e antropólogos foi à campo durante os dez dias da Festa com o intuito de coletar dados históricos, relatos e informações; bem como de realizar uma descrição minuciosa de todas as celebrações, ofícios, formas de expressão e lugares que compõem o universo polissêmico da Festa de Sant'Ana. Nosso esforço caminhou no sentido de procurarmos, na ocasião da análise dos dados etnográficos, os elementos que expressassem e representassem de forma mais enfática o significado da Festa de Sant'Ana para seus participantes. A idéia era encontrar, nas variações culturais, aquilo que podia ser generalizado como sendo emblemático da celebração. Nesse sentido, as referências culturais inventariadas foram aquelas que a memória e a coletividade – incluindo-se tanto as antigas como as novas gerações – lhes atribuem significados diferenciados.

Já em 2010, a equipe foi reduzida, contando com os trabalhos de um antropólogo e uma historiadora, responsáveis pela finalização dos produtos necessários para o registro, quais sejam, o dossiê de registros, plano de salvaguarda e vídeo documentário. O trabalho consistiu basicamente na complementação dos dados coletados anteriormente, integrando-os ao dossiê e ao vídeo. Os esforços foram concentrados na identificação de problemas relacionados à realização da Festa de Sant'Ana, bem como na proposição de ações a serem integradas num plano de salvaguarda.

Ao longo do inventário, notamos a grande importância que a Festa de Sant'Ana tem para o caicoense e o seridoense em geral, que sempre manifestou interesse no Registro da celebração como patrimônio nacional, contribuindo de diversas formas para a realização da pesquisa. Deste modo, ainda em meados de 2006, a equipe de pesquisa

responsável pelo Inventário da Cultura do Seridó encaminhou à superintendência do IPHAN-RN uma recomendação de registro da Festa de Sant'Ana de Caicó no Livro das Celebrações do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, recomendação endossada, em 2007, através do pedido formal de registro realizado pela Diocese de Caicó.



OS FESTEJOS DE OUTRORA

ORIGENS DA DEVOÇÃO À SENHORA SANT'ANA

O proto-evangelho de Tiago⁴, escrito no século II, relata a história dos pais de Maria, mãe de Jesus, Ana e Joaquim. Segundo relatos desse livro, Ana, a mãe de Maria, do mesmo modo que a Ana do velho testamento mãe do sacerdote Samuel⁵, era estéril, e somente quando sua idade já estava avançada, foi-lhe concedido por Deus o dom de gerar filhos, nascendo assim, Maria, a virgem que no futuro viria a ser a mãe de Jesus. O embasamento histórico desse relato pode, muito provavelmente estar ligado, à história da mãe de Samuel, porque os Evangelhos do Novo Testamento da Bíblia cristã, em momento algum mencionam a presença ou a existência dos pais de Maria, sendo, portanto esses evangelhos, ditos apócrifos, as únicas fontes de informação existentes sobre Joaquim e Ana. O culto dedicado a São Joaquim e a Sant'Ana remonta aos primeiros tempos do Antigo Testamento, sendo Sant'Ana venerada no Oriente em meados já do século VI. Já no ocidente, o culto de Sant'Ana remonta ao século VIII, quando, no ano de 710, suas relíquias foram levadas da Terra Santa para Constantinopla, de onde foram distribuídas para muitas igrejas do ocidente, estando a maior delas na igreja de Sant'Ana, em Düren, Alemanha. Seu culto, em especial na Alemanha aos poucos foi se tornando muito popular na Idade Média. Em 1378, o Papa Urbano IV oficializou o culto a Sant'Ana, e em 1584, o Papa Gregório XIII fixou a data da festa em sua homenagem em 26 de Julho, sendo que o Papa Leão XIII a estendeu para toda a Igreja, em 1879. Na França, o culto da Mãe de Maria teve

⁴Proto-Evangelho: é um apócrifo escrito provavelmente em 150 a.C. Este título surgiu no final do século XVI, quando foi publicado, pois então era chamado apenas de livro de Tiago. Muitos estudiosos consideram o seu texto muito remoto, anterior mesmo aos Evangelhos Canônicos ou até a base deles. A época e seu verdadeiro autor são desconhecidos. Embora tenha sido atribuído a Tiago Menor, filho de Zebedeu, alguns estudiosos refutam essa teoria, uma vez que o autor demonstra relativo desconhecimento do judaísmo. FONTE: Wikipédia

⁵A história de Sant'Ana, mãe de Maria, é relatada no livro de Samuel no Antigo Testamento da Bíblia, o livro mais importante para os cristãos. O livro, que se divide em I Samuel e II Samuel foi escrito entre os anos de 1180 a 1040 a.C. e narra a história de Ana, mulher do judeu Eucana, que sofria preconceitos e discriminação da sociedade da época por causa da sua esterilidade, a qual tornava impossível que gerasse filhos. Na história, de acordo com os costumes da época, seu marido possuía ainda uma outra esposa, de nome Penina, esta por sua vez zombava constantemente Ana por sua incapacidade de ter filhos, então como de costume em uma das idas do casal ao templo de Jerusalém – costume do povo judeu – Ana faz um pedido a Deus, se ela tivesse um filho o consagraria a Deus, tendo seu pedido atendido, Ana dá a Luz a Samuel, que por sua vez passa a ser sacerdote no Templo.

um grande impulso depois das aparições da santa em Auray, no ano de 1623. Sant'Ana também teve sua primeira data comemorativa instituída pelos gregos no dia 24 de julho. Somente já no século XX é que foi instituída uma data fixa para as comemorações da santa, ficando assim, instituído somente o dia 26 de julho. No Brasil colônia, essa herança religiosa veio pelas mãos dos portugueses, que introduziram o catolicismo no Brasil. A devoção do povo seridoense a Sant'Ana, é algo que nasceu quase que no mesmo instante em que foi criada a capela primitiva, a autora Ione Moraes⁶ diz que a origem dos lugares, dos pequenos vilarejos e cidades quase sempre estava atrelada a construção de uma capela dedicada a algum santo, essas práticas sociais deram origem às raízes da devoção do povo seridoense a Sant'Ana. Assim, em 1695 com a construção da primitiva capela dedicada a Sant'Ana, nascia em Caicó a expressão do sentimento e devoção a esta, que se tornou a padroeira de todo o seridó potiguar. Sant'Ana para o povo seridoense, representa não apenas a fé, mas também a tradição e, mais recentemente a modernidade, ela é, antes de tudo símbolo aglutinador e identitário do povo, sua festa, aparece como um epicentro cultural e social, construtora da identidade do povo seridoense.

A LENDA DO VAQUEIRO E A CRIAÇÃO DE CAICÓ

*Lá vem o andor pairando
Por cima da multidão
Sertanejo se benzendo
No ardor da procissão.
'Benção Senhora Sant'Ana,
Protetora do sertão!'
(Chico Moraes)*

Evocamos os versos do poeta popular para apresentar a história dos festejos da Senhora Sant'Ana, mãe de Maria e avó de Jesus, celebrados a cada mês de julho em Caicó, cidade do sertão potiguar, aludindo ao modo como se estabeleceu essa devoção e

⁶MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Seridó Norte-Riograndense: uma geografia da resistência. Caicó, RN: 2005.

por que a Senhora Sant'Ana foi aclamada a Padroeira dos caicoenses. É evidente que a escolha dos santos e santas protetoras dos lugares contém um propósito religioso, ou, expressa um mito detentor de atributo extraordinário ou sobrenatural, reconhecido e aceito pela comunidade que o criou. A lembrança dessa decisão pode até ser apagada pelo curso dos séculos, mas permanecem os fragmentos, os indícios, ou mesmo algum traço, os quais permitem clarear a receptividade ao culto devocional por este ou aquele santo, pelos agrupamentos cristãos (Dupront, 1976).

Por toda uma tradição oral e escrita, sabe-se que o surgimento do lugar Caicó está associado à construção de uma capela votiva dedicada à Senhora Sant'Ana. Por essa tradição, conta-se e reconta-se que ela foi erguida por um vaqueiro que, ao adentrar numa densa mata sagrada, morada de um deus indígena, viu-se repentinamente atacado por um touro bravo. Diante de tão grande perigo, fez um voto à Senhora Sant'Ana de erigir uma igreja, se o livrasse da fúria incontida daquele animal selvagem. Salvo milagrosamente pela Santa, tratou logo de cumprir sua promessa.

Os trabalhos de edificação foram iniciados, estando, todavia, sob a ameaça de serem paralisados devido à escassez de água. Ano de seca sob sol escaldante, a única fonte de água disponível era a de um poço no leito do Rio Seridó. Novamente, o vaqueiro clamou pela intercessão da Santa, que operou mais um milagre: impediu que o poço secasse. Agradecido, passou a denominá-lo de Poço de Sant'Ana e este, segundo conta a tradição local, nunca mais secou, mesmo sob o rigor das longas estiagens.



Poço de Sant'Ana, década de 1930. (foto: Acervo Museu do Seridó)

Historicamente, essa primitiva Capela foi erigida, em 1695, nas proximidades da Casa Forte do Cuó (ou Acauã), à época da “Guerra dos Bárbaros” (1683-1697), pelo comandante das tropas militares e seus ajudantes que combatiam os gentios rebelados. A edificação foi intermediada junto às autoridades eclesiásticas pelo frei Antônio do Amor Divino (paroquiano das tropas das Guarnições da Capela de Olinda) e consagrada pelo mesmo religioso à Senhora Sant’Ana. Aos curas do Piancó (da Capitania da Paraíba do Norte) coube a atribuição de celebrarem ofícios religiosos, batismos e de promoverem o culto devocional, no período compreendido entre os anos de 1699 a 1748.

Nos domínios do imaginário coletivo, foi o milagre que motivou a entronização da Senhora Sant’Ana naquela capelinha, erguida sem ostentação, em meio a pedras e cactáceas, enquanto a historiografia refere-se à popularidade dessa personagem judaico-cristã entre os colonos brasileiros, com culto público celebrado em templos religiosos e devoção privada dentro dos lares, em volta dos oratórios domésticos. Modelo de Mãe e Mestra exemplar, Sant’Ana era tida como padroeira dos mineiros, marceneiros, proprietários de terras (espargindo bençãos sobre as fazendas) e defensora das mulheres casadas, ao protegê-las da morte súbita de seus maridos (Lopes, 2001). Essa devoção venerável foi introduzida no Seridó pela fé do vaqueiro e do senhor (sesmeiro e comandante de tropas) que adentraram nessas terras pelos “caminhos das águas,” rasgando as distâncias para desafiar o intrincado da caatinga e o solo de pedregulhos, áspero e cortante. Afora as lendas que norteiam o imaginário popular, podemos afirmar que, a criação da cidade de Caicó está muito mais ligada aos interesses da coroa portuguesa em interiorizar sua colonização, na historiografia do Seridó potiguar, a ocupação pelo povoamento está ligada à expansão dos circuitos econômicos do gado e do algodão nos séculos XVI e XVII, em virtude da cana-de-açúcar ocupara a costa litoral sul, a saída encontrada pelo governo colonial foi de estabelecer que o sertão ficasse disponível para a prática da pecuária, nesse sentido, a primeira concessão de terras que se deu em território hoje correspondente ao Seridó se daria em 1670.

Em 1683 foi construída a Casa Forte do Cuó, origem da Cidade de Caicó. Os alicerces desta construção ainda se conservam no Sítio Penedo. Esta Casa Forte foi construída por iniciativa do Coronel Antônio de Albuquerque da Câmara, um dos primeiros sesmeiros da Região do Seridó, densamente habitada pelos indígenas Tapuios

(Janduís, Canindés e Pegos ou Paccas). Quando começaram a implantação das Fazendas de gado nesta região, os indígenas reagiram iniciando, dessa forma um conflito que ficaria conhecido como a Guerra dos Bárbaros (1683-1713), travada entre os indígenas, primitivos habitantes dessa região, e os colonizadores que aqui chegaram para iniciar o processo de interiorização dos domínios da coroa de Portugal. Assim, em meados do século XVII, a coroa portuguesa daria, por fim, início ao processo de interiorização da Capitania do Rio Grande, concedendo doações de terras – Sesmarias – que eram destinadas basicamente a pecuária. A construção de uma capela dedicada à Sant'Ana fez com que as pessoas que já freqüentavam o local, pudessem fazer sua morada na terra. Segundo o historiador Helder Macedo⁷ a fundação do Arraial – que deveria chamar-se Queiquó – ocorreu em 1700, porém, somente em 07 de julho de 1735 na Fazenda Penedo, foi instalada oficialmente a Povoação do Caicó, com a colocação do pelourinho, que era o símbolo da autoridade da Coroa e a bênção pelo Padre Messias José Pereira da imagem de Sant'Ana. Esta antiga imagem de Sant'Ana, doada pelo cearense Luiz da Fonte Rangel, encontra-se de pé, até hoje no nicho lateral da Catedral de Sant'Ana, tombada pelo IPHAN desde 1962. A solenidade foi na Praça da Capela e da Casa da Suplicação (Casa da Fazenda). Em 1788 essa mesma povoação seria elevada à categoria administrativa de Vila, e quase um século depois transformada em Município, mais precisamente em 1868. Quanto ao nome “Caicó”, não se sabe ao certo sua origem, o que podemos afirmar é que existem várias versões. No dicionário da língua Tupi-Guarani, por exemplo, deriva da língua Cariri e significa "Mato Ralo". Alguns historiadores acreditam que a região foi habitada pelos índios Caiacós, da família dos Cariris, e que os mesmos denominaram a região de Cai-icó, que significaria "macaco esfolado" por causa dos serrotes cuja vegetação era desmatada.

⁷ MACEDO, Helder A. de M. Contribuição ao estudo da Casa-Forte do Cuó, Caicó-RN. Menme: Revista de Humanidades. v.6, n. 13, dez.2004/jan.2005.



Ruínas da Casa Forte do Cuó (foto: acervo de pesquisa)

Já o pesquisador Olavo de Medeiros Filho, diz que o nome vinha de uma ave agourenta, comedora de cobras e que havia em abundância no curso d'água que passava próximo a casa-forte do cuó, chamado rio Acauã. Os nomes "acauã" e "cuó" seriam sinônimos, a primeira forma em tupi e a segunda em tarairiu, e ambas as formas designavam o pássaro que dava nome ao rio e à região. Considerando a partícula "quei", como sendo "rio", rio Acauã seria o mesmo que "Queicuó", e posteriormente se tornaria Caicó. Porém, a versão mais aceita é a do folclorista Luiz da Câmara Cascudo o qual, fala que o nascimento do nome Caicó vem dos nomes "Acauã" e "Cuó", que designam dois acidentes geográficos (rio e serra, respectivamente). "Acauã" pertence a língua Tupi, enquanto "Cuó" ao dialeto dos Tapuias e Tarairius. Tais tribos ainda identificavam o rio pelo termo "quei", o que sugere que Caicó seja uma derivação de "Queicuó", o mesmo que rio do Cuó. Essa teoria desmistifica a lenda que relata a existência de uma tribo chamada Caiacós, supracitada, pois não há registro histórico algum, que comprove a existência dessa tribo na região.

A religiosidade é um marco característico do povo seridoense, segundo a autora Ione Rodrigues Morais, “a vivência dessa religiosidade, refletia um forte grau de

conformação a providencia celestial, a quem se atribuía a abundancia das chuvas ou os rigores da seca, portanto, tudo estava nas mãos de Deus”⁸.

A fé e a confiança na força sobrenatural da avó de Jesus podem ser percebidas na toponímia de acidentes geográficos e de núcleos populacionais – Serra de Santana, Ilha de Santana, Poço de Santana, Barra de Santana, Santana do Seridó – ou nos lugares habituais de culto: igrejas, capelas e oratórios a ela dedicados, cujo inventário é revelador das devoções, atos religiosos e festivos dos povoadores do Seridó antigo e seus descendentes.

PRIMÓRDIOS DA CELEBRAÇÃO: O SÉCULO XVII E XVIII

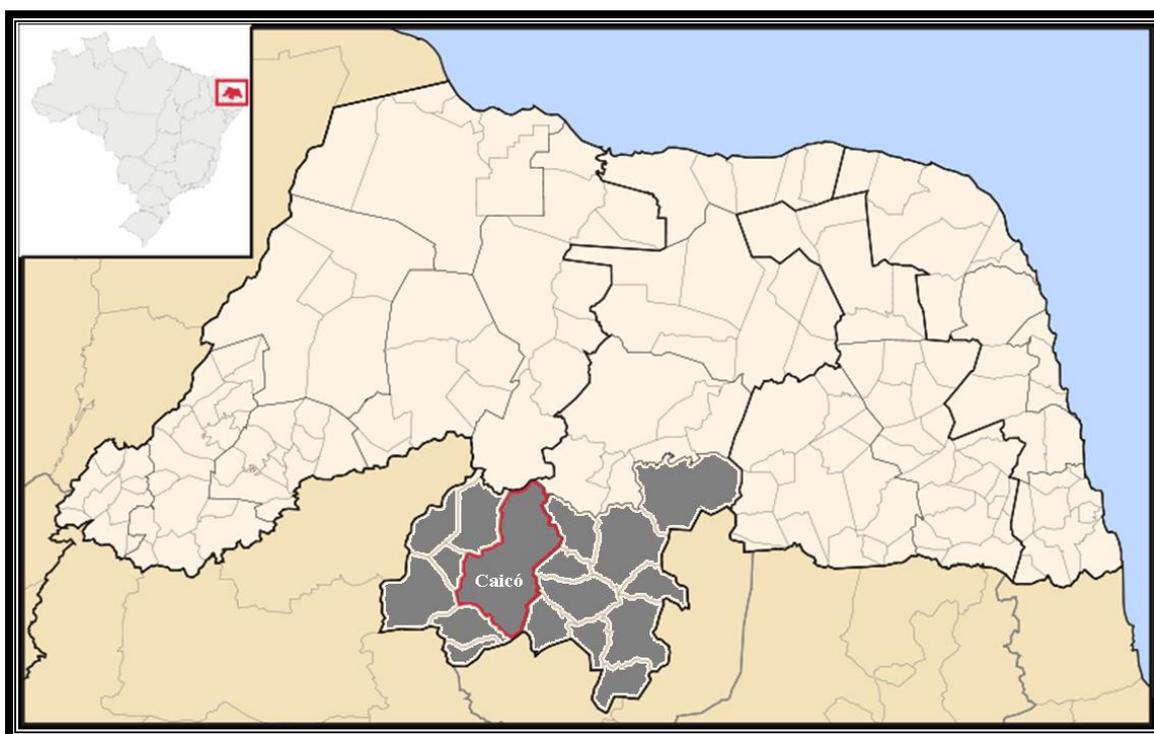
Ao interpretar os postulados que tecem os alicerces dessa prática devocional, um questionamento se impõe: em qual ano começou a ser celebrada a Festa da Senhora Sant’Ana de Caicó? Há uma tendência em considerar-se a primeira Festa quando da instalação solene da Freguesia, com título e invocação de Sant’Ana do Seridó, pelo padre Francisco Alves Maia, em 26 de julho de 1748. Naquele mesmo dia, o primeiro cura da Freguesia e as pessoas “de melhor nota” escolheram um novo lugar para a construção da Matriz (atual Catedral) e da residência do vigário, uma vez que a primitiva Capela havia sido construída em terreno acidentado, o que dificultava o acesso de pessoas idosas.

Todavia, essa data vem sendo contestada pelos historiadores locais que consideram um equívoco de interpretação atrelar a primeira Festa à instalação da Freguesia. Se, no ano de 1699, foram concedidas indulgências à Capela de Senhora Sant’Ana do Acauã (ou Cuó), se havia uma população, mesmo rarefeita, que se movia em torno do Arraial e, ainda, se os curas do Piancó prestavam assistência espiritual e religiosa aos moradores da Ribeira do Seridó, sem dúvidas, a Festa foi celebrada desde o início do setecentos.

Mais um indício, não menos impactante, emerge da documentação para emprestar aos historiadores os elementos que lhes asseguram afirmar a celebração dos

⁸MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Seridó Norte-Riograndense: uma geografia da resistência. Caicó, RN: 2005.

festejos antes de 1748. Durante a cerimônia pública para instalar a Povoação do Caicó, o padre Messias José Pereira celebrou uma missa na Praça da Capela de Sant´Ana e da Casa de Suplicação, em 7 de julho de 1735. Após o rito litúrgico, a população beijou a imagem da santa (doação de Luiz da Fonte Rangel), cujo gesto religioso exprimiu a reverência para com o “objeto” investido de sacralidade; ao mesmo tempo, a renovação do fervor devocional que se inscreve no culto coletivo para com a protetora do lugar.



Região Seridó (elaborado a partir do mapa de Darlan P. de Campos)

A isso se acrescentam as disposições tridentinas sobre a veneração das sagradas imagens e sobre a promoção dos dias de festa em honra aos santos patronos pelos católicos. E, em fins do século XVI, Ana (do hebraico *hannah*, que significa graça, misericórdia) teve sua festa pública introduzida no calendário litúrgico da cristandade para o dia 26 de julho. Assim, se a nota geral da religiosidade dos católicos, naqueles tempos de antanho, era dada pelas festas, é evidente que os núcleos urbanos cultuavam festivamente os santos titulares de suas igrejas e capelas. E, em Caicó, não foi diferente. Essa corrente vem tomando cada dia mais corpo entre alguns religiosos

estudiosos dos festejos de Sant'Ana no Seridó, embora ainda não haja fontes cabíveis que comprovem tal fato.

Nesse sentido, indaga-se ainda: qual a composição do cerimonial para exaltação de Senhora Sant'Ana, celebrado em Caicó, nas primeiras décadas do século XVIII? Conquanto as fontes documentais sejam lacunares, é possível vislumbrar as primeiras manifestações festivas se for considerado o contexto histórico e religioso daquela época. A realização de um tríduo religioso, pelo menos, deve ter acontecido com a presença obrigatória dos poucos moradores do lugar e de seus arredores até uma légua de distância, conforme determinavam as Ordenações do Reino. Pelo cerimonial instituído pela Igreja Católica, os atos litúrgicos possivelmente envolveram repiques de sino, iluminação da capela, missas, récita de orações, tendo como ponto alto a procissão conduzindo o andor com a imagem da Santa. O cortejo provavelmente foi formado pelo sacerdote, seguido pelos agricultores, criadores e vaqueiros instalados na Ribeira do Seridó, acompanhados pelos moradores do Arraial que, compungidos ou alegres, formulavam as suas preces em meio aos cânticos religiosos.



Detalhe da imagem primitiva de Sant'Ana (foto: acervo da pesquisa)

Não se sabe ao certo quando os festejos para louvar a Senhora Sant'Ana passaram a ter maiores solenidades no âmbito da Freguesia do Seridó. É bem provável que, fundada a Irmandade de Sant'Ana, em 1754, nova composição festiva tenha sido introduzida, uma vez que competia a essa associação de leigos promover a devoção à excelsa Padroeira e organizar ano-a-ano as suas festividades. Enquanto eficiente instrumento de sustentação material do culto, também era sua atribuição fornecer as opas aos “irmãos” e assumir os dispêndios com os paramentos litúrgicos, ornamentos, música, foguetório e iluminação interna do Templo. Ao invés de tríduo religioso, a reza do novenário, as missas cantadas e os *Te-Deuns* de glorificação ao divino. No término dos festejos, a realização da procissão pelas ruas do Povoado, em cujo séqüito hierarquizado destacavam-se os sacerdotes, as autoridades, os “irmãos” das Irmandades

de Sant'Ana e do Santíssimo Sacramento (criada em 1756) e, por fim, os devotos da Santa. À noite, a Matriz ganhava luminárias que anunciavam aos moradores do lugar haver, no dia seguinte, celebrações mais solenes. Desse modo, o rito litúrgico era revestido de pompas para estabelecer a distinção dos atos religiosos semanais e para realçar a grandeza e o poder do sagrado.

Na crônica do sertão, as festas religiosas representavam não somente uma manifestação de fé e devoção coletiva, mas também momento de sociabilidade, educabilidade e conagração. Por assim ser, o ato de festejar mereceu por parte do Bispo de Pernambuco – Dom Thomaz da Encarnação Costa e Lima – em 1777, disposições normativas disciplinadoras, em especial, contra a prática abusiva de novenas em casas particulares com festejos e solenidades próprias da Igreja. Ao mesmo tempo, propôs a proibição de danças, bebidas e cânticos ilícitos, por serem ofensivos à religião católica, à moral e aos bons costumes.

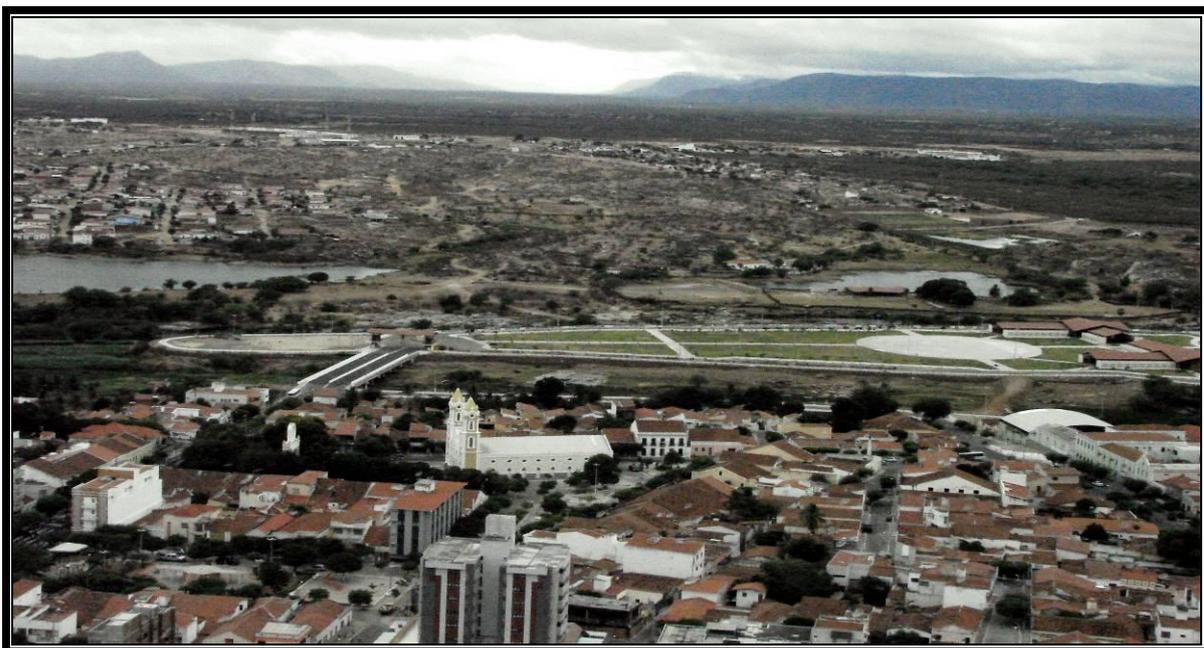
CAICÓ: CIDADE MONUMENTAL

A primitiva capela edificada sob a invocação da Senhora Sant'Ana no século XVII, situava-se em local acidentado e de difícil acesso, fato que contribuiu para que se construísse uma nova sede, em espaço mais acessível, principalmente devido ao crescimento da freguesia e pelo fato de também a capela ter sido elevada ao posto de Paróquia, hoje, atual Igreja Matriz de Sant'Ana de Caicó.

Uma vez creada [sic] a parochia [sic], tornou-se necessário Construir a Egreja (sic) Matriz de Sant'Anna do Seridó. Por termo De 26 de julho de 1748, o Pe. Francisco Alves Maia, cura da freguesia [sic] recém-creada [sic] vindo do lugar do Caicó, designou-a para a fundação e erecção da Matriz de Sant'Anna por ser o mais conmodo e o povo poder concorrer com mais conveniência.⁹

⁹Trecho da cópia do termo de criação da paróquia de Sant'ana, registrada pelo vigário Manoel José Fernandes em 27 de novembro de 1845, encontrada no livro de tomo número 1 da Paróquia em Caicó. (DIOCESE DE CAICÓ, 1990)

Com a instalação da freguesia da Gloriosa Senhora Sant’Ana do Seridó, em 26 de julho de 1748, os seridoenses deliberaram sobre a escolha de um novo local para ser erguida a Matriz, conforme registrou na época o Padre Francisco Alves Maia, primeiro vigário da recém criada freguesia. Iniciada a construção de um templo maior - a atual Catedral de Sant’Ana - a antiga capela perdeu parte de sua importância, funcionando a partir daí como Capela de Nossa Senhora do Rosário. Seu desaparecimento ocorreu entre 1789 e 1800. Atualmente, restam seus vestígios junto à Casa-Forte do Cuó, como marco das primeiras construções do Seridó.



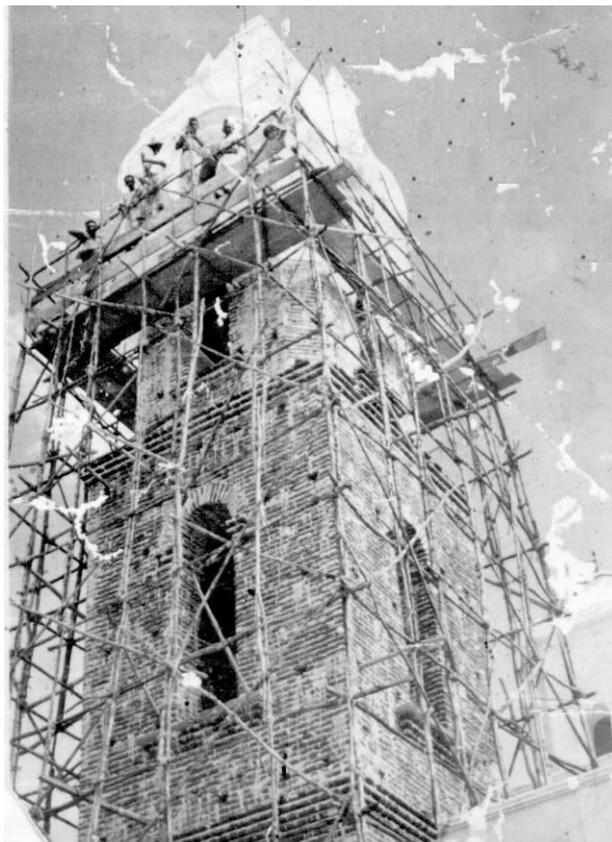
Vista panorâmica de Caicó. (fonte: Prefeitura Municipal de Caicó)

No transcorrer dos anos, o terreno doado para a construção da Paróquia de Sant’Ana foi aos poucos tendo suas dimensões alteradas, desde o início da construção da Matriz em 1748, até sua finalização no paroquiado do Pe. Francisco de Brito Guerra¹⁰ entre 1804-1843, segundo fontes colhidas junto a Diocese de Caicó. Hoje, a Igreja Matriz apresenta frontispício curvilíneo, ladeado por duas torres sineiras. Possui uma porta central, assentada em vão de arco pleno, ladeada por duas outras portas em

¹⁰ Figura expressiva na política provincial e imperial, o padre Brito Guerra teve sua primeira legislatura, como deputado geral, entre os anos de 1831 e 1833 e foi senador vitalício do Império em 1837. Foi projeto seu a Lei de 25 de outubro de 1831 que delimitava o território do Seridó fazendo-o definitivamente pertencer à Província do Rio Grande do Norte, acabando com a polêmica com a Paraíba que reivindicava essa porção espacial para si. A edificação assobradada revolucionou as técnicas de construção até então vigentes na região, sendo um marco para a época e impulsionando o desenvolvimento urbano de Caicó.

vãos de arcos ogivais, todas com cercaduras de massa. No coro existem três janelas protegidas por guarda-copos de ferro. Seu interior é constituído por capela-mor, naves, coro e pia batismal. A Catedral localiza-se na Praça que recebe o nome do Monsenhor Walfredo Gurgel, padre, educador e político caicoense. Um dos fundadores do Ginásio Diocesano, deputado, senador e governador do Rio Grande do Norte.

A então Igreja Mariz de Sant'Ana de Caicó passou por várias transformações, uma delas em 1823, e outra para o acréscimo da segunda torre, em 1955, quando era bispo Diocesano D. José Adelino Dantas, foi também durante o seu bispado que foi erguido o Arco do Triunfo, em homenagem a passagem de N.S. de Fátima por Caicó em 1953. O templo passou ao longo dos anos por diversas reformas, a fim de torná-lo mais claro, ventilado e funcional. Em 1920 foram suprimidas as tribunas, as cadeiras individuais foram substituídas por bancos coletivos e instalada a iluminação elétrica no seu interior, nos anos de 1960-1970, os altares da nave central (exceto o altar mor), e das naves laterais foram retirados e na década de 1980 foi erguida a segunda torre e construída a capela em honra a N.S. de Fátima na nave lateral, ao longo da década de 80 e início de 90, várias outras pequenas reformas e mudanças foram feitas na Catedral.



**Construção da segunda torre da Matriz de Sant'Ana.
Foto: Acervo Museu do Seridó**

O local que hoje abriga a Matriz de Sant'Ana também é rodeado por um belíssimo conjunto arquitetônico bem conservado apesar do tempo, dentre eles podemos citar o sobrado que serviu durante um bom tempo de casa para o Padre Guerra, esse sobrado teve sua construção iniciada em 1810 e foi concluído um ano depois. Esse sobrado apresenta dois pavimentos, tendo uma sóbria fachada, na qual se divisam cinco portas e igual número de janelas, estas protegidas por grades de ferro. O seu interior já sofreu alterações. A mobília original, infelizmente, já se perdeu com o tempo; consta que o padre Guerra utilizou móveis de madeira de lei e talheres, copos, colheres, estribos, salva, brida de prata. Ele o construiu, após ter retornado do Rio de Janeiro, depois de ter se submetido ao concurso para provimento do cargo de vigário colado (sacerdote fixo, na época nomeado pela coroa), da freguesia do Seridó. Passou a residir no sobrado, acompanhado de sua mãe e das irmãs, morou por 34 anos, e veio a falecer no Rio de Janeiro, no dia 26 de fevereiro de 1845. No prédio, funcionou por muito tempo a primeira Escola de Latim do Seridó. Hoje o sobrado abriga a Casa de Cultura

do município de Caicó, porém seu estado inspira cuidados, e precisa ainda ser restaurado. Além do famoso sobrado, podemos perceber no entorno da Matriz, um vasto casario de diversos estilos arquitetônicos que vai desde o estilo colonial ao moderno.

CONSOLIDAÇÃO, MUDANÇAS E RESTRIÇÕES: O TRANSCORRER DO SÉCULO XIX

No entorno das construções das primeiras capelas ainda nos séculos XVI e XVII, formaram-se os núcleos centrais das cidades, as edificações das capelas ocorriam, como já citado anteriormente, em sua maioria como cumprimento de promessas aos santos devotos de seus benfeitores. No outono do século XVIII e nos alvares do século XIX, para a Vila do Príncipe, até então única Freguesia e município do Seridó, convergiam os caminhos vários que traziam os fazendeiros e suas famílias para as festas de Igreja. Chegavam a cavalo, bem cedinho, para fugirem do calor do sol, sendo seguidos pelos arrieiros que tangiam as mulas com as cargas de alimentos, roupas e objetos. As casas da “rua”, que permaneciam quase sempre fechadas, eram abertas para as festas: da Padroeira – a Gloriosa Senhora Sant’Ana – de Nossa Senhora do Rosário, das Benditas Almas e para as comemorações natalinas. Essas festividades representavam uma trégua na rusticidade da vida cotidiana do mundo rural e mesmo da pequena Vila.



Festa de Sant'Ana no final do séc. XIX (foto: Acervo Museu do Seridó)

No entanto, a Freguesia da Gloriosa Senhora Sant'Ana do Seridó, no ano de 1809, foi surpreendida com a decisão do Visitador Geral e Delegado dos Crismas dos sertões baixos do Norte – Padre Inácio Pinto de Almeida e Castro – que, num presumível arroubo de autoridade eclesiástica, proibiu categoricamente qualquer celebração noturna na Igreja Matriz e capelas de toda a Freguesia, exceção para os últimos três dias da Semana Santa, Noite de Natal, e no caso de levar-se o Viático a algum enfermo.

Não há indícios que possam justificar os motivos para a adoção dessa medida e até quando ela vigorou nos limites da Freguesia do Seridó. Seria a noite propícia à transgressão ou eram as festas que ensejavam diversões consideradas inaceitáveis pelo Padre Visitador? É certo que a pedagogia católica prescrevia aos fiéis uma determinada orientação de vida pautada na oração, na penitência, na virtude cristã e na recusa a tudo que pudesse afastá-los da prática religiosa fervorosa. Ou seria, ainda, uma medida econômica para evitar gastos avultados com as velas? De fato, a despesa com a iluminação das igrejas onerava os cofres das irmandades de leigos que mantinham o culto aos santos patronos, desequilibrando as suas contas. O acatamento a essa medida deve ter limitado as manifestações festivas do antigo modo de vida da Vila do Príncipe, onde se misturavam singelamente a devoção e a diversão.

Parece-nos que o condicionamento dos ofícios religiosos da Freguesia da Gloriosa Senhora Sant'Ana do Seridó à duração do dia, onde metaforicamente a luz se opõe às trevas, vigorou por pouco tempo. Segundo o escritor José Melquíades, durante o vigariato do Padre Brito Guerra (1802-1845), a Matriz de Senhora Sant'Ana passou a ser conhecida em todo o sertão pelo “esplendor de suas alfaias” e pela suntuosidade das celebrações festivas, que emprestavam novos atrativos às populações espalhadas na amplidão da paisagem sertaneja (Melquíades, 1987). Tal afirmação pode ser um indicativo para a realização de cerimônias múltiplas à noite, uma vez que a profusão luminosa dos círios no interior do Templo realçava o fausto das alfaias e a estética dos ornamentos, bem como a pompa dos ritos litúrgicos.

A vida social da Vila do Príncipe gravitava basicamente em torno dos festejos da Padroeira que, a cada ano, tornavam-se mais concorridos, atraindo devotos, festeiros, negociantes e artistas populares das províncias de Pernambuco, do Ceará e da Paraíba, principalmente. As manifestações exteriores ao culto devocional causavam apreensão nas autoridades civis, que temiam o cometimento de excessos em meio ao entusiasmo festivo da comunidade visitante e dos moradores locais.

Assim, a ordenação do espaço e do tempo festivo seguia normas e regras determinadas. Em dispositivo de 1835, a Câmara Municipal da Vila do Príncipe regulamentou a apresentação de espetáculos públicos nas ruas do vilarejo durante os dias de Festa e a venda de bebidas “espirituosas,” de modo a assegurar a prática de entretenimentos em consonância com a ordem social, a moral cristã e os costumes sertanejos. Outrossim, em 1855, a municipalidade fixou o horário de funcionamento dos divertimentos e das “funções com vozerias” nos limites urbanos da Vila, os quais não podiam exceder às nove horas da noite para que não perturbassem as famílias e o sossego público.

Durante o século XIX, as grandes cerimônias litúrgicas continuaram reservadas aos festejos de Senhora Sant'Ana: suas solenidades, seus simbolismos, seus propósitos formativos, suas atrações não cessavam de crescer a cada ano. Mais do que em qualquer outro lugar sertanejo, a Festa assegurou a afirmação do prestígio das autoridades locais (religiosas e civis) perante o poder público provincial.

É por isso que, no ano de 1861, o Presidente da Província, o Comendador Pedro Gomes de Leão Velloso (que governou o Rio Grande do Norte de 1861-1863), alimentador da idéia de que, por meio da difusão da fé católica, a Igreja opera na educação e progresso das sociedades, visitou a Vila do Príncipe em Festa da Padroeira. (“Relatório apresentado à assembléia [...]”, 1862). Com essa visita, o Presidente Leão Velloso inauguraria, naquele longínquo ano, uma prática político-social que ganharia seguidores através dos anos, a qual se mantém nos tempos atuais: visitar a cidade em Festa de Senhora Sant’Ana.

Fez-se acompanhar pelo Deputado Provincial e historiador Manoel Ferreira Nobre, este na condição de Ajudante de Ordens e de cronista da sua visita oficial e da aparição pública ao lado da população em festividade. Atento aos ornamentos, às alfaias, à magnificência e esplendor do culto devocional, asseverou Ferreira Nobre que a Festa foi bastante concorrida, tanto pelos moradores locais quanto pelos das freguesias vizinhas, bem como pelos negociantes de outras províncias que afluíram à Vila nos dias dos festejos. Chamaram-lhe a atenção os gestos de boas vindas aos visitantes, bem como a elegância e o jeito das mulheres caicoenses “de costumes puros, sinceras nas suas afeições e fiéis aos deveres de família e religião” (Nobre, 1971).

Nas vilas interioranas, se as festas traduziam a força da classe dirigente, elas também revelavam o dinamismo econômico do lugar, a organização do urbano, ao mesmo tempo em que exprimiam a aparente unidade da comunidade social que celebrava em exultação seus santos e santas patronas. Em meio ao entusiasmo manifesto, tornou-se um imperativo para o poder público da Vila do Príncipe proporcionar aos visitantes, aos devotos e festeiros um ambiente acolhedor, aprazível e uma paisagem urbana civilizada.

No ano de 1864, a municipalidade regulamentou a execução dos trabalhos de pintura das casas, reparos das calçadas e limpeza das ruas, para o início do mês de julho (o mês de Senhora Sant’Ana), sob pena de seus proprietários serem multados se assim não procedessem. Tal medida revela, emblematicamente, como a Vila foi se organizando em função da Festa, a qual promovia a ocupação das suas ruas e praças para a vivência de muitas cenas culturais e pedagógicas.

Atrações educativas - visuais, cênicas e literárias - tais como: queima de fogos, cosmoramas, representações teatrais, comédias, mágicas, danças de corda e apresentação de poetas e cantadores populares eram proporcionadas aos festeiros após as novenas. Nos últimos dias dos festejos, eram promovidos “certames” literários entre os poetas e improvisadores de trovas e cantigas, os quais ensejavam lições e aprendizagens para a sociedade sertaneja, do mesmo modo em que proporcionavam lineamentos de coesão social.

A variedade dos espaços de sociabilidades e a diversificação dos entretenimentos nas celebrações festivas permitiram aos legisladores da Cidade do Príncipe, em 1871, estender o horário de funcionamento das lojas, das tabernas e das diversões públicas para as dez horas da noite, durante o período da Festa de Senhora Sant’Ana, instituindo assim o “tempo do permitido” e alterando a rotina diária da vida cidadina.

Não é demais repetir, que as celebrações festivas continuaram à pleno vapor, no final do século XIX, cada vez mais revestidas de solenidades e ritos litúrgicos que tinham por fundamento reavivar uma encenação da permanência dos postulados católicos, culturais e educativos no seio das famílias sertanejas. Nesses tempos de outrora (bem como hoje em dia), longos preparativos precediam os festejos, os quais envolviam a organização do cerimonial sócio-religioso, o recolhimento das anuidades da Irmandade de Sant’Ana, o recebimento de prendas para o leilão, a preparação dos foguetórios, a contratação da banda de música, a limpeza das ruas e pintura das edificações da cidade e, de modo todo especial, a ornamentação do templo religioso.

Nos termos apregoados pelo semanário “O Povo”, a Festa de 1890 foi aguardada com entusiasmo pelos caicoenses, uma vez que estavam sendo programadas diversões populares e “importantes bailes” a serem patrocinados pelas famílias da sociedade local. A programação das festividades para exaltar a Padroeira da cidade ganhava (dessa data em diante) maior dizibilidade e visibilidade pelas páginas da imprensa periódica local ao anunciar as cerimônias religiosas dos dez dias de festejos, que começavam numa quinta-feira e terminavam no primeiro domingo após o dia consagrado à Senhora Sant’Ana. Também eram divulgadas as atrações culturais e

sociais, bem como noticiadas as iniciativas do comércio local em face desse evento festivo.



Procissão de Sant'Ana, em 1890. (Foto: Bruno Bogard, no Acervo do Museu do Seridó)

Para atender as exigências dos fregueses, as lojas, instaladas na Praça do Mercado (hoje, Praça da Liberdade), renovavam os seus estoques para apresentar à clientela uma variedade de artigos de qualidade e de acordo com os padrões da época. O observador do semanário “O Povo” anotou, em 1890, que os pais de família abriram mãos de suas economias para as meninas trajarem de acordo com os ditames da elegância urbana. Vestir-se bem era uma norma compartilhada pelos estratos sociais com maior poder aquisitivo - ao mesmo tempo indicativo de bom gosto e distinção. Com efeito, afirmou Manoel Dantas que para cultivar esse refinamento as famílias de posses faziam compras uma vez por ano na “praça” do Recife, de onde traziam sempre o que existia de novo em matéria de vestuário (Dantas, 1941).

Bem vestidos, os devotos e festeiros, após o novenário, postavam-se no adro da Igreja Matriz e suas adjacências para assistirem à queima de fogos de artifício. Durante alguns anos, os artistas Joaquim Cordeiro e Inácio de Loyola proporcionaram ao público

ávido por novidades um espetáculo pirotécnico digno de nota, oferecendo-lhe, de modo bem especial no ano de 1890, um “girassol” e um “amor-perfeito,” os quais deslumbraram os espectadores pela sua beleza luzidia. Ao lado das figuras riscadas nos céus pelos “fogos de vista,” espocavam as girândolas de dez dúzias de foguetões e os cordões de bombas que retumbavam, ao longe, entre as serras que circundam a cidade.

Vivenciar o espaço festivo com suas luzes, sons, imagens, aromas e sabores, bem como ampliar os momentos de sociabilidade e reafirmar laços de amizade e de vizinhança, confirmam a função social, estética, cultural e educativa dos festejos da Gloriosa Senhora Sant’Ana de Caicó. Destarte, a Festa reveste-se de ensinamentos, atrativos e ornamentos exteriores ao cerimonial religioso, que asseguram a sua continuidade no tempo histórico.

No período dos festejos, as ruas ganhavam iluminação e adornos especiais com muitos arcos floridos, em face de novas exigências criadas pelas famílias e visitantes. As pessoas ocupavam os logradouros públicos em busca de lazer e de conagraçamentos vários: praticavam as brincadeiras de tiro ao alvo, as “pescarias” e as corridas de argolinha que produziam diversão e competição entre os jovens festeiros. Buscavam as barracas de bebidas (incluindo os licores e aluás produzidos na cidade), de bolos, de doces – sendo muito apreciadas as puxa-puxas e os alfenins de Açú, cujo sabor, forma e cores agradavam à meninada.

Com a criação da Banda de Música “4 de Maio”, na década de 80 do século XIX, a Festa de Senhora Sant’Ana ganhou novo brilhantismo proporcionado pelas notas harmoniosas executadas pelos instrumentistas dessa agremiação, sob a regência do professor e maestro Manoel Fernandes de Araújo Nóbrega. Apresentava-se bem ensaiada, afinada e com bom repertório de peças variadas e modernas para um público que começava a descobrir o gosto pelo gênero musical tido como erudito. Extinta essa banda, uma nova filarmônica foi formada na cidade, em 1907, por iniciativa do Dr. Augusto Monteiro, recebendo, em 17 de Novembro de 1909, o nome de “Recreio Caicoense,” afirma padre Eymard L’E. Monteiro. Mais do que compor a atmosfera musical da cidade, acompanhava os ofícios religiosos e animava os festejos sociais promovidos pelos organizadores da Festa.

No passado, assim como no presente, às cinco horas da manhã, a “Furiosa” (carinhosamente apelidada pelos caicoenses) garbosamente desfilava pelas ruas do Caicó antigo para despertar os moradores da cidade com a sonoridade das marchas, dos dobrados e espocar dos fogos. Era a alvorada festiva, anunciando mais um dia de celebrações religiosas, de folguedos e atrações diversas. Ao meio dia, era o momento da tocata. A banda postava-se no patamar da Igreja, perto do mastro onde ficava hasteado o estandarte da Santa. Na escrita de Luciano Herbert, depois da saudação musical a Senhora Sant’Ana, “a banda saía pelas ruas da cidade executando seu repertório e arrastando atrás de si um grupo de meninos que acompanhava o passo lento e cadenciado dos músicos” (Herbert, 1983). Entre o ano de 1918 e a década de noventa do mesmo século, passou a exhibir-se, após a novena, no coreto da Praça da Liberdade: era o momento da retreta, pura poesia musical para o deleite e emoção de muitos festeiros e dos casais de namorados.



Banda de música caicoense no início do século XX. (foto: Acervo Museu do Seridó)

Esporadicamente, era contratada outra filarmônica para o “abrilhantamento da Festa de Sant’Ana.” Cita-se, como exemplo, a Festa de 1924 que contou com a participação da Banda de Música do Batalhão de Segurança da capital do Estado. Era a primeira vez que uma banda militar apresentava-se no Seridó e, particularmente, em

Caicó, informa o jornal “O Seridoense.” Mas não foram somente no contexto da festa em si que as mudanças aconteceram, ao longo desses dois séculos de festividades e devoção, também a Igreja Matriz passou por várias transformações, uma delas bem visível, segundo o padre Antenor, foi a construção da segunda torre, antes a igreja possuía apenas uma, porém ao ser elevada ao posto de Igreja Matriz, segundo o padre, fez-se necessária a construção da segunda torre da Igreja, ainda no mandado do Padre Guerra, visto que, precisava-se de uma segunda torre para abrigar os sinos que a igreja passaria a possuir como Matriz, outra mudança significativa foi a construção de um arco em homenagem a Nossa Senhora de Fátima: o Arco do Triunfo. Foi erguido para comemorar a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima ocorrida aos 22 de novembro de 1953, quando D. José Adelino Dantas era bispo diocesano e quando era pároco de Sant’Ana o Mons. Walfredo Gurgel. A devoção a Nossa Senhora de Fátima foi amplamente divulgada nos fins da primeira metade do século XX, quando foi reconhecida oficialmente pela Igreja a partir da aparição da Virgem Maria a três crianças na pequena aldeia de Fátima, em Portugal, no ano de 1917. A sua venerável imagem, desde então, tem peregrinado pelo mundo inteiro levando a mensagem de Fátima.

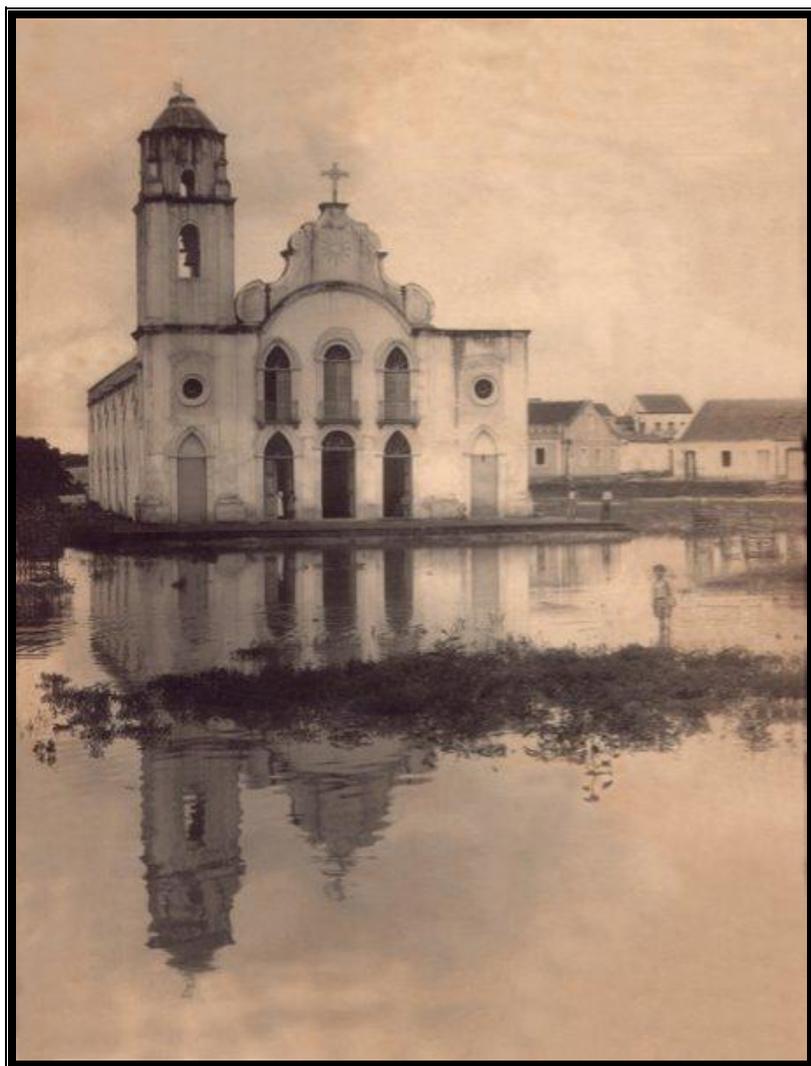
A MODERNIDADE: O ADVENTO DO PROGRESSO E SUA INFLUÊNCIA

Ao longo dos tempos, diferentes tipos de entretenimentos ocuparam os espaços públicos da cidade, cuja destinação considerava as diferenciações sociais (elites e populares) e, ao mesmo tempo, as oposições entre homens e mulheres, solteiros e casados, adultos e crianças. Nesse sentido, uma diversão bem diferente chegava a Caicó, em julho de 1906: era o carrossel de Francisco Azevedo, que se tornou o divertimento preferido da meninada e da rapaziada (Monteiro, 1944). No ano seguinte, nos termos do correspondente do jornal Comércio de Mossoró, novamente, “tivemos a boa diversão do Carrossel que foi muito concorrida”, trazendo, mais uma vez, a alegria esfuziante para os apreciadores desse brinquedo.

Com as diversões ampliadas, ano após ano, os parques animaram (e continuam animando) os festejos de Senhora Sant’Ana, com o balanço das canoas, o barulho e o

colorido dos jipes, o encantamento da roda-gigante, dentre tantas outras atrações modernas. Na crônica de José Lucas, no suave embalo da roda-gigante, os casais de namorados ascendiam às alturas, sob um céu estrelado, para contemplarem a cidade aos seus pés (Lucas, 1983). Bem agarradinhos, escutavam pelo serviço de alto-falantes do Parque Lima os sucessos musicais do momento, que lhes eram dedicados em código ('de um apaixonado para uma jovem trajando vestido azul'), para que não fossem identificados pelos bisbilhoteiros do Jornal da Festa. Tudo isso conferia ao público festeiro o regozijo redobrado e a emoção intensa vivenciada nas tardes amenas e nas noites coloridas do mês consagrado à Senhora Sant'Ana.

Efetivamente, no transcurso dos séculos, a Festa se constituiu em monumento patrimonial de diversões culturais e educativas para expor a vitrine das novidades a serem experimentadas na cidade. Mas, sem dúvida, a novidade surpresa foram os dois aparelhos cinematográficos, instalados em salas da Intendência Municipal durante a Festa de Senhora Sant'Ana de 1910, momento em que os caicoenses puderam assistir, pela primeira vez, à projeção de imagens em movimento. Dessa data em diante, os cosmoramas, com seus quadros fixos de paisagens naturais, de cidades e de batalhas sangrentas, deixaram de ser atrativos para ceder lugar ao cinema, exibido a cada mês de julho. Somente no ano de 1925, em plena Festa de Senhora Sant'Ana, Enico Monteiro inaugurou um cinema de sua propriedade para ser integrado à vida cultural de Caicó.



**A Matriz de Sant'Ana no ano de 1924, durante uma das cheias do Rio Seridó.
Foto: Acervo Museu do Seridó.**

As famílias promoviam eventos sociais em benefício da Matriz ou das obras sociais da cidade os quais se tornavam muito concorridos: os leilões, as quermesses animadas pelas retretas da Banda “Recreio Caicoense,” as feiras de caridade (substituídas, anos depois, pela feira de comidas típicas), as barracas, os “chás dançantes” (organizados pela professora Júlia Medeiros), os bailes realizados no Pavilhão da Festa e em residências, constituindo-se em ocasiões propícias ao aprimoramento das maneiras de sociabilidade do caicoense. É certo que, no modo polido de comportar-se das mulheres e homens, residia o sucesso desses acontecimentos realizados no interior das festividades devotadas a Senhora Sant’Ana.

A Festa também se apresentava como momento ideal para a difusão de padrões e valores culturais modernos. Para tanto, contaria com a atuação da imprensa local, em especial d'O Binóculo, do Jornal da Festa, do Jornal das Moças e d'O Novenário. À medida que esses periódicos procuravam inspirar entre os caicoenses padrões e valores modernos, buscavam igualmente legitimar novos estilos de vida em detrimento de outros por vezes superados.

O mais eficaz exemplo dessa sagacidade consistiu na promoção de um concurso, encetado pelos redatores d'O Binóculo, para a escolha da jovem mais simpática da Festa de Sant'Ana no distante ano de 1916. A eleita foi a senhorita Maria da Nóbrega, cuja vitória repercutiu nas "rodas da elite caicoense" como legítima, por resumir os verdadeiros traços de uma simpatia cativante. No ano seguinte, o mesmo periódico promoveu um concurso de beleza, sendo agraciada a jovem Delmira Araújo com o título de "A mais bela da Festa." Sucederam-se outros concursos organizados pelo Jornal da Festa sempre no período dos festejos de Senhora Sant'Ana: no ano de 1926, Theresa Dantas foi a ganhadora e, em 1927, a jovem considerada a mais linda da Festa foi Generosa Araújo.

De todos os concursos até então realizados, o que mais mobilizou os caicoenses, inclusive as autoridades do município, as quais foram indicadas para a comissão apuradora de votos, foi o "certame" para a escolha da Rainha da Festa de 1930. O Jornal da Festa justificou a realização desse evento, alegando que "todos os países do mundo civilizado têm feitos concursos, inclusive o nosso Brasil com o fim de escolher a sua Miss." Com apenas quatorze anos de idade, a jovem Severina Dantas (sobrinha da professora e feminista Júlia Medeiros) foi a grande vitoriosa, sendo coroada no salão nobre da Prefeitura Municipal. Em sua homenagem, a sociedade caicoense ofereceu-lhe um baile com a orquestra regida pelo Maestro Manoel Vitoriano de Fontes (Bedé), que proporcionou um belo espetáculo festivo na cadência desse novo estilo de vida em ascensão (Medeiros; Araújo, 2006).

Ao colocar em evidência a prática de realização desses concursos como marca distintiva de uma dinâmica cultural recente, a imprensa periódica, promotora desses "certames," oferecia às jovens das elites caicoenses possibilidades de romperem com a imagem idealizada e simplória de mulher recatada, aparentemente restrita ao ambiente

doméstico. Em oposição à mentalidade conservadora de certos setores desse universo sertanejo, os intelectuais da cidade aclamavam a nova imagem de mulher – sofisticada, culta, bela, profissional e feminista – condizente com o alargamento da esfera pública em detrimento da esfera íntima (Medeiros; Araújo, 2006).

Na programação social, o evento mais esperado e comentado era o baile que se realizava no prédio da municipalidade de Caicó, após o encerramento dos festejos religiosos, cujo ambiente ganhava uma decoração primorosa, iluminação e perfume de essência de eucalipto. Acontecimento fechado para a maioria da população, estava aberto para a confirmação de namoros, oficialização de noivados ou mesmo para reforçar os laços de amizade e de convivialidade estabelecidos antes e durante os festejos da Padroeira (Medeiros; Araújo, 2006). Assim, o Baile da Festa constituía-se no ápice da programação social. No testemunho escrito de uma freqüentadora – a professora Iracema Bezerra Trindade:

Cada família primava pela boa apresentação de seus membros – todos muito bem trajados: as mães em suas galas de jóias, rendas e leques; as moças com luvas e flores; era um convite à boa educação dos rapazes, de prestigiar sua dama com cuidado de nem amassar a flor da cintura.¹¹

Depois de um longo período, os bailes animados pelas grandes orquestras, promovidos pelas (e para as) elites caicoenses, passaram a ser realizados no Caicó Tênis Clube, onde elegantes pares se exibiam pelos salões ao som e compasso dos gêneros musicais da época: samba-canção, bolero, mambo, salsa e outros ritmos. Nessas ocasiões, predominavam o bom gosto das *toilettes* das senhoras e senhoritas (confeccionadas pelas habilidosas modistas da cidade) e a distinção dos jovens cavalheiros que “emprestavam à festa um caráter puramente aristocrático,” observou o cronista do Jornal da Festa. No ano de 1956, o êxito maior foi atribuído às presenças das *misses* do Rio Grande do Norte, do Ceará e do Distrito Federal, motivo das atenções dos presentes pela beleza juvenil, pela elegância demonstrada e pela simpatia cativante, emprestando ao elegante evento social um charme todo especial.

¹¹ Trindade, 1983.

Também, durante a Festa de Senhora Sant'Ana, esse clube promovia desfiles (o mais famoso era o patrocinado pelos tecidos Bangu e pela Loja Copacabana, na época importante casa comercial de Caicó), festas temáticas e bailes para homenagear personalidades políticas, profissionais liberais e empresários. Na década de sessenta do século XX, as instalações do Caicó Tênis Clube foram adquiridas pela Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), que passou a realizar o Baile de Debutantes, promoção do Lions Clube de Caicó, ocasião em que as jovens da cidade, ao completarem quinze anos, eram apresentadas com muito *glamour* à sociedade local em ritual festivo. Às vezes, esse evento acontecia nos salões da Associação dos Sargentos e Subtenentes de Caicó (ASSEC), clube dos militares do Exército brasileiro.

As *soirées* deixaram as residências e ganharam os salões dos clubes Grêmio Social e Cultural de Caicó ou da ASSEC, tendo como público alvo, notadamente, os jovens que se esbaldavam no ritmo frenético do *rock n'roll*, do *twist* e que “mandavam brasa” ao som do iê-iê-iê nacional. Nessas ocasiões, eles afastavam-se da tradição e inovavam na maneira de se vestir: a mini-saia para as mulheres e as calças justas com “boca larga” para os homens, de acordo com as tendências da moda juvenil dos grandes centros urbanos brasileiros.

Outras festas menos glamorosas, mas cheias de animação, aconteciam no Caicó Esporte Clube, conhecido como a “Sede dos Morenos.” Os segmentos sociais que não tinham acesso aos clubes das elites (fosse pela condição social ou pela cor da pele) encontravam nesse clube um ambiente acolhedor, acalorado e democrático. Em seus tempos áureos (década de cinquenta e começo dos anos sessenta do século XX), os bailes organizados na “Sede dos Morenos”, durante a Festa de Senhora Sant'Ana, eram muito concorridos, animados e se estendiam até a madrugada. Para a jornalista Arizela Cunha, nessas ocasiões especiais, o terno de linho branco e os sapatos de bico fino estavam em voga para os homens, enquanto as mulheres usavam vestidos de seda, bem confeccionados, e um perfume à base de flores, na maioria das vezes, comprado na capital. O clube tinha suas normas através das quais definia padrões aceitáveis de comportamento. Os frequentadores não deviam consumir bebidas alcoólicas em excesso e os casais de namorados não podiam beijar na boca para evitar situações embaraçosas (Cunha, 1983).

No rol das festividades, o passeio em volta da *pracinha do coreto* (Praça da Liberdade) era muito apreciado pelos brotinhos da cidade e de outras localidades, enquanto os rapazes circulavam em sentido contrário ou ficavam sentados nas cadeiras do bar, paquerando as mocinhas ao vê-las passar. Durante anos, a pracinha tornou-se o ponto de encontro da juventude após as novenas, onde grupos eram formados e namoros iniciados. No alto do Coreto, a Filarmônica “Recreio Caicoense” executava músicas românticas ou os sucessos do momento. Por volta das vinte e três horas, a pracinha começava a ficar esvaziada, pois muitos dos seus freqüentadores dirigiam-se aos clubes para mais uma festa dançante.



Praça do Coreto no início do séc. XX, atual Praça Senador Dinarte Mariz, também conhecida como Praça da Liberdade. (foto: ACervo Museu do Seridó)

Além das mudanças sociais, o século XX também trouxe outro grande acontecimento para o povo seridoense: a criação em fins da década de 1930, da Diocese de Caicó, erigida a 25 de novembro de 1939, pelo Papa Pio XII, desmembrada da Diocese de Natal com uma superfície de 9.372 km². A Diocese de Caicó, hoje subdivide-se em quatro zonas. Em meados da década de 1950 o padre Galvão Celestino,

visando o crescimento da Festa de Caicó, resolve mudar sua data de finalização, fazendo-a terminar no ultimo domingo do mês de julho, ao contrário da Festa de Sant'Ana da vizinha cidade de Currais Novos e demais cidades que cultuam a santa cujo final da festa se dá exatamente no dia 26 de julho, dia da padroeira segundo o calendário canônico, as manifestações em louvor a Sant'Ana na cidade de Currais Novos não apresenta a mesma dimensão que apresenta em Caicó, Currais Novos se diferencia pelos atores que compõem a festa na atualidade, novos cânticos, novos hinos, festas públicas em praças, o que pouco tem ocorrido em Caicó, dessa forma, podemos observar que a Festa de Sant'Ana de Caicó, a cada ano se tornou a maior em níveis regionais para seus devotos. As mudanças mais significativas ocorridas na Paróquia de Sant'Ana começaram a ocorrer, segundo relatos do Pe. Antenor, pároco emérito da Catedral de Sant'Ana a partir de 1917, e com a chegada a Caicó do padre Walfredo Gurgel em 1936 a cidade de Caicó ganharia também uma voz forte no processo de criação da Diocese.

A participação de toda a região nas celebrações a Sant'Ana se faz presente visto que as cidades seridoenses comungam de uma religiosidade marcante arraigada aos lugares e tradições, isso reforça a manutenção das práticas religiosas que se destacam na atualidade, no cenário do Rio Grande do Norte, mantendo os aspectos tradicionais ligados ainda ao período de colonização desse território.



A FESTA HOJE

A festa de Sant'Ana é celebração do catolicismo tradicional difundido ao longo da colonização, em que as invocações a Nossa Senhora, a Jesus Cristo e aos santos protetores, como intermediários entre Deus e os homens sempre estiveram presentes. As devoções são relacionadas a milagres realizados por santos próximos, pois são eminentemente humanos (Cavignac, 2006). A identidade cultural e religiosa é baseada, principalmente, no pagamento de promessas e na realização de festas aos santos padroeiros (Zaluar, 1983:13-4). Momento ímpar na sociabilidade seridoense, tanto festivo quanto solene, a Festa de Sant'Ana envolve cavalgadas, carreatas, novenas e procissões, apresentações artísticas, bailes, venda de comidas, bebidas e artesanatos típicos.

A presença da música, da dança, dos shows, dos fogos, da comida e da bebida, muitas vezes em excesso, poderia levar-nos a pensar a festa inserida no assim denominado tempo profano. A festa é a poesia que não existe sem a prosa, é a desordem que não se concretiza sem a ordem. É condição inerente para o cotidiano, sua quebra e, simultaneamente sua retomada. A festa é, na verdade, um dos elementos que funda o coletivo, fundamentando-se em um ritual que marca o princípio de reciprocidade, que é central a toda vida social (Lévi-Strauss, 1974; Mauss, 1974).

A paróquia, o poder público e a iniciativa privada dividem-se na elaboração de um intenso calendário sócio-religioso que faz da Festa de Sant'Ana um dos mais significativos acontecimentos sócio-religiosos do Rio Grande do Norte. Em eventos como as *Peregrinações rural e urbana*, a *Cavalgada de Sant'Ana*, a *Carreata de Sant'Ana*, as *Novenas*, a *Missa Solene*, a *Procissão*, além dos bingos, leilões, shows e bailes, registramos a presença de uma sociabilidade festiva e uma religiosidade peculiares, fundadas em valores morais fixados pela tradição.

A ATUAÇÃO DA PARÓQUIA: ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA FESTA DE SANT'ANA

Os festejos em homenagem à Sant'Ana de Caicó acontecem sempre a partir da quinta-feira que antecede o dia 26 de julho, dia de Sant'Ana no calendário litúrgico, tendo seu encerramento no primeiro domingo subsequente, com a realização da

procissão. No entanto, podemos afirmar que, de fato, a Festa de Sant'Ana tem início bem antes disso, já em meados do mês de abril, quando é realizada a primeira reunião da Comissão da Festa de Sant'Ana de Caicó, responsável pela organização e gestão de toda a parte litúrgica, religiosa e sócio-cultural promovida pela paróquia. A *Comissão da Festa* veio somar esforços ao antigo Conselho Paroquial, inaugurado por Monsenhor Antenor Salvino de Araújo ao longo de seus 39 anos de paroquiado (de 1968 a 2007). Contudo, a Comissão manteve parte das atribuições do antigo conselho, mudando a sua composição e forma de atuação.

A Comissão da Festa de Sant'Ana de Caicó é composta de 40 (quarenta) membros não fixos, ou seja, a cada ano a Comissão é em certa medida renovada, com a saída de alguns membros e a entrada de outros. Seus componentes, em sua maioria, são pessoas mais ligadas à Igreja, com grande devoção à Sant'Ana e participação nas celebrações ordinárias, sejam estudantes, professores, funcionários públicos ou profissionais liberais. Estas pessoas realizam trabalho voluntário e demonstram grande satisfação em participar da organização da mais expressiva festa de padroeiro da região. A Comissão é dividida em subcomissões compostas de um a cinco membros, cada uma responsável pela organização e gestão dos vários eventos que ocorrem dentro da programação sócio-religiosa promovida pela paróquia. A tabela abaixo mostra as subcomissões existentes e suas atribuições:

Subcomissão	Atribuições
Pavilhão de Sant'Ana (ou Pavilhão Cultural) – são duas subcomissões, uma para os bares, outra para as comidas.	Organização, logística e gestão do Pavilhão: contratação e organização das barracas e bares; do palco e telões e da programação cultural.
Festa dos Doces	Organização dos expositores/vendedores.
Almoço de Sant'Ana	Logística e gestão: elaboração do cardápio, decoração do espaço; coordenação das cozinheiras e organização das mesas.
Cavalgada	Organização da parte litúrgica da Cavalgada: acolhimento dos cavaleiros, organização da missa e da bênção dos animais.
Feirinha	Logística e gestão da Feirinha de Sant'Ana: organização e distribuição das barracas;

	decoreção; venda de comidas e bebidas, controle financeiro e prestação de contas.
Jantar de Sant'Ana	Logística e gestão: elaboração do cardápio, decoreção do espaço; coordenação das cozinheiras e organização das mesas.
Peregrinação Rural	Organização das novenas (inscrição das comunidades rurais interessadas), ornamentação da imagem peregrina; elaboração do calendário de peregrinações e organização e gestão financeira dos leilões.
Peregrinação Urbana	Organização das novenas (inscrição das pessoas interessadas em receber novenas em suas casas); elaboração de calendário; ornamentação das imagens peregrinas e coordenação do encontro das imagens peregrinas.
Beija	Agenciamento do espaço e coleta das ofertas.
Novenas (Noitários)	Organização do calendário das novenas e mobilização dos noitários.
Comunicação e Marketing	Divulgação da festa, elaboração de plano de mídia e arrecadação de patrocínios.

A primeira reunião da Comissão costuma acontecer em meados de abril; em 2010 a primeira reunião já ocorreu no dia 10 de março, com o objetivo de dar início à organização da Peregrinação Rural, uma das principais fontes de arrecadação para cobrir as despesas de preparação da Festa de Sant'Ana. Contudo, no sentido de angariar fundos para a Festa foi fundamental a criação da comissão de comunicação e marketing, composta por pessoas ligadas à área de comunicação social de Caicó, radialistas, jornalistas e blogueiros. Essa comissão atua desde 2007 com intuito de “*profissionalizar a Festa de Sant'Ana no que diz respeito à sua produção*”. Nesse sentido é elaborado um plano de mídia apresentado a possíveis patrocinadores da Festa – políticos, empresas da iniciativa pública e privada, instituições, etc.

Ao longo dos meses que antecedem a Festa, a Comissão da Festa mobiliza seus esforços nos preparativos, acionando amplas redes de sociabilidade no sentido de conseguir executar suas tarefas. No período da Festa propriamente dita, os esforços

umentam proporcionalmente à quantidade de trabalho que surge, a Comissão costuma receber mais voluntários, geralmente parentes ou amigos daqueles que a compõem oficialmente. Com isso podemos notar que a Festa de Sant'Ana possui uma significativa participação popular não só enquanto expectadores, mas enquanto realizadores dos festejos. O trabalho é realizado integralmente de forma voluntária, demonstrando o forte apego e zelo do caicoense por esta celebração que, mais do que qualquer outra, expressa profundamente as peculiaridades do modo de vida deste povo.

MISSA DO ENVIO E AS IMAGENS PEREGRINAS

As visitas das imagens peregrinas nas zonas urbana e rural – *peregrinação urbana e rural* – que se iniciam nos meses de junho e abril respectivamente, são organizadas e geridas por leigos e lideranças religiosas locais sob coordenação da Comissão da Festa; tem como objetivo o estabelecimento de uma rede de visitação da imagem de Sant'Ana nas casas dos fiéis e marcam o ciclo de preparação da Festa de Sant'Ana. Representando a figura máxima da família, a avó de Jesus, Sant'Ana, vem reavivar os laços de parentesco e solidificar a fé entre os sertanejos. É o momento em que as famílias católicas se preparam espiritualmente para receber a imagem da santa, mobilizando amigos e parentes para uma recepção calorosa. Durante a visita rezam novenas, depositam suas ofertas na urna de Sant'Ana e confraternizam-se com lanche provido pelos anfitriões. No caso da *peregrinação rural*, a imagem da santa percorre os sítios, as fazendas e os povoados mais próximos. Os rituais de celebração compostos por novenas e missas, geralmente finalizam-se com leilões de produtos agrícolas e outros bens doados, bem como com vendas de bebidas e comidas, que se torna fonte de arrecadação para a realização da Festa. A peregrinação das imagens de Sant'Ana é encerrada com o “*Encontro das Imagens*” e a chegada da *Caravana Ilton Pinheiro* em frente à Catedral, onde é celebrada uma missa em ação de graças aos *peregrinos de Santa'Ana*.

A *peregrinação rural* ocorre ao longo de 15 sábados que antecedem o início oficial da Festa, e é organizada por uma subcomissão formada a partir da Comissão de Festas Religiosas. A cada ano são praticamente os mesmos sítios e fazendas que

recebem a imagem peregrina de Sant'Ana, o que expressa a existência de uma rede de sociabilidade já consolidada em torno do evento. A iniciativa de receber a *peregrinação urbana* por vezes parte de cada proprietário, que procura a paróquia para manifestar o desejo de receber uma novena em sua propriedade. A *peregrinação rural* se divide em dois momentos: um mais devocional, no qual se celebra pequena missa em homenagem à Sant'Ana; outro mais lúdico, com a realização de leilões de diversos produtos doados pela comunidade, desde pequenos souvenirs, pratos prontos de comidas típicas, doces, produtos agrícolas, bebidas até animais de pequeno e médio porte (galinhas, patos, porcos, garrotes, carneiros, etc).



Produtos do Leilão de Sant'Ana. (foto: acervo IPHAN)

Geralmente os anfitriões, juntamente com a subcomissão da peregrinação rural são responsáveis pela arrecadação dos itens a serem leiloados, assim como pela comercialização de bebidas e comidas durante os leilões. O *leilão de Sant'Ana* é um evento fundamental para a Festa de Sant'Ana, pois toda a renda arrecadada é destinada à sua realização. Além disso, o leilão põe em evidencia um aspecto interessante da sociabilidade seridoense, arrematar um item durante um leilão é mais do que o desejo de contribuir com a realização da Festa, é também a “dramatização” de um status social

evidenciado pela demonstração de poder econômico. A maioria dos itens são arrematados pelo dobro ou triplo de seu valor de comercialização; de acordo com a subcomissão da peregrinação, cada leilão rende em média R\$ 4.000,000 (quatro mil reais), integralmente destinados à organização da Festa de Sant'Ana.

A *peregrinação urbana* é iniciada no início de junho, ocorrendo diariamente até a véspera da abertura oficial da Festa de Sant'Ana; consiste na visita de *imagens peregrinas* em diferentes bairros da cidade de Caicó. A maioria das imagens – cerca de cinquenta – assim como o roteiro da celebração da novena são providos pela própria paróquia, que realiza uma seleção de *articuladores*, responsáveis por organizar e conduzir os rituais de recepção da imagem peregrina em sua comunidade, entrando em contato com as famílias que desejam recebê-la em sua casa; providenciando sua ornamentação e o local de realização das novenas – seja numa residência ou em algum centro comunitário, escola ou outro espaço público. O início da *peregrinação urbana* é marcado pela realização da *missa do envio*, durante a qual são distribuídas as imagens de Sant'Ana que vão percorrer os bairros até a véspera da abertura oficial da Festa. A *missa do envio* acontece sempre no domingo que antecede as primeiras novenas, trata-se da celebração de uma missa regular ao final da qual se apresenta e distribui as *imagens peregrinas* para os *articuladores* dos bairros que as receberão.

Diferentemente da *peregrinação rural*, o rito da *peregrinação urbana* é integralmente conduzido por leigos, e podem ocorrer concomitantemente em diferentes bairros; é de bom grado que, após a celebração, cada anfitrião ofereça um jantar ou uma degustação simples de iguarias típicas da região. Quando num mesmo bairro ou comunidade houver mais de um anfitrião para a *imagem peregrina*, esta é conduzida em cortejo para “*dormir*” no local onde será realizada a próxima novena.

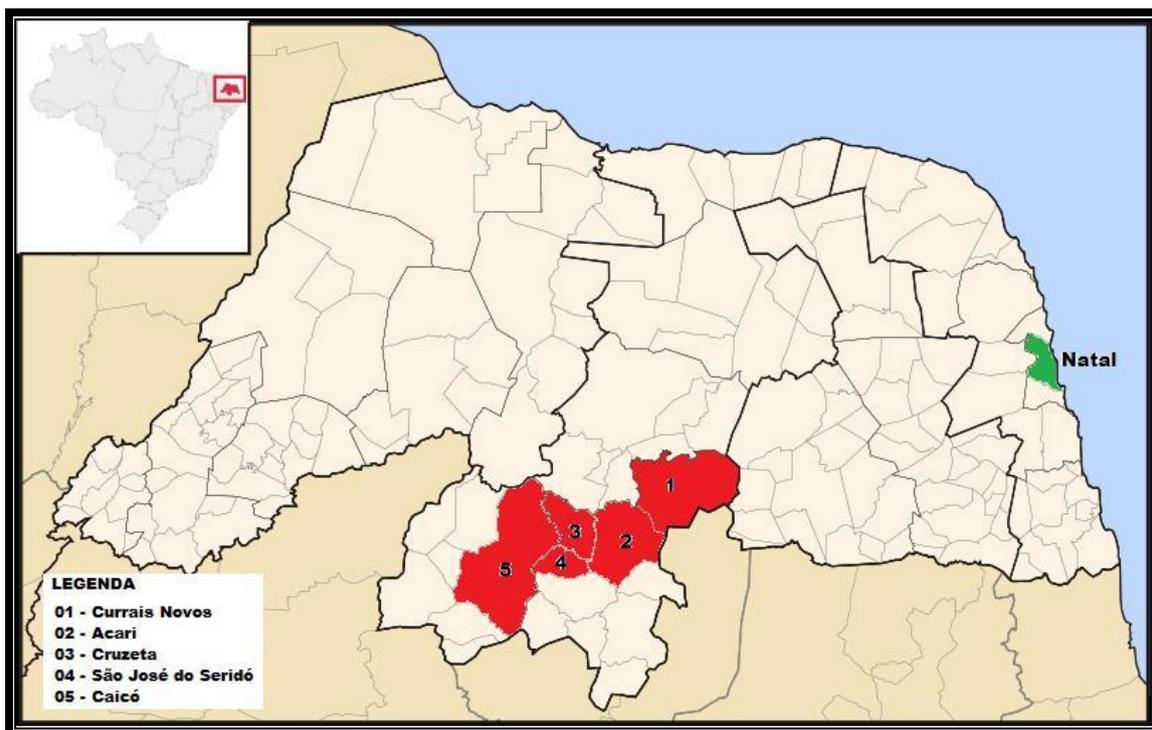
O ciclo da *peregrinação urbana* é encerrado na véspera do dia de abertura oficial da Festa de Sant'Ana, quando as imagens peregrinas deixam os diversos bairros e comunidades de Caicó em procissão e se encontram no cruzamento das principais avenidas da cidade (Av. Seridó com Av. Coronel Martiniano), recepcionando a caravana de peregrinos que saem à pé da cidade de Acari, distante cerca de 60 km de Caicó. O evento é conhecido como o *Encontro das Imagens*, e é marcado por muita emoção e manifestação de fé e apego do caicoense à *Senhora Sant'Ana*.

PEREGRINOS DE SANT'ANA

*“Espetáculo de Fé,
No sertão do Seridó!
Chega tarde e parte cedo
Quem visita nosso pó,
Peregrino de Sant'Ana,
Sê bem vindo a Caicó”*

*(trecho do Hino do Peregrino
Letra: Pe Gleiber Dantas)*

A peregrinação a Sant'Ana “Caravana Ilton Pacheco” teve início no ano de 2000 a partir da idéia de três mulheres caicoenses que residiam em na capital Natal, desde 2004 a caravana recebe o nome de um de seus mais dedicados membros, falecido naquele ano. Inspiradas pela peregrinação a Santiago de Compostela, na Espanha, as três amigas decidiram realizar uma peregrinação até Caicó em homenagem à Sant'Ana. Inicialmente a idéia era partir desde Natal, cumprindo um percurso de quase 270 km. No entanto as idealizadoras pensavam que o percurso seria demasiado longo, especialmente para as pessoas de idade mais avançada; decidiu-se então realizar a peregrinação partindo da cidade de Currais Novos, que também tem Sant'Ana como padroeira, passando pelas cidades de Acari, Cruzeta e São José do Seridó, num percurso de praticamente 85 km.



Cidades percorridas pelos peregrinos. (elaborado a partir do original de Darlan P. de Campos)

A partir de seu quarto ano, a peregrinação sofreu uma redução no seu percurso, partindo da cidade de Acari. A mudança ocorreu por questão de segurança, uma vez que os peregrinos encontraram dificuldades em conseguir o apoio de batedores da Polícia Rodoviária Federal para acompanhá-los no trecho entre Currais Novos e Acari, na BR 427, rodovia cheia serrotes e de curvas sinuosas, obstáculos perigosos para quem caminha às suas margens.

Ao longo do percurso os peregrinos, em uma quantidade que varia entre 40 e 50 pessoas por ano, param apenas para alimentar-se e dormir, ou em caso de extrema necessidade. Ao longo do caminho rezam e cantam o hino do peregrino e outras canções sacras, e são calorosamente recebidos em *pontos de apoio* distribuídos em residências nas cidades e na zona rural dos municípios percorridos, onde podem realizar refeições, cuidar de eventuais ferimentos nos pés e compartilhar suas experiências com os demais. A cada ano a comissão organizadora da Caravana solicita uma taxa de inscrição para arcar com os custos da caminhada, o dinheiro arrecadado é utilizado na confecção de camisetas e bonés, na compra de alimentos e água, de combustível para os veículos de

apoio e pagamento de hospedagem; o montante que eventualmente sobra é doado para a paróquia de Caicó.

Ao chegar em Caicó, sempre na véspera da abertura oficial da Festa de Sant'Ana, a Caravana Ilton Pinheiro é calorosamente recebida em frente ao estádio de futebol Dinarte de Medeiros Mariz, o Marizão, por autoridades do poder público local, representantes da paróquia, e um grande público de devotos. São homenageados com foguetório e com a apresentação da Banda de Música Recreio Caicoense, a *Furiosa*. Logo em seguida seguem sua caminhada até o centro da cidade, onde está localizada a Catedral de Sant'Ana. No cruzamento das avenidas Seridó e Coronel Martiniano, ocorre um dos acontecimentos mais emocionantes da Festa de Sant'Ana, qual seja, o encontro da Caravana com as *imagens peregrinas* de Sant'Ana. Todos, então, se dirigem à Catedral de Sant'Ana, onde é celebrada uma missa de ação de graças pela chegada dos peregrinos.



Encontro das Imagens de Sant'Ana. (foto: kurticao.com.br)

O *Encontro das Santas* com os *Peregrinos de Sant'Ana* marcam o início da Festa de Sant'Ana, constituindo-se numa das primeiras e mais emotivas manifestações de fé e apego do caicoense à Sant'Ana. A paróquia aparece nestes eventos quase como uma coadjuvante, pois são organizados e geridos por leigos, demonstrando a dedicação dos devotos caicoenses e sua vontade de contribuir de todas as formas não só na celebração da Festa, mas na sua própria concepção. O *Encontro das Santas* e os *Peregrinos de Sant'Ana* são iniciativas pessoais de devotos que, juntamente com outras formas de manifestação de devoção, passaram a integrar de forma significativa a programação religiosa da Festa de Sant'Ana.

ABERTURA OFICIAL DA FESTA DE SANT'ANA

Apesar de o *Encontro das Santas*, que coincide com a chegada dos *Peregrinos de Sant'Ana*, ocorrer sempre na quarta-feira que antecede o dia de Sant'Ana (26/07), a Festa de Sant'Ana é oficialmente iniciada um dia depois, sempre na quinta-feira precedente ao dia 26 de julho. A abertura oficial da Festa tem início, geralmente às 16h, com uma passeata de caráter solene, saindo da Catedral de Sant'Ana e percorrendo as principais avenidas e ruas do centro de Caicó (Avenida Seridó, Rua Renato Dantas, Rua Celso Dantas e Avenida Cel. Martiniano) até retornar ao largo da Catedral, momento em que o estandarte de Sant'Ana é hasteado em mastro localizado em frente à Catedral, sendo retirado somente após a procissão de encerramento. Encerra-se a abertura solene da Festa de Sant'Ana, que durante dez dias anima a cidade de Caicó com uma vasta programação religiosa e sociocultural. Nos dias de Festa a igreja praticamente não para, entre as celebrações principais, como o novenário e as missas solenes, acontecem os batismos coletivos e mutirões de confissão, intensificando ainda mais a programação religiosa.

Depois das celebrações de abertura, no *Pavilhão de Sant'Ana*, espaço destinado à realização da programação sócio-cultural promovida pela paróquia, é oferecido o *Jantar de Sant'Ana*, realizado desde 1985. Para participar do tradicional banquete, é preciso comprar uma *senha*, que dá acesso ao espaço de onde é servido, o que implica uma restrição em seu público – cerca de 1000 pessoas – composto basicamente por

gente de classe média-alta, que reúne-se com familiares e amigos de uma forma que o critério de ocupação das mesas é espontaneamente definido de acordo com os grupos familiares presentes. No Jantar de Sant'Ana são servidas algumas comidas típicas da região, como a paçoca de carne de sol com macaxeira, dentre outros. A venda das senhas, a organização do local, a preparação do cardápio bem como a tarefa de servi-lo fica tudo ao encargo de uma subcomissão criada dentro da Comissão das Festas Religiosas. O *Jantar de Sant'Ana* é o primeiro evento social promovido pela paróquia na Festa de Sant'Ana, no qual as famílias e amigos se reúnem e onde os caicoenses que vivem longe se reencontram, reafirmando seus laços e construindo novas redes de sociabilidade.

AS NOVENAS E O OFÍCIO DE SANT'ANA

As novenas são celebrações comuns durante as festas religiosas católicas, são reuniões de fiéis para a realização de orações, geralmente direcionadas à um santo específico. As novenas, conforme sugere o nome, são realizadas ao longo de nove dias, coincidindo com o período de duração da festa. No caso da Festa de Sant'Ana são onze dias de celebração, e as novenas são celebradas todas as noites, exceto na do dia de abertura oficial da Festa, e na última quando ocorre a procissão. As novenas sempre contam com um público além da capacidade de acomodação das dependências internas da Catedral, por este motivo uma estrutura de telões e cadeiras é montada no pavilhão, de onde os fiéis podem acompanhar a celebração.

Durante as novenas existem os ritos iniciais, compostos por canções de louvor e invocações habituais das missas católicas, em seguida reza-se a ladainha de Sant'Ana como forma de evocação à santa. Depois a novena segue conforme a praxe católica, com a leitura e pregação da palavra, a adoração ao Santíssimo Sacramento e a comunhão. A novena se encerra com o Hino de Sant'Ana, cantado pelo Coral de Sant'Ana e fervorosamente acompanhado pelos fiéis. O Hino foi composto pelas primas Palmira e Carolina Wanderley, poetisas consideradas precursoras do jornalismo feminino no RN, tendo fundado em Natal a revista “Via-Láctea”, de circulação voltada

para o público feminino, em 1914. O professor Manoel Fernandes ficou com a incumbência de musicar o poema.

Outra particularidade das novenas da Festa de Sant'Ana ocorre na noite do dia 26 de julho, dia de Sant'Ana, quando é declamado o *Ofício de Sant'Ana*, criado na década de 1970 por Monsenhor Antenor Salvino de Araújo, sua irmã poetisa Hilda Araújo, juntamente com os poetas Iara Diniz e José Lucas de Barros. Trata-se de um poema sacro que é declamado em antifonia entre público e celebrante, enaltecendo as virtudes de Sant'Ana e seu esposo São Joaquim, assim como pedindo proteção e graças.



"Extensão da Catedral nas noites de novena. (foto: acervo IPHAN)

Além do significado devocional as novenas também apresentam um aspecto de sociabilidade. A cada noite a novena ocorre em homenagem a vários segmentos da sociedade: universidades, escolas, associações, sindicatos, grupos beneficentes, profissionais, movimentos religiosos, pastorais, paróquias da região do Seridó, instituições públicas e privadas, etc.

Após as novenas os devotos podem desfrutar de apresentações culturais no Pavilhão de Sant'Ana, brincar no parque de diversões ou simplesmente passear pelas praças da Matriz e da Liberdade, onde existem barracas com venda de comidas e bebidas, lugar de reunião de parentes e amigos, de flertes e conversas animadas acompanhadas de uma bebida e algum petisco da culinária seridoense. Em 2007, a Festa de Sant'Ana entra para a “era digital”, com as novenas e a Missa Solene sendo transmitidas ao vivo pela rede mundial de computadores.

PAVILHÃO E FEIRINHA DE SANT'ANA

Compondo o cenário da Festa há o *Pavilhão de Sant'Ana*, uma área delimitada pela paróquia com o auxílio da Prefeitura Municipal ao redor da Catedral de Sant'Ana, onde ocorrem os eventos sócio-culturais promovidos pela paróquia, como apresentações de artistas locais, a venda de artesanato e comidas típicas, o *Jantar* e a *Feirinha de Sant'Ana*.

Além de abrigar toda a programação sociocultural realizada pela paróquia, o pavilhão funciona como uma extensão da Catedral nos momentos de celebração, como nas novenas e missas. Estes momentos são desfrutados, geralmente, por mais que o dobro de público comportado no interior da Catedral, pois são instalados telões ao lado do palco do pavilhão, através dos quais as celebrações são transmitidas. Todas as noites, durante as novenas, centenas de cadeiras são dispostas em frente aos telões, para que os fiéis possam desfrutar de um mínimo de conforto. Ao término das celebrações religiosas, as cadeiras são removidas para dar lugar às apresentações culturais no palco do *pavilhão*, que se estendem até meia noite, dando lugar à intensa programação dos clubes e da Ilha de Sant'Ana.

O evento que se destaca como um acontecimento lúdico e profano no *Pavilhão* é a *Feirinha de Sant'Ana*, realizada sempre na última quinta-feira do mês de julho, feriado municipal em homenagem à padroeira. A *feirinha* é o ponto de encontro entre peregrinos, turistas, famílias de Caicó e migrantes, os chamados “caicoenses ausentes.” Nesse momento, evidencia-se a estratificação social identificada nos diferentes estilos de vida, visíveis nas práticas e atitudes correspondentes à posição social de cada grupo. Os filhos das famílias mais abastadas disputam com as pessoas de origem mais

humildes os espaços cobijados da praça pública durante o dia animado por trios de forró. Representantes da política local e regional não deixam de participar desse momento de grande visibilidade social. As casas de família acolhem todos os parentes e amigos, aplicando o preceito cristão da generosidade e hospitalidade. Todos aproveitam a ocasião para lembrar o passado, apreciar a culinária, festejar, encontrar amigos, etc.



Feirinha de Sant'Ana. (foto: acervo IPHAN)

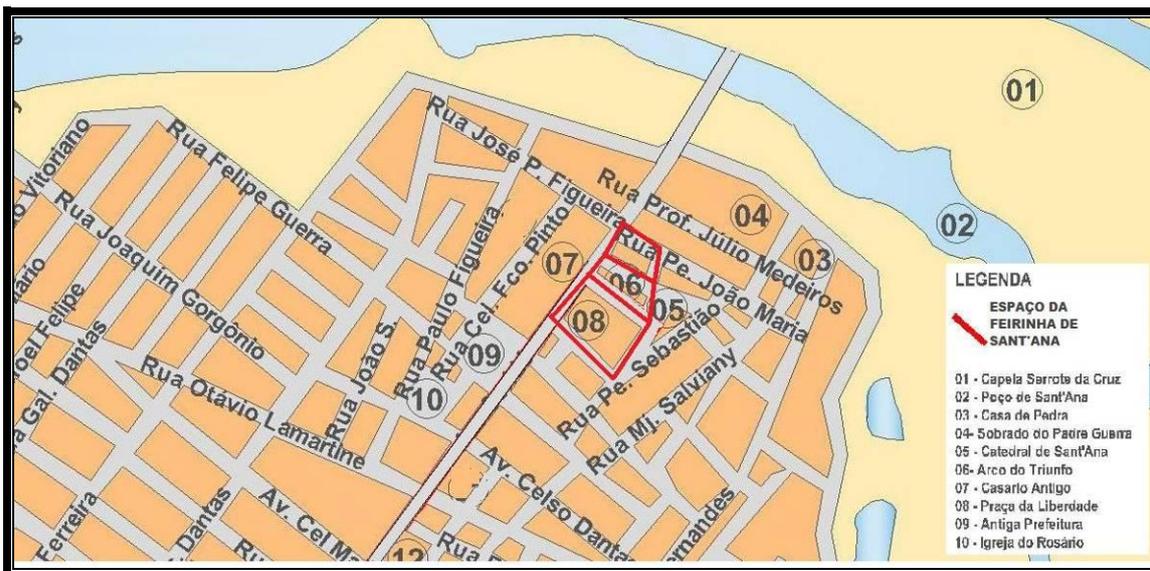
O nome no diminutivo – *feirinha* – exprime o afeto que o caicoense tem para com o evento, mas não condiz com a sua grandiosidade, pois trata-se de um dos eventos mais esperados e frequentados da Festa de Sant'Ana e extrapola os limites do *Pavilhão*, território “oficial” da *feirinha*, se estendendo até a Praça Senador Dinarte Mariz (Praça da Liberdade) localizada na quadra ao lado do *Pavilhão*. São praticamente duas *feirinhas* antagônicas, mas que ocorrem em harmonia: aquela “oficial”, onde se congregam as famílias no espaço respeitoso organizado pela paróquia; e outra paralela na Praça da Liberdade, realizada de forma espontânea pelos jovens integrantes de blocos carnavalescos de Caicó, que confeccionam camisetas específicas para a *feirinha*, realizando um verdadeiro carnaval fora de época dentro da principal festa religiosa da região. A venda de bebidas alcoólicas na *Feirinha de Sant'Ana* é um assunto um tanto

polêmico, muitos devotos sustentam a opinião de que a paróquia, por reconhecer que o álcool é responsável pela desestruturação da instituição familiar, não deveria permitir a comercialização desse tipo de bebida. No entanto a paróquia não vê problema nisso, pois consideram que aqueles que frequentam a *feirinha* ou o *pavilhão* ao longo da Festa consomem bebida alcoólica de forma moderada. Além disso, sua comercialização e o apoio dado por uma das maiores cervejarias do país (Brahma Chopp) são fontes de renda fundamentais para cobrir os gastos da realização da Festa.

É também na feirinha onde se pode encontrar os pratos mais típicos da culinária seridoense: galinha caipira, bode assado, buchada, panelada, carne de sol, paçoca, entre outras iguarias são itens indispensáveis como prato principal da maioria das refeições em dias de festa. A doçaria seridoense é bastante peculiar, com um modo bastante singular de fazer filhós, uma massa frita à base de batata coberta com o mel de engenho ou mel de rapadura; ou o mítico chouriço, um doce feito com sangue de porco. Como afirmou um dos participantes da *feirinha*, “*no dia da feirinha, ninguém faz comida em casa, e você não vê ninguém nos restaurantes da cidade, tá todo mundo comendo na feirinha.*”¹²

Em termos estruturais, a feirinha conta com centenas de mesas distribuídas no espaço do *pavilhão*, e com a montagem de tendas e barracas onde são comercializadas bebidas e comidas típicas. Nos últimos anos a feirinha vem enfrentando sérios problemas com relação à sua estrutura, os organizadores reclamam sobretudo da falta de espaço e de instalações adequadas para receber tanto os frequentadores quanto para acondicionar os produtos comercializados. A falta de uma padronização nas barracas além de causar impacto negativo do ponto de vista estético, gera problemas em sua montagem e distribuição. Ainda assim, a *feirinha* é o evento social mais significativo da Festa de Sant'Ana, é nela onde se aglutinam os elementos mais significativos da identidade seridoense, representados pela culinária, artesanato e manifestações artísticas, assim como pela hospitalidade bastante peculiar, que se faz questão de ser expressa pelas pessoas de Caicó.

¹² Joaquim Medeiros, “Seu Quinzinho”, em maio de 2010.



Espaço da Feira de Sant'Ana. (fonte: Superintendência IPHAN-RN)

A CAVALGADA DE SANT'ANA

A *Cavalgada de Sant'Ana* é uma expressão da devoção dos vaqueiros à santa. Nas décadas de 1950 a 1970 este evento, então denominado *cavalaria*, era celebrado pelas pessoas que residiam na zona rural do município de Caicó. Estas pessoas usavam os animais (jegues, mulas e cavalos) como único meio de transporte, sobretudo para se dirigir à cidade nos dias de feiras, trazendo seus produtos para comercializarem. Estando em Caicó no período da Festa de Sant'Ana, estes agricultores se organizavam em cavalgada até o pátio da Catedral de Sant'Ana para louvar a santa e receber benção para seus animais. Por volta da década de 1970, com a chegada do automóvel à zona rural do município, esta expressão foi extinta. O meio de transporte utilizando os animais passou a ser substituído por carros, sobretudo caminhonetes e caminhões que transportavam os camponeses em dias de feiras e festas para a cidade.



Cavaleiros de Sant'Ana. (foto: acervo IPHAN)

Desde 2002, um grupo de caicoenses retomou essa tradição e, em conjunto com a Associação dos Vaqueiros, realiza no primeiro domingo da Festa a *Cavalgada de Sant'Ana*. O evento, além de contar com a participação dos cavaleiros que residem nas zonas rurais, atrai também pessoas que residem em Caicó, cidades vizinhas e amantes das vaquejadas. Os participantes, montados em seus cavalos e carros de bois, alguns trajando a vestimenta típica do vaqueiro sertanejo – perneira, guarda-peito, gibão e chapéu de couro – percorrem as principais ruas e avenidas da cidade, saindo do Parque de Exposições de Caicó, na BR 427, com destino ao Pátio da Catedral de Sant'Ana. Durante o percurso da cavalgada os participantes conduzem estandartes, há acompanhamento de músicas religiosas e diversas outras aclamações como preces e aboios. Ao chegarem, são recebidos com a celebração de uma missa e com a benção aos animais. É um evento que une a devoção do seridoense às narrativas de fundação da cidade de Caicó, que teria surgido a partir das preces de um vaqueiro.

Em 2002, quando a cavalgada foi retomada, houve a participação de cerca de 40 montarias, em 2007 este número subiu para cerca de 300 montarias, com um recorde de mais de 400 participantes em 2009. Juntamente com a *cavalgada* outro evento tradicional da foi reavivado, o Leilão de Sant'Ana, que antigamente logo após a celebração da chegada da *cavalaria*. Segundo um dos organizadores da vaquejada, em 2001 o Leilão de Sant'Ana arrecadou cerca de R\$ 400,00 (quatrocentos reais), a partir de 2002 com a retomada da antiga *cavalaria*, hoje chamada *cavalgada*, o leilão de Sant'Ana foi reencontrando seus dias de esplendor, culminando numa arrecadação de mais de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) em 2009¹³.

CARREATA DE SANT'ANA

A *carreata de Sant'Ana*, também denominada *carreata dos motoristas*, ocorre sempre na noite da novena dedicada aos motoristas, última sexta-feira da Festa de Sant'Ana, desde a década de 1940. Não há registros precisos a respeito da origem da *carreata*, mas especula-se que ela tenha sido criada como forma de pagamento de promessa de um devoto. Ela congrega caminhoneiros, motoristas, motoqueiros e até mesmo ciclistas e pedestres, que seguem em cortejo desde o Parque de Exposições localizado na BR 427 até a Catedral de Sant'Ana, seguindo praticamente o mesmo percurso da *cavalgada*. Ao chegarem na Catedral, os motoristas e seus veículos recebem bençãos de um padre e acompanham a novena em sua homenagem.

¹³

Informações de Max Medeiros em entrevista concedida em Maio de 2010.



Caminhão é abençoado na chegada da Carreata ao largo da Catedral. (foto: acervo IPHAN)

Para se chegar ao atual percurso, os organizadores fizeram diversos experimentos, partindo de lugares distintos, como do clube dos caminhoneiros localizado às margens do açude Itans. Conforme o crescimento do número de participantes, assim como do porte dos veículos (caminhões e carretas), a *carreta* sofreu uma redução no seu percurso, passando a percorrer apenas as principais e mais largas avenidas de Caicó. Em suas primeiras ocorrências, a *carreta* aglutinava não mais do que 20 veículos, chegando hoje a mais de 300 entre carros, motos e caminhões. Segundo os organizadores, em 2009 mesmo com a alteração em seu percurso no sentido de facilitar o fluxo de veículos, a *carreta* enfrentou um sério problema de congestionamento, ainda assim foi contabilizado um montante de mais de 60 caminhões que receberam benção no largo da Catedral.

Atualmente a *carreta* é organizada pela Associação dos Caminhoneiros de Caicó, que se divide nas tarefas de buscar patrocínio, mobilizar os motoristas e de ornamentar o caminhão que carregará a imagem principal de Sant'Ana e a de São Cristóvão, padroeiro dos motoristas. Desde que a *carreta* passou a ser organizada pela Associação dos Caminhoneiros, em 1991, algumas inovações foram levadas à cabo,

como algumas mudanças no percurso, ou a busca de patrocínio junto a empresas do ramo rodoviário, o que possibilitou, por exemplo, em 2007 a participação de veículos da “Fórmula Truck” na carreata. Empresas fabricantes de caminhões, concessionárias, postos de gasolina e comerciários do ramo automotivo apoiam financeiramente a *carreata*, cobrindo custos com a ornamentação do veículo que carrega as imagens, com a compra de fogos de artifícios e com a oferta oferecida à paróquia. A decoração e os modelos antigos de veículos são outras atrações que fazem da carreata um evento bastante peculiar da Festa de Sant'Ana.

A MISSA SOLENE E A PREPARAÇÃO DO ANDOR

As celebrações mais importantes da Festa, são as Missas de Abertura, realizada na quarta-feira, a Missa Solene celebrada às dez horas da manhã no último domingo da festa, e a grande procissão de encerramento. Ápice da festividade e antecedendo o momento final da festa, a procissão reúne peregrinos, população local, autoridades religiosas e civis, percorrendo as principais ruas da cidade: uma multidão de fiéis acompanha o andor da *Gloriosa Sant'Ana*, pagando promessas, entoando cantos e orações. Após o cortejo, há uma missa campal, seguida da exposição da imagem da Santa para veneração.

A Missa Solene acontece sempre no último domingo da festa. É um momento em memória ao dia de Sant'Ana, ápice da religiosidade na Catedral, e ainda um momento de preparação para a Procissão de Encerramento. A missa começa às 10:00h e finda por volta do meio-dia. A igreja fica completamente lotada com pessoas tentando assisti-la até mesmo do lado de fora da Catedral. A grandiosidade que esse evento assume é retratada pelo Monsenhor Antenor, Padre Emérito da Paróquia de Sant'Ana como:

[...] Culto divino que se centraliza na eucaristia. No entanto, o povo se encanta bem mais com as novenas, que são muito bonitas, muito solenes; mas [...] não teria sentido uma festa de padroeiro sem a missa solene, a eucaristia (informação verbal, julho de 2007).

É na Missa Solene que muitos devotos aproveitam para pagar promessas. Espaço onde o sagrado, com suas imagens, se impõe e pleiteia a atenção dos fiéis. A ornamentação do altar e da igreja fica diferenciada dos demais dias da festa; com especial decoração de enfeites e flores, a igreja fica no maior esplendor. Todo esse aparato é acompanhado das vestes solenes dos celebrantes e das roupas de luxo que o público faz questão de ostentar.



Missa Solene. (foto: acervo IPHAN)

Algumas pessoas fazem questão de assistir a missa de pés descalços ou vestindo roupa branca. São inúmeros os meios de se diferenciar e assim cumprir o pagamento votivo. A Missa é também um momento de agradecimento por mais um ano de Festa de Sant'Ana. A missa é transmitida desde tempos imemoriais pelas rádios da região do Seridó, e em 2007 teve sua primeira transmissão ao vivo via internet.

Ao término da Missa Solene conclui-se a ornamentação dos andores utilizados para conduzir as imagens de Sant'Ana e São Joaquim durante a procissão. O andor é

levado para o interior da Catedral, que permanece de portas fechadas até a conclusão dos trabalhos de ornamentação, iniciados na noite anterior com a colocação das bases nas quais são fixadas as flores. A ornamentação dos andores é patrocinada por uma única família, que há mais de trinta anos arca com os custos de trazer uma equipe de ornamentadores de João Pessoa – PB e de importar flores naturais diretamente de São Paulo – SP.

Depois da preparação dos andores as imagens são retiradas do altar da Catedral, único dia do ano que a imagem de Sant'Ana deixa seu nicho. As poucas pessoas que tem acesso ao interior da Catedral naquele momento aplaudem fervorosamente o momento em que a imagem é retirada do altar. Com muito zelo ela é acomodada no andor, e caprichosamente recebe os últimos retoques dos ornamentadores, que trabalham o tempo inteiro com uma introspecção perceptível, demonstrando fé e dedicação ao seu ofício. Por volta das quatorze horas as portas da Catedral são abertas novamente, recebendo um público de curiosos para ver como ficou a ornamentação daquele ano e já para deixar alguma oferta para a santa.

O BEIJA E AS IMAGENS DE SANT'ANA

(...) Hoje ela (Sant'Ana) está satisfeita, hoje ela está tranqüila, hoje ela está alegre, hoje parece que a gente pede algo e ela diz sim. Outro dia parece que ela diz 'vamos ver', outra ela diz 'ainda não é possível'. É impressionante! Agora, não sou apenas eu quem vê isso. Não é privilégio meu. Qualquer um de vocês procure ter esse hábito que acontece (Mons. Antenor, julho de 2007).

Com a imagem de Sant'Ana já acomodada em seu andor e devidamente ornamentada, os devotos podem adentrar à Catedral onde já estão posicionados próximos à imagem os cestos que recolherão as ofertas (doações) dos fiéis. Esse é um momento particular da Festa de Sant'Ana de Caicó, quando os devotos veneram a imagem de Sant'Ana, depositam sua oferenda e com um gesto de profunda reverência beijam a própria mão e tocam a imagem, transferindo todo seu afeto simbolizado no beijo, este é denominado o momento do *beija*, gesto que se repete desde a cerimônia

pública de instalação da Povoação do Caicó, em 1735, antes mesmo da criação da paróquia de Sant'Ana.

Após a procissão final, depois que a imagem da Santa retorna ao interior da Catedral, ocorre um segundo momento do *beija*, acompanhado de uma acirrada disputa pelas flores que ornamentam o andor e a imagem. Muitos acreditam que o chá dessas flores é milagroso, outros guardam como lembrança ou fazem o voto de mantê-las intactas até a procissão do ano seguinte, outras pessoas se contentam simplesmente em tocar o andor ou os pés da imagem. É um momento de profunda manifestação de fé e reverência à Senhora Sant'Ana, que exige muito esforço e organização por parte da comissão paroquial responsável pelo momento. Há um cuidado especial em evitar qualquer acidente com a imagem, sobretudo durante os pouco mais de dois minutos em que os fiéis se engalfinham na tentativa de pegar ao menos uma das rosas que acompanhou Sant'Ana em seu cortejo devocional. Nesse sentido, há uma organização prévia do espaço, realizada antes mesmo da procissão, dispondo-se os bancos da Catedral em um formato de meia lua ao redor da imagem, com dois ou três sacristões sempre atentos a qualquer desestabilização na imagem.

Em 2010 a imagem principal de Sant'Ana deixou a Catedral para passar pelo seu quarto processo de restauração, e ao que tudo indica ganhará uma redoma de vidro para não sofrer mais deterioração. A paróquia já demonstra preocupação com a reação dos devotos, que não mais poderão tocar a imagem. Contudo, é importante equacionar as perdas e ganhos em relação ao isolamento da imagem, uma vez que ao longo dos anos foram observadas diversas avarias muitas vezes causadas por devotos demasiado fervorosos.

Segundo o laudo dos restauradores Hélio de Oliveira e Neilton Santana da Silva, “no panejamento das figuras é flagrante o desgaste que ao longo dos anos o conjunto vem sofrendo dado o apego dos fiéis em tocar o seu referencial de fé”. A origem da “imagem principal da Senhora Sant'Ana”, retratada sentada com uma jovem ao lado, permanece desconhecida. Uma versão dá conta de que a imagem foi escupida em Caicó, por Tomás de Aquino, versão pouco sustentada, uma vez que a imagem apresenta uma tradição estética distinta daquela difundida entre os santeiros do sertão seridoense. Em uma outra versão, a imagem teria sido trazida do Rio de Janeiro pelo padre Francisco de Brito Guerra, no início do séc. XIX. Tudo que se sabe, através dos registros

paroquiais, é que a imagem principal de Sant'Ana está em Caicó desde 1811. Em janeiro de 2010 a Paróquia de Caicó entrou com pedido de tombamento da imagem principal de Sant'Ana.



O beija. (foto: acervo IPHAN)

Uma outra imagem *primitiva* de Sant'Ana, que é retratada em pé, está presente em Caicó pelo menos desde a instalação oficial da povoação do Caicó, em 1735. Foi doada pelo cearense Luiz da Fonte Rangel, ficando no altar principal da Igreja de Sant'Ana até o ano de 1823, quando foi substituída pela imagem atual. A imagem *primitiva* foi leiloada, ficando sob posse da família do Sargento Mor Manoel Gonçalves de Mello, que a deixou como herança para seu filho, José Batista de Mello. Sem herdeiros, o Pe. José Batista teria doado a imagem *primitiva* à um dos descendentes da família Fonte Rangel. Sant'Ana *primitiva* foi finalmente devolvida à paróquia em julho de 1999, onde permanece em um nicho localizado em uma das paredes laterais da Catedral de Sant'Ana. Esta imagem é tombada pelo IPHAN, conforme notificação nº 887 de 25 de junho de 1962. Em março de 2009 um episódio curioso marcou a vida

devocional dos caicoenses, quando foi anunciada a retirada da imagem de Sant'Ana para restauração. Houve uma mobilização popular que resistia à idéia de retirar a Senhora Sant'Ana de seu “lar”. No entanto, a imagem destinada à restauração não era a *principal*, que sai atualmente em procissão, como pensavam os devotos, mas sim a imagem *primitiva*, tombada desde 1962. Apesar de seu enorme valor histórico e artístico, diante dos fatos ocorridos percebeu-se que a imagem *primitiva* de Sant'Ana não possui o mesmo valor afetivo que tem a imagem *principal* para os caicoenses.

Há ainda uma terceira imagem de Sant'Ana, também retratada de pé, que foi entronizada pelo Cônego Celso Cicco em outubro de 1919. Segundo relatos de Ms Antenor Salvino de Araújo¹⁴, a substituição da imagem de Sant'Ana, que naquela ocasião passou a ser denominada *Sant'Ana Velha*, a mesma que hoje é denominada *principal*, causou insatisfação dos devotos. Ainda segundo Ms. Antenor, a *Sant'Ana Velha* foi restaurada em 1935, e somente em 1947 foi recolocada no altar central da Catedral de Sant'Ana, passando a ser denominada como a imagem *principal* da Senhora Sant'Ana.

É UM ESTRONDO! A PROCISSÃO DE SANT'ANA

Eu vou andar com Sant'Ana
Vou carregar seu andor.
Eu vou levar pra Sant'Ana
O meu pezinho de flor.
Vou entregar a Sant'Ana
As injustiças que há.
Recomendar a Sant'Ana
Toda a nação potiguar¹⁵.

A procissão final da festa de Sant'Ana de Caicó continua sendo até hoje o maior aglutinador de todos os festejos religiosos da região do Seridó, reunindo um público estimando em mais de cem mil pessoas no ano de 2009, bastante significativo para uma cidade de pouco mais de sessenta mil habitantes. A cada ano esta celebração agrega um número maior de participantes, oriundos de diversos lugares. Desde a saída até retornar para o largo da catedral, onde é celebrada uma missa campal, torna-se notória a devoção

¹⁴ Entrevista concedida em julho de 2007.

¹⁵ Trecho da canção “Sant'Ana”, de autoria de Elinor Julião (1936 - 2006), artista potiguar.

a Sant'Ana. Em se tratando da relação dos fiéis com a imagem da santa, o Monsenhor Antenor, Padre Emérito da Paróquia de Sant'Ana dá o seguinte depoimento:

Eu acho Sant'Ana um encanto o ano todo, porém o momento alto, o ápice é quando ela toma posição na soleira da Catedral, daí, pára. Então, ela vai, o andor começa a ser dirigido pelos devotos. Ela vem do interior da igreja e toma posição na soleira da Catedral. Todo mundo vê, bate palmas. É uma coisa!!! Eu fico olhando... Cada ano pra mim é novidade. Eu acho que naquele momento tudo vira outra forma. Parece que ela “envivece”, parece que ela está se comunicando, parece que ela está ouvindo, parece que está dizendo, parece que ela está... é uma coisa de impressionar, é um estrondo! (julho de 2007).

O cortejo inicia-se sempre às 16:30h, quando a multidão devota deixa a Catedral percorrendo as principais ruas e avenidas da cidade de Caicó, cumprindo o seguinte itinerário: Av. Seridó, Rua Pedro Velho, Av. Celso Dantas e Av. Cel. Martiniano, retornando pela Av. Seridó até chegar novamente à Catedral de Sant'Ana. O percurso atual teve início em meados da década de 1990, diante do crescimento de número de fiéis, fez-se necessário aumentar o caminho percorrido. Com as proporções que a procissão foi tomando também foi preciso introduzir carros de som ao longo do cortejo, para facilitar a comunicação entre os celebrantes e os devotos, evitando assim a sua dispersão. Nesse percurso, há lugares de memória que possuem uma significação especial para o povo de Caicó, como: a Catedral de Sant'Ana; a Praça da Matriz; a Praça da Liberdade; o Mercado Público; o Grupo Escolar Senador Guerra e a Prefeitura de Caicó.



Itinerário da Procissão. (fonte: Superintendência IPHAN-RN)

Os moradores das ruas e avenidas por onde passa a procissão contribuem deixando os caminhos livres, sem carros ou motos estacionados e, mesmo aqueles que não acompanham a procissão participam dela, estendendo lençóis brancos e exibindo imagens da santa em suas janelas. Ao longo de todo o trajeto ouve-se os foguetórios em homenagem à Senhora Sant'Ana, misturando-se ao som dos cânticos e orações declamados pelos devotos.



O cortejo da procissão solene fotografado em frente à Matriz de Sant'Ana no final do século XIX.
(foto: Acervo Museu do Seridó)

A procissão apresenta uma organização básica que parece se repetir ao longo dos anos, com pouca variação: os batedores da Polícia Rodoviária Federal vai à frente do cortejo, abrindo espaço para a procissão passar. Em seguida formando duas fileiras paralelas, vem os coroinhas seguidos do grupo de escoteiros abrindo o cortejo, entre as fileiras um diácono carrega um crucifixo conduzindo uma terceira fila composta pelos porta-bandeiras das ordens religiosas e pastorais que compõem a Diocese de Caicó. Seguindo os escoteiros nas fileiras laterais, vem as ministras da eucaristia entre as quais vem tocando a Banda Recreio Caicoense, a *Furiosa*, juntamente com duas fileiras formadas lado a lado por associações e pastorais religiosas, condutores de estandartes e bandeiras. Fechando a comissão de frente da procissão, ao fim das fileiras laterais estão os seminaristas da diocese, entre eles as autoridades eclesíásticas, formando cinco filas paralelas. Na fila central, o Bispo é o primeiro à sua esquerda, o Pároco de Sant'Ana. Não se sabe precisar desde quando passaram também a formar um cordão humano composto de jovens voluntários da paróquia, separando as autoridades eclesíásticas da multidão que vem seguindo o cortejo, envolvendo a primeira imagem conduzida, a de

São Joaquim, marido de Sant'Ana, que certamente goza de prestígio bem menor em comparação à sua esposa, que vem em seguida.



Comissão de frente da procissão. (foto: acervo IPHAN)

A procissão de encerramento da Festa de Sant'Ana é um momento magnífico, um desfile de comoção e fé do sertanejo, que não mede esforços no pagamento de suas promessas, que se engalfinha na tentativa de ao menos tocar um pedaço do andor de Sant'Ana; os que não conseguem contentam-se em segurar o ombro de alguém que o esteja alcançando, formando verdadeiros cordões humanos que emanam a partir da imagem, como se as bênçãos da santa fossem atravessando os corpos, chegando a cada um dos fiéis. O andor é objeto muito disputado, todos querem ter o prestígio ou cumprir promessa de carregá-lo, nem que seja por poucos segundos. Os que querem ter o privilégio de carregar o andor de Sant'Ana desde sua saída da Catedral já chegam ao recinto cerca de duas horas antes da saída do cortejo.



Procissão na Av. Seridó. (foto: acervo IPHAN)

As imagens de Sant'Ana e São Joaquim são recebidas de volta à Catedral com o repicar dos sinos e fogos de artifícios. Enquanto a imagem toma posição para voltar ao altar, os devotos avançam para retirar as flores que ornamentam seu andor, num furor que não se pode conter. Ao chegar no interior da Catedral, em frente ao altar principal, a imagem de Sant'Ana é posicionada para o segundo momento do *beija*, quando além de tocar a santa, os devotos arrancam as flores do andor, cujo chá acredita-se ser milagroso. Enquanto isso, o clero se posiciona para a celebração de uma missa campal de encerramento, no pátio frontal da Catedral, lugar que se torna minúsculo para as quase cem mil pessoas que acompanham o cortejo.



O segundo momento do beija. (foto: acervo IPHAN)

Na procissão de encerramento a fé e devoção à Senhora Sant'Ana emanam nos gestos de fiéis que vem acompanhar sua padroeira em cortejo solene pelas ruas e avenidas da cidade de Caicó. Muitos são os pagadores de promessas que vem agradecer as “graças alcançadas” por intercessão da avó de Jesus. Percorrer o trajeto da procissão conduzindo o andor da padroeira constitui-se como um dos principais destaques deste evento que culmina com a bênção final e o arreamento do Estandarte de Sant'Ana, que só depois de um ano deixará novamente seu altar-mor, para visitar as ruas de Caicó.



**BAILES, BANQUETES E
REENCONTROS**

Principal acontecimento sociocultural de todo o sertão do Rio Grande do Norte, as festas religiosas são sempre motivo de confraternizações, de encontros ou reencontros das famílias, dos amigos e dos visitantes que se unem nas homenagens à Padroeira da cidade. Assim como a Senhora Sant'Ana abriga docemente em seu coração todos os filhos dessa e de outras terras, também a sua Festa comporta festividades, comemorações, solenidades cívicas e eventos diversos organizados não pela paróquia, mas pelos poderes públicos municipal e estadual e pela iniciativa privada.

A Catedral de Sant'Ana, o Pavilhão de Sant'Ana, a Praça da Liberdade, o Poço de Sant'Ana, o Colégio Diocesano Seridoense (CDS), os clubes (Atlético Clube Coríntians de Caicó, Caicó Iate Clube, etc.) e, hoje, a Ilha de Sant'Ana, destacam-se como espaços onde acontecem as festas. Durante as comemorações a Senhora Sant'Ana, esses lugares transformam-se num novo “espaço” onde funcionam múltiplas redes de sociabilidades. Nesse sentido, cada festa cristaliza-se como um novo cenário recuperado pela memória coletiva que se faz presente em todos aqueles que vivenciam tais práticas. São espaços de encontro nos quais o sagrado e o profano se misturam no sentido de estabelecer laços de sociabilidade e, principalmente, de afirmação de uma identidade construída, às vezes, mais na subjetividade do “sentir-se caicoense” do que numa identidade religiosa.

Não obstante ser uma demonstração de fé e devoção religiosa, a Festa de Senhora Sant'Ana sempre foi, como comprovam os registros históricos, objeto de encontros e congraçamentos. Apresentava-se e ainda se apresenta como tempo propício de retorno à cidade, quando o caicoense (o “filho ausente”) deixa-se levar pelos caminhos que o reconduzem à sua terra natal para compartilhar dos atos litúrgicos e festivos de exaltação à Padroeira. Num gesto de pura cortesia e saudação, a chegada dos conterrâneos costuma ser anunciada efusivamente pela imprensa periódica. “A Festa oferece condições para tudo isso, porque ela é o encontro dos que vieram com os que sempre permaneceram aqui,” escreveu o cronista (Andrade, 1967).

O BAILE DOS COROAS E A FESTA DA JUVENTUDE: FESTEJOS DE GERAÇÕES ANTAGÔNICAS

Com a intenção de reviver o *glamour* e o encanto dos bailes do passado, animados musicalmente por grandes orquestras, em 1974, foi idealizada a *Festa dos Coroas*, ou *Baile dos Coroas*, pelos senhores Darci Fonseca, Automendes José e Erivanor Bezerra. O sucesso desse evento festivo, sempre na última sexta-feira da Festa de Sant'Ana, terminou por substituir o antigo Baile de Encerramento que era realizado após a procissão. Tendo um público assíduo, a cada ano atrai novos frequentadores de diferentes categorias sociais do Rio Grande do Norte e de outros estados brasileiros. O seu sucesso reside no diferencial: ambiente totalmente iluminado, com guarda de honra na entrada, animado por grandes orquestras de baile, com restrição ao tipo de bebida a ser consumida, permitindo-se consumir apenas uísque ou vinho; traje passeio completo para os homens e mulheres, as quais só terão acesso ao baile se estiverem usando vestido. Por sua vez, os homens, ao adentrarem nos salões do Atlético Clube Coríntians de Caicó, não podem em nenhum momento dispensar o uso do paletó. O acesso ao Baile é feito mediante a aquisição de uma mesa, com direito a entrada de quatro pessoas, custando em torno de trezentos reais, ou através da compra de senhas avulsas, saindo por volta de cem reais por pessoa. Em 2008 o Baile dos Coroas foi transmitido ao vivo pela primeira vez através da emissora TV União, demonstrando a notoriedade do evento, frequentado pelas mais abastadas famílias, empresários, personalidades políticas, representantes dos poderes públicos e lideranças religiosas de todo o estado e até mesmo de outras partes do país.



Baile dos Coroas. (foto: acervo IPHAN)

E a juventude festeira? Para ela, em substituição às *soirées*, a realização dos *shows* de grandes bandas no Caicó Iate Clube, na ASSEC, na AABB, na Ilha de Sant'Ana e nos bares espalhados pela cidade. Nessas ocasiões, os jovens apresentam um visual despojado, trajam roupas modernas de acordo com a moda ditada pela cultura de consumo em vigor e adotam atitudes independentes. Acompanham com o corpo o ritmo da música sertaneja, o gingado do forró, o compasso do axé e o molejo do pagode. Agrupam-se por faixa etária, demarcam territórios na praça e no clube e vivem a fugacidade do momento num “ato coletivo jubilatório.” Para o público jovem duas programações se destacam: a Festa da Juventude e a Ilha de Sant'Ana.

A Festa da Juventude, realizada há mais de vinte anos, surgiu em contraposição ao Baile dos Coroas, com toda a sua pompa e formalidade. Segundo os organizadores, o Baile dos Coroas não despertava interesse no público jovem, que preferia uma programação festiva mais despojada, ficando sem uma alternativa na sexta-feira da Festa de Sant'Ana. Foi então que um grupo de amigos, funcionários do Banco do Brasil,

decidiram criar a Festa da Juventude para acolher esse público, ocorrendo nas dependências da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB). A Festa da Juventude acontece sempre na última sexta-feira da Festa de Sant'Ana, mesmo dia e horário do Baile dos Coroas, sempre animada por bandas e cantores que fazem sucesso no momento, com preferência pelas bandas de forró e axé.



Festa da Juventude. (foto: acervo IPHAN)

Certamente a programação festiva não religiosa mais frequentada pela juventude é a que ocorre na Ilha de Sant'Ana, ilha fluvial localizada em um dos rios que corta a cidade de Caicó, o rio Seridó. Foi inaugurada oficialmente em julho de 2008, mas já vem funcionando desde 2007, ano em que agregou espaço à Festa de Sant'Ana pela primeira vez. O Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana comporta uma estrutura de bares e restaurantes, além de um anfiteatro, um ginásio poliesportivo e palcos para shows. Durante a Festa de Sant'Ana a Ilha recebe um parque de diversões um grande palco central, onde ocorrem os principais shows, com bandas de sucesso regional e nacional. Sem sombra de dúvidas é o espaço que mais agrega a juventude festeira, pois seu acesso

é totalmente gratuito, com as atrações em sua maioria patrocinadas pelo governo do estado em parceria com a prefeitura municipal.

CELEBRANDO REENCONTROS

A Festa de Sant'Ana é o lugar privilegiado dos reencontros, é a oportunidade dos “filhos ausentes” retornarem para visitar seus familiares e amigos. O período da Festa, que coincide com o recesso escolar da metade do ano, propicia a oportunidade de muita gente retornar ao seu lugar de origem. Além do Pavilhão de Sant'Ana e das celebrações religiosas, existem pelo menos duas celebrações que são diretamente destinadas ao objetivo de promover o reencontro de amigos e familiares que vivem distante e que aproveitam a ocasião da Festa de Sant'Ana para rever os seus. São a Festa do Reencontro e as festas de Ex-Alunos, com destaque para aquela promovida pelo Colégio Diocesano Seridoense, criado em 1942, mais conhecido como o CDS.

A festa do reencontro teve início no ano de 1983 sob iniciativa da “Loja Maçônica Regeneração do Seridó”, então presidida pelo Venerável Mestre Francisco Santiago. Segundo seus organizadores, o objetivo da festa do reencontro era agregar mais uma atrativo à grande Festa de Sant'Ana, propiciando um espaço festivo de reencontro entre o cidadãos e seus conterrâneos que viviam fora. Ocorrendo sempre no último sábado da Festa de Sant'Ana, a festa do reencontro teve seu estilo inspirado no baile dos coroas, que acontece no dia anterior, mas certamente com menos pompa e rigor em relação aos trajes. Em sua primeira edição houve uma parceria entre a igreja católica e a loja maçônica Regeneração do Seridó, que só se manteve mesmo na primeira festa. A festa do reencontro já teve como palco a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), a Associação dos Servidores da Caern de Caicó (ASSEC) e até mesmo o Atlético Clube Coríntians de Caicó, mesmo lugar onde ocorre o baile dos coroas, finalmente se fixando pelos últimos dez anos no Caicó Iate Clube. Assim como no baile dos coroas, o acesso à festa do reencontro é pago por meio da aquisição de mesas ou de senhas avulsas, comportando um público que varia entre oitocentas e mil pessoas. O principal interesse dos participantes nessa festa, conforme seus relatos, é o da confraternização entre aqueles residentes na cidade, e os amigos que retornam em época

de férias coincidente com a Festa de Sant'Ana. É com esse espírito que transcorre a comemoração, muitos cumprimentos, abraços e conversas calorosas, ao som das tradicionais orquestras de baile.

As festas de ex alunos propiciam outro espaço de reencontros, se tem conhecimento de pelo menos duas: a do Centro Educacional José Augusto (CEJA) e a do Colégio Diocesano Seridoense (CDS), esta última apontada como a mais *tradicional*. As primeiras tentativas de se organizar um festa em homenagem aos ex alunos do CDS datam de meados da década 60 do séc. XX, mas sem uma continuidade. Apenas a partir de 1986, com os esforços da Associação dos Ex Alunos do CDS, a festa passou a ter mais consistência, ocorrendo a cada ano com um público cada vez maior. Um dos objetivos da festa, em seus primórdios, era o de arrecadar fundos para a manutenção das dependências físicas do CDS, bem como das bolsas de estudo que até hoje são concedidas para estudantes de baixa renda. Há vinte e quatro anos a festa do ex aluno do CDS é organizada e gerida pela sua Associação de Ex Alunos.



Festa do Ex Aluno CDS. (foto: acervo IPHAN)

A festa do ex aluno envolve uma composição ritual um pouco mais elaborada, com a celebração de uma missa, seguida de aulas da saudade das turmas de 10, 20, 30, 40 e 50 anos, finalizando com uma festa animada geralmente por alguma banda da região. Outra característica particular é o horário de sua realização, iniciando sempre às oito e trinta da manhã do primeiro sábado da Festa de Sant'Ana, com a celebração de uma missa na igreja Matriz de São José, antiga capela do CDS, seguida das aulas da saudade. A parte cerimonial é destinada exclusivamente aos ex alunos, e só a partir do meio-dia as portas do CDS se abrem para acolher também familiares e amigos dos ex alunos. O público é limitado com a venda de uma quantidade de senhas equivalente ao público máximo que comporta o colégio, cerca de mil e quinhentas pessoas, que tem direito a churrasco e vinho à vontade. Tudo ocorre nas próprias dependências do CDS, que empresta momentaneamente seu espaço formal de estabelecimento de ensino ao orgiasmo festivo do reencontro. A cada ano há homenagens à uma turma ou grupo de ex alunos, dentre os quais podemos encontrar várias personalidades religiosas e políticas, assim como empresários e profissionais liberais bem sucedidos, formados nos quadros de uma das mais respeitadas instituições de ensino do estado.



ARTESANATO E COMIDAS FESTIVAS

Nas festas de padroeiro em geral, e em especial, na Festa de Sant'Ana de Caicó, nos deparamos com um conjunto de ofícios e modos de fazer rituais e cotidianos, cada qual com funções e significados simbólicos, estéticos, sociais e econômicos particulares, atribuídos pelos executantes e por apreciadores. São saberes e fazeres – ligados à alimentação, à arte decorativa, ao artesanato – que podem ser encontrados em todos os municípios do Seridó, concentrando-se em Caicó nos períodos de festejos, sobretudo naqueles em homenagem à Sant'Ana. As comidas festivas, e os bordados fazem parte da vida cotidiana dessa população e configuram seu universo cultural, sendo reconhecidos como patrimônio cultural da região.

COMIDAS FESTIVAS

As festas de padroeiros, em especial a de Sant'Ana, se constituem como um momento ideal para os caicoenses viverem o passado no presente, ao saborearem as apetitosas comidas de outrora. Apesar de pertencer ao domínio e ao espaço das donas de casa, algumas se especializam na profissão e passam a ser convidadas e / ou contratadas para preparar o cardápio de festas familiares e comunitárias que são regadas a “comidas festivas.”

A culinária do Seridó oferece uma variedade de “comidas tradicionais” que são disponibilizadas aos comensais em ocasiões festivas. Essas são elaboradas com mais frequência no ensejo de festas de padroeiros, para recepcionar parentes que moram distantes, para comemorar aniversários, casamentos e batizados e em outras datas especiais, como as festas de fim de ano e Natal. Dentre as “comidas festivas” presentes na culinária do município de Caicó e que são degustadas na Festa de Sant'Ana, figuram pratos tradicionais como a buchada, a panelada, a fritada, a galinha caipira, a carne de criação e de porco torrada, a paçoca de carne de sol, os queijos de manteiga e de coalho, os biscoitos (raivas, sequilhos, palitos) e os doces, como o chouriço e os filhoses guarnecidos com mel.

O ofício de queijeiro e o modo de feitura dos queijos de coalho e de manteiga constituem um saber relacionado ao ciclo da pecuária no sertão nordestino. Muito embora o ofício seja de domínio de homens e de mulheres, os primeiros têm uma presença mais expressiva na produção do queijo de manteiga. As mulheres se

relacionam mais com a produção do queijo de coalho. Mesmo assim, a produção de queijo é uma fonte de renda familiar, complementar ou integral, que termina por envolver diversos membros do grupo doméstico.

No imaginário coletivo, os queijos de coalho e de manteiga artesanais são comidas tipicamente nordestinas, especialidades da culinária local. Acredita-se que o queijo de coalho teria surgido com a necessidade que tinham os viajantes, ao realizarem longas jornadas, de acondicionar o leite nas mochilas (matulões) fabricadas a partir do estômago de animais jovens. Com isso, os viajantes observaram que o leite coagulava e que a massa era muito saborosa. Daí surgiu o queijo de coalho. Contudo, esse conhecimento já era dominado por alguns povos antigos, conforme nos lembra Cascudo (1973, 2004).

Tanto o queijo de manteiga como o de coalho têm no leite seu ingrediente principal, diferenciando-se quanto ao sabor, ao modo de feitura, às formas de apresentação e de comestibilidade. Enquanto a fabricação do queijo de coalho é baseada na simples coagulação do leite de vaca ou de cabra, por meio de produto químico ou de coalho animal e na prensagem da massa, na do queijo de manteiga, o leite é coagulado com o soro de leite e depois é submetido ao cozimento, para que a massa ganhe uma consistência mais firme, recebendo, no final, o tempero da “manteiga da terra”. As denominações queijo de coalho e queijo de manteiga devem-se, respectivamente, ao uso, em suas receitas, do coalho e da manteiga. Essas iguarias são saboreadas frescas, assadas, ou como “tempero” ou acompanhamento de alguns pratos regionais.

Com a fabricação industrializada dos queijos, um fenômeno surgido nas últimas décadas, os modos de feitura sofreram algumas modificações. Buscando ajustarem-se às normas da vigilância sanitária e dos mercados consumidores, muitos queijeiros passaram a seguir uma padronização em seus produtos, quanto à forma, ao peso e à embalagem. A despeito dessas modificações, alguns ainda mantêm as formas e apresentações de acordo com as técnicas e regras antigas.

No passado, com raríssimas exceções, o ofício de doceira e o modo de feitura de chouriço, filhoses, biscoitos de goma de mandioca, assim como de outras guloseimas da doçaria seridoense, era reservado às mulheres, como outras atividades culinárias e domésticas. Tratava-se de um saber-fazer praticamente assistemático, aprendido e transmitido no seio familiar, onde as humílimas doceiras, ainda meninas, iniciavam-se

na doçaria. Era exigido esmero e dedicação na feitura dos quitutes, sob pena de se pôr em risco a reputação da família. Em clima familiar, algumas mulheres não se contentavam com a simples reprodução de “receitas da vovó” e inventavam novas receitas e combinações a partir dos elementos disponíveis no contexto. Com o passar do tempo, esse saber-fazer vem sendo acumulado e transformado com novos ingredientes e novas tecnologias.

Antigamente, mesmo existindo algumas doceiras que faziam as especialidades por encomenda, prática que ainda subsiste, a grande maioria da produção era para consumo da própria família. As iguarias eram apropriadas para serem servidas e/ou presenteados aos visitantes e convivas mais exigentes. Alguns tipos eram fabricados principalmente para ocasiões especiais e pelas famílias que tinham melhores condições socioeconômicas. Hoje, grande parte do que é produzido é comercializada na região e exportada para outras cidades. Trata-se de uma atividade que vem crescendo e que gera renda para a economia doméstica, um crescimento diretamente associado à valorização das “coisas da terra” nos mercados regional e nacional. Todos os recursos materiais necessários para a feitura dos biscoitos são oriundos das doceiras e de sua família.

Em geral, a fabricação dos doces envolve o trabalho de membros da família e de “ajudantes”, os quais recebem salário pelo serviço prestado. A mulher continua à frente desse segmento de produção alimentar, apesar de a participação do homem vir crescendo, nas últimas décadas, conforme observações das doceiras. Elas detêm o controle da produção e da comercialização dos doces e biscoitos, em parceria com familiares. Apesar da participação dos ajudantes na feitura dos “doces”, são as marcas das doceiras que ficam impressas nas guloseimas. É pelo nome delas que os produtos circulam na comunidade. Além das doceiras citadas e respectivas famílias, há muitas outras famílias desenvolvendo essa atividade na região. O estudo da importância dessa atividade e de sua relevância para a economia familiar ainda está por ser feito.

O filhós ainda é um doce apreciadíssimo, mas segue receita diferente das variações da doçaria portuguesa. No Seridó, ele é servido com mel feito de rapadura ou de engenho e é mais consumido no carnaval, durante a Quaresma e na Festa de Sant'Ana. Segundo as doceiras, antigamente o filhós era produzido no dia de carnaval, conhecido como “domingo de entrudo” ou “domingo mela-mela”, quando se faziam festas e “mela-mela” com goma e outros produtos afins pelas ruas da cidade. As pessoas

tinham o costume de se sujarem com goma e mel e saírem “melando” as outras, dentro das casas. A brincadeira era uma maneira de proporcionar um prazer a mais na alimentação da família e de integrar vizinhos e amigos na alegria do período carnavalesco. Outro fato associado à feitura dos filhoses, no período de carnaval, era a presença dos “papangus”. Estes se fantasiavam com máscaras, trajavam-se com roupas velhas e saíam assustando as pessoas, principalmente as crianças, dentro de suas casas. Para que eles não fizessem medo às crianças, os adultos davam-lhes filhoses com mel e, então, eles iam embora.



Filhoses. (foto: acervo IPHAN)

Dentre os biscoitos produzidos pelas doceiras seridoenses, há aqueles em que se utiliza, como matéria-prima básica, a fécula de mandioca, também conhecida como polvilho, ou araruta. A raiva, o biscoito de leite e os sequilhos, ou iscas, são os três tipos de “biscoitos caseiros” mais requintados e mais apreciados pela população. A produção e o consumo desses biscoitos é mais intensa nos períodos de festas na localidade,

quando os moradores costumam receber visitas de parentes ou amigos em suas residências, pois os biscoitos caseiros são atrativos a serem oferecidos aos convivas. Afora as ocasiões festivas, os biscoitos são iguarias indispensáveis no “café de finado”, oferecido aos parentes, amigos e conhecidos da família, após a missa de trinta dias ou de ano do falecimento de um de seus membros. Trata-se de uma prática muito antiga que continua em vigor entre os seridoenses. Os biscoitos ainda são utilizados como guloseimas especiais para se presentear parentes e amigos, status de que também goza o chouriço.

O chouriço é fruto de uma combinação culinária de sangue e banha de porco, rapadura, castanha de caju, leite de coco, farinha de mandioca, especiarias (canela, erva-doce, cravo, pimenta do reino e gengibre) e água. Algumas mestras costumam usar também um pouco de gergelim e uma e sal. A feitura acontece no espaço da casa e é um evento culminante e ideal para se reunir a família “extensa” – parentes, vizinhos e amigos – e para o sangue de porco tornar-se comestível. Para que isso aconteça, são necessárias, em média oito horas de fogo doméstico e a perícia técnica de uma mestra – como é conhecida a mulher que faz o doce na região – e de ajudantes, mulheres e homens. Estes últimos geralmente participam mexendo o doce no tacho. Apesar de o chouriço ser um doce praticamente feito por mulheres, encontramos alguns mestres de chouriço na região. O chouriço permanece como uma iguaria singular na doçaria sertaneja, uma guloseima não recomendada para pessoas doentes e apreciado, sobretudo, por ter sabor doce. Mas é também um doce rejeitado por alguns sobretudo, principalmente por ser feito de sangue de porco (DANTAS, 2008).



Preparação do doce de Chouriço. (foto: acervo IPHAN)

A carne-de-sol, ou carne-seca, é a carne bovina salgada de modo especial, uma iguaria muito apreciada pelos seridoenses e produzida pelo marchante. O ofício de marchante é uma prática predominantemente masculina, normalmente aprendida e transmitida na própria família ou entre pessoas conhecidas, marchantes e ajudantes. O marchante é um comerciante especializado na compra, na venda e no abate de bovinos, caprinos, ovinos e suínos. Ele também comercializa a carne desses animais e pode realizar a castração artesanal dos machos. Além de suas atividades comerciais, ele também domina o modo de conservação das carnes por meio do salgamento e a feitura da carne-de-sol, ou carne-seca, da lingüiça de carne bovina ou suína. Alguns marchantes também são especializados na preparação da buchada. Para realizarem suas atividades, a maioria deles precisa da colaboração de ajudantes, conhecidos na região como abatedores, magarefes e ajudantes. Geralmente, os ajudantes tornam-se – posteriormente – marchantes ou somente abatedores, responsabilizando-se apenas pelo abate e pela preparação das carnes.

As denominações que a carne-de-sol recebe estão associadas ao fato de que, antigamente, em sua preparação, ela era salgada e depois exposta ao sol ou em ambiente fresco até ficar seca. Ao discorrerem sobre o processo de fabricação dessa carne, os marchantes dizem que, no passado, ela era feita por salgamento e secagem ao sol e ao vento, para ser desidratada e conservar-se por mais tempo. Apesar de hoje praticamente os marchantes não deixarem mais a carne secando ao sol, o processo de feitura da carne-de-sol pouco mudou. O consumo da carne-seca bovina pelos seridoenses é um hábito que vem desde o desbravamento da região pelos colonos. Nessa região, ela é considerada um alimento forte, saudável e substancioso, indispensável na alimentação, principalmente no dia-a-dia. É saboreada, normalmente, assada – na paçoca ou em pedaços.

Já a buchada é uma “iguaria festiva” da culinária sertaneja – feita ora com carne ora como vísceras de caprinos ou ovinos – cujo modo estrutural de preparo, em especial seu recheio, apresenta variações de município para município. Contudo, em todas as situações, trata-se de uma comida feita com bucho de criação, no formato de pequeno saco – chamado de “buchada” ou “buchadinha” – costurado e recheado com algumas partes desse tipo de carne. Em alguns municípios, o recheio é composto por carne de criação cortadinha ou moída e temperada, podendo conter alguns pedaços de vísceras, em outros, ele é preparado com fígado, coração, bofe e sangue (estes dois últimos, opcionais). Há, ainda, uma especialidade feita à base de vísceras finas, misturadas ou não com essas partes. Normalmente, as “buchadinhas” são cozidas conjuntamente com os mocotós, as tripas e a cabeça da criação (nome associado a espécies de caprinos e ovinos, assim como a carne desses animais), num caldo que serve para fazer o pirão. As partes da carne do animal que acompanham as buchadas formam a “panelada”. Assim, a buchada completa é um prato composto de duas comidas.



Panelada com buchada. (foto: acervo IPHAN)

O consumo da buchada é mais intenso durante os fins de semana, feriados e festividades e ainda é bastante associado à matança de caprinos e ovinos. Desde muito tempo, é um costume, na região do Seridó, quando do ensejo da matança de uma criação, a feitura da buchada ou da panelada, de preferência para ser saboreada no dia seguinte. Mesmo assim, é comum a comercialização, no mercado local, da buchada crua (já preparada ou para ser feita) ou cozida. A buchada cozida é um dos “pratos” da cozinha regional também apreciado em bares e restaurantes. No passado, era muito freqüente o consumo de buchada de carneiro no Sábado de Aleluia, por ser essa comida derivada de um símbolo sagrado (o cordeiro). Hoje, o hábito ainda existe, mas em menores proporções.

As comidas festivas fazem parte da culinária sertaneja e do vasto patrimônio imaterial do Seridó Potiguar. Na qualidade de acepipes, elas vêm sendo elaboradas e saboreadas na atualidade, a despeito de algumas mudanças vivenciadas em seus modos de feitura, de comestibilidade e de comensalidade. Como outrora, continuam

enfeitando a memória dos sertanejos, sobretudo quando estes são capturados pelos seus aromas e sabores vindos das “cozinhas maternas” durante as festividades. Pois são nestas excepcionalidades que estes parecem reafirmar seu estatuto de comidas festivas.

BORDADOS DE CAICÓ

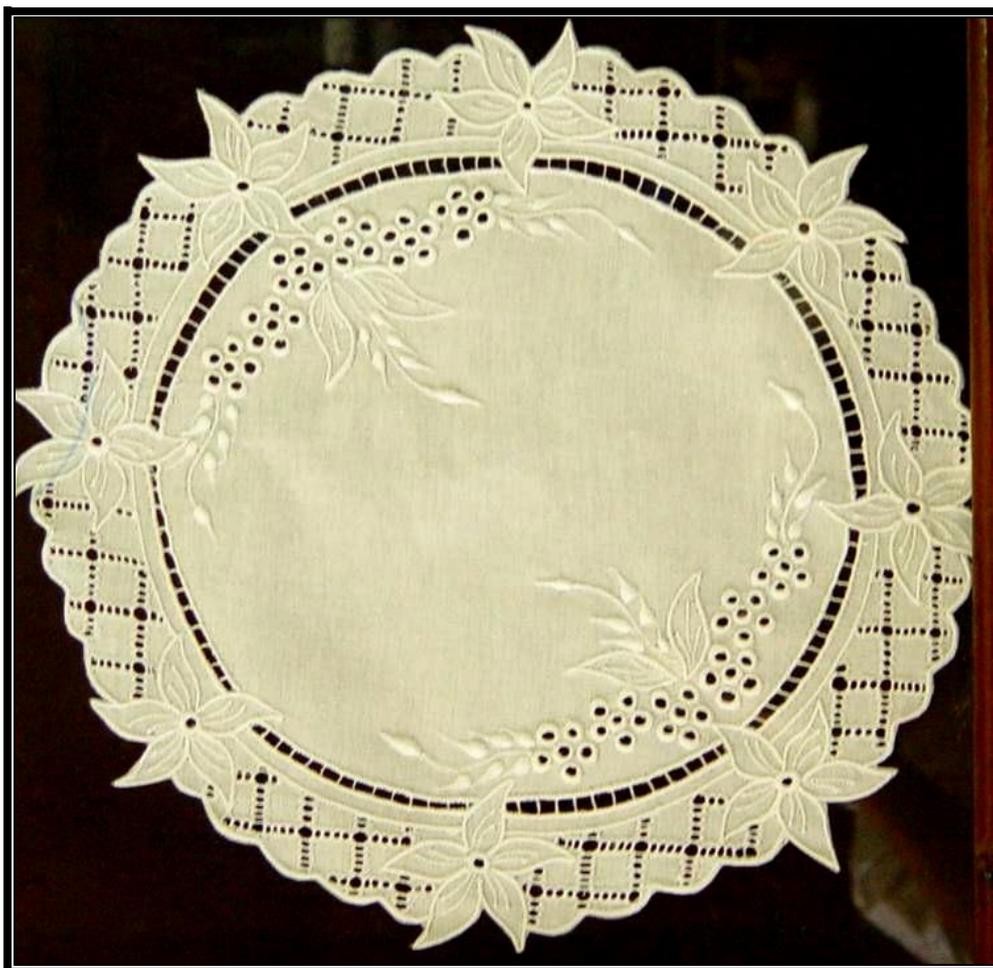
A arte do “bordado de Caicó” (ou do Seridó), segundo os interlocutores, chegou até a região do Seridó trazida pelas mulheres dos colonizadores portugueses, no final do século XVII e início do século XX, advinda, provavelmente, da Ilha da Madeira, a partir do bordado à mão. Inclusive, os padrões tradicionais remetem aos da Ilha da Madeira, em Portugal, com flores, folhas e pistilos. Antigamente, o ofício de bordadeira assim como o de costureira eram tão importantes que as moças que queriam “arrumar um bom casamento” eram praticamente obrigadas a ter as habilidades de bordar e costurar. Apesar de tratar-se de uma prática predominantemente feminina – desenvolvida normalmente na residência da bordadeira, nos últimos anos tem havido a inclusão de homens na produção de bordados. Dentre os municípios que mais produzem bordados, estão Caicó e Timbaúba dos Batistas. Os bordados de Caicó é o item mais comercializado no período da Festa de Sant'Ana, segundo pesquisas desenvolvidas pelo SEBRAE/Caicó desde 2002.

A princípio, o bordado era feito à mão. Mas, nos anos de 1940, com o surgimento da máquina de bordar Singer na região, os pontos à mão fossem adaptados ao estilo do bordado à máquina. Segundo as interlocutoras, a primeira mulher a ter contato com esse tipo de bordado foi a caicoense Dona Maria do Vale. Além das de Caicó, as bordadeiras de Timbaúba dos Batistas e de outros municípios absorveram a técnica do bordado à máquina. Atualmente, há, ainda, a máquina industrial, que garante mais rapidez e dispensa o controle com os pés. Foram acrescentados, nesse processo, outros pontos e estilos de se bordar bem como alguns incrementos na matéria-prima. No entanto, a máquina industrial tende à imprecisão nos bordados que pedem maior detalhamento.

As principais matérias-primas dos bordados são os tecidos e as linhas. Borda-se com cores e matizes. Os pontos utilizados são: ponto cheio, matiz, turco, richelieu, granito (variação do ponto doido), ponto reverso (também conhecido como haste ou atrás), crivo, bainha, ponto aberto, pesponto (variação do ponto arroz ou ponto contado, feito à mão). Atualmente, aliada aos pontos tradicionais, há a junção de renda renascença e labirinto. A linha de seda, que tem sido produzida em grande escala nos últimos anos, é usada como mais freqüência no bordado de enxovais.

O bordado tem um amplo repertório e acompanha com freqüência a moda. Atualmente, as peças mais produzidas são: caminhos de mesa, panos de bandeja, lençóis de cama, toalhas para lavabo, toalhas de banho e redes. Fazem-se, ainda, camisetas e blusas de cambraia bordadas. Esses produtos são feitos a partir da leitura que as bordadeiras fazem da moda. Usam-se, também, bordados no enxoval de recém-nascidos. Antigamente, era comum a mulher passar toda a gestação elaborando as peças que compunham o enxoval, o qual incluía: o cueiro (lençol de uso diário, com barrado bordada à mão geralmente com motivos florais, com matiz, ponto sombra, ponto arroz e ponto cheio), a camisinha de pagão, os vestidos, para as meninas, e os lençóis para sair. O enxoval do batizado era especial: incluía o lençol e a camisa comprida, regularmente brancos, matizados.

No eventos religiosos mais solenes da Festa de Sant'Ana, como as missas e procissão, fiéis e clero se preparam de modo *sui generis*, fazendo uso do bordado. As vestes brancas de grande parte dos fiéis se evidenciam por meio dos bordados, principalmente os de *richelieu*. Os paramentos litúrgicos da igreja e dos padres também fazem uso desse tipo de adereço. É comum, ainda, que a última veste usada pela bordadeira, no leito de morte – a mortalha – seja feita com bordado, muitas vezes, confeccionado por ela própria, em vida.



Bordado de Caicó (pano de bandeja). (foto: acervo IPHAN)

Os diversos usos das peças, como descrito acima, revelam a variedade de possibilidades para o uso do bordado, que vai dos enxovais, às roupas, passando por momentos importantes da vida e das relações entre as esferas do sagrado e do profano. Como são diversos os usos, torna-se impossível determinarem-se detalhes muito específicos como também as dimensões das peças. Há referências aos bordados da Ilha da Madeira e outros tipos de pontos, mas a criatividade das bordadeiras é ilimitada e está, ainda, relacionada às intenções do mercado e da moda. Assim, observamos modificações e alterações de temas e de modelos, com o passar do tempo e surgimento de novas tecnologias e novos materiais.

Apesar de pequenas variações no desenvolvimento dos ofícios e modos de fazer das comidas festivas e dos bordados, esses são emblemáticos da região do Seridó: são referências que expressam e representam a cultura seridoense. Correspondem a conhecimentos e práticas sociais transmitidos de geração a geração, normalmente no

seio familiar e/ou entre pessoas conhecidas, os quais estão enraizados no cotidiano da comunidade, tendo expressiva importância social, simbólica e econômica para ela. Trata-se de bens referenciais e significativos, com os quais os caicoenses constroem um sentimento de pertencimento a um lugar, a uma cultura, e se diferenciam de outros povos, pois esses bens refletem uma representação coletiva e uma identidade social.



TRANSFORMAÇÕES RECENTES

Mesmo conservando a pedagogia formal das celebrações religiosas, ocorrem inovações no interior do acontecimento festivo, cuja regularidade, ritmo e encadeamento engendram a herança histórica que passa a ser transmitida de geração a geração, sucessivamente. Por não ser imóvel, a Festa de Senhora Sant'Ana abre-se às inclusões e adaptações em face das demandas da comunidade que celebra. Por se tratar de uma Festa plural – em torno da qual se imbricam vários eventos, tradições, costumes seculares e inovações – novos componentes foram, ao longo dos tempos, incorporados à programação social dos festejos da Padroeira. Algumas mudanças bastante significativas ocorreram a partir do ano de 2007, com o advento da Ilha de Sant'Ana e a mudança do pároco de Sant'Ana de Caicó.

A Festa de Sant'Ana foi tomando maiores proporções sobretudo a partir da segunda metade do séc. XX, no paroquiado do Monsenhor Antenor Salvino de Araújo, responsável em grande parte pelo desenvolvimento que a Festa conheceu nas últimas décadas. Filho de uma das famílias mais tradicionais do sertão norterriograndense, possuidor de uma astúcia retórica bem peculiar, Mons. Antenor conseguiu, ao longo dos seus quarenta e sete anos à frente da paróquia de Sant'Ana de Caicó, “dobrar” representantes do poder público e da iniciativa privada, conseguindo angariar importantes apoios para a realização da Festa de Sant'Ana, demonstrando grande desenvoltura enquanto gestor de um evento que crescia a cada ano. Seus esforços para a criação, em 1980, do Conselho Paroquial, tendo representação de diversos seguimentos da sociedade caicoense, contribuiu sobremaneira para a organização e gestão dos festejos de Sant'Ana. Além disso, o atual pároco emérito da paróquia de Sant'Ana tinha (e ainda tem) o costume de cobrar publicamente aos políticos melhorias para a Festa de Sant'Ana e pra própria cidade de Caicó, não medindo esforços para angariar o apoio dos poderes públicos municipal e estadual. A Ilha de Sant'Ana, construída em 2006, é o maior ícone de sua luta pelo aumento “do chão de Sant'Ana, que estava ficando pequeno para esta Festa grandiosa que hoje aí está”. Em 2007 Monsenhor Antenor é nomeado Pároco Emérito, e indica Padre Edson Medeiros de Araújo, seu primo, para lhe suceder enquanto Pároco de Sant'Ana de Caicó. Este passa a realizar uma série de inovações tanto na programação quanto na própria organização da Festa de Sant'Ana, que vem crescendo cada vez mais em número de participantes, patrocinadores e eventos nos anos de seu paroquiado.

DEVOTOS DE VÁRIAS GERAÇÕES

Percebe-se que todos os eventos que compõem a programação concebida pela paróquia, procura-se envolver toda a sociedade em seus diversos níveis, desde o pequeno agricultor até os grandes empresários; do funcionário público mais subalterno até as principais lideranças políticas; e das crianças aos idosos. Uma inovação ocorrida a partir de 2007 na programação religiosa da Festa veio no sentido de contemplar os públicos de gerações distintas. Sendo assim, a paróquia agregou dois eventos especiais: a Marcha dos Idosos e o Arrastão da Juventude.

O arrastão da juventude ocorreu pela primeira vez no ano de 2009, sob a iniciativa do Setor Diocesano de Juventude (SDJ), da Diocese de Caicó, que sentiu a necessidade de integrar o público jovem na programação religiosa da Festa, que encontra grande concorrência nos eventos “profanos” promovidos na Ilha de Sant'Ana, clubes e bares da cidade. O arrastão ocorreu no primeiro dia da Festa, antecedendo a primeira novena que tinha a juventude como um de seus noitários, saindo às 17h da Praça Dom José Delgado, bairro Paraíba, indo até a Praça da Catedral de Santana. O *arrastão da juventude* “Sou por Jesus” foi animado por trio-elétrico puxado pelo Pe Heliton Marconi da paróquia de Cruzeta, que já gravou seu segundo CD com músicas religiosas, acompanhado pelo Ministério de Música Recado de Deus, da paróquia de São Sebastião da cidade de Jucurutu-RN. O arrastão seguiu até a Catedral, onde houve celebração eucarística presidida por Pe. João Paulo Pereira de Araújo e animada pelo Ministério de Música da Comunidade Católica Shalom, da Renovação Carismática Católica. Em 2010 a paróquia pretende repetir o evento, e espere receber um público ainda maior, ampliando também a programação de atrações artísticas religiosas no Pavilhão de Sant'Ana, tudo isso com o intuito de agregar ainda mais a participação dos jovens nos Festejos de Sant'Ana que em 2010 será dedicada à juventude, levando o tema do ano da juventude da Diocese: “Jovem, levanta-te!”.

A Marcha dos Idosos teve início no ano de 2001 por meio de uma parceria firmada entre a Secretaria Municipal de Ação Social de Caicó e o Movimento de Integração e Orientação Social (MEIOS) do Governo do Estado do Rio Grande do Norte. Ela teria sido idealizada por um político local em articulação com alguns

municípios vizinhos, a idéia era reunir os idosos de seus municípios e trazê-los para os festejos de Sant'Ana de Caicó. Atualmente a Marcha dos Idosos cresceu, sendo integrada na programação religiosa oficial da Festa de Sant'Ana. São idosos de diversos municípios da região, que partem de suas cidades com o apoio dos poderes públicos, que disponibilizam um transporte e uma equipe de apoio.

A Marcha tem seu dia marcado na Festa de Sant'Ana, sempre na primeira sexta-feira, saindo por volta das oito da manhã da Prefeitura Municipal de Caicó com destino à Catedral de Sant'Ana. O cortejo leva à sua frente uma imagem de Sant'Ana e é acompanhado pela Filarmônica Recreio Caicoense (A Furiosa). Na Catedral, a Marcha é recebida com uma celebração eucarística, depois da qual é oferecido um “almoço dançante”, oferecido pelos promotores da Marcha no Caicó Iate Clube, onde podem desfrutar de uma programação de lazer que segue até o final da tarde. A Marcha contribui não só com a participação dos idosos de outros municípios no maior festejo da região, mas propicia uma ocasião de lazer e de interação entre eles, fazendo-se ampliar ainda mais as redes de sociabilidade.

ILHA DE SANT'ANA

A maior transformação ocorrida na Festa de Sant'Ana nos últimos tempos adveio com a construção do Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana. Uma grande estrutura com praça, bares, restaurantes, palcos, um anfiteatro e um ginásio de esportes, erigida numa ilha fluvial localizada no meio do rio Seridó. Foi idealizada por Monsenhor Antenor, que lutou incansavelmente pela sua realização, vendo seu sonho ser materializado em 2007, quando a Ilha foi pela primeira vez utilizada numa Festa de Sant'Ana. Contudo, sua inauguração oficial só ocorreu em 2008, conforme noticiado pelo governo estadual:

“O Governo do Estado entregou à população de Caicó, no dia 23 de julho, o Complexo Turístico da Ilha de Sant'Ana. Foram investidos R\$ 18 milhões na construção do espaço que já vinha sendo utilizado pelos caicoenses para eventos como a Festa de Sant'Ana, padroeira do município, que atrai turistas e conterrâneos durante todo este mês de julho.

O complexo foi construído para incrementar o turismo de eventos na região. O espaço consiste num parque temático, parque infantil, palco para os shows com praça de alimentação, boxes para artesanato, anfiteatro e um ginásio

dotado de quadra poliesportiva com dimensões oficiais e arquibancada com capacidade para 3.000 pessoas. O complexo deve atrair também pousadas que vão atender aos visitantes durante todo o ano, principalmente nos grandes eventos e festejos do calendário turístico de Caicó.”

(Governo do Estado. Disponível em: <http://www.rn.gov.br/acoes-do-governo/complexo-turistico-da-ilha-de-santana/12/>)

Segundo o próprio Monsenhor Antenor, a Ilha foi idealizada como forma de resolver o problema da “falta de chão” para a Festa de Sant'Ana, que crescia a cada ano, disputando espaço com barracas, palcos e parques de diversão. A construção da Ilha, de fato, “desafogou” a Festa de Sant'Ana, abrigando três estruturas que até então funcionavam nas adjacências da Catedral: os parques de diversões, os shows promovidos pela prefeitura e governo do estado e a Feira de Artesanato dos Municípios do Seridó, mais conhecida como FAMUSE, coordenada pelo Comitê Regional das Associações e Cooperativas Artesanais do Seridó – CRACAS, tendo como parceiros o Serviço de Apoio a Micro e Pequena Empresa – SEBRAE, o Governo do Estado, a Prefeitura Municipal de Caicó e instituições financeiras. A FAMUSE Reúne artesãos de todo o Seridó, de várias localidades do Estado e do Nordeste brasileiro, cujo colorido e qualidade das produções em tecido, palha, barro, madeira, couro e metal encantam os olhos dos visitantes. Os bordados em linho e organdi formam um espetáculo à parte pela beleza, delicadeza e criatividade dos desenhos cuidadosamente elaborados e executados com habilidade e perfeição pelas artesãs das cidades seridoenses. Durante a realização dessa feira de artesanato são oferecidas aos visitantes dos *stands* variadas atrações musicais e artísticas com valores da terra.

No anfiteatro “Hilda Araújo*” ocorre o espetáculo “Terra de Sant'Ana”, que dramatiza a “lenda do vaqueiro”, narrativa de fundação da cidade de Caicó. Ao longo dos dez dias de Festa, dividem o grande palco instalado na Ilha atrações musicais regionais e nacionais, como os cantores Raimundo Fagner, Elba Ramalho, bandas como Calcinha Preta, Aviões do Forró, dentre outros.

Além do “desafogo” no espaço da Festa de Sant'Ana, a Ilha trouxe benefícios financeiros para a cidade, conforme demonstra estudos dos Arranjos Produtivos Locais (APL) da Festa de Sant'Ana, concluído em 2008 pela Redesist/UFRJ:

* Irmã de Monsenhor Antenor, uma das autoras do Ofício de Sant'Ana.

“A partir da utilização da Ilha para a realização de shows os impactos econômicos puderam ser sentidos, principalmente porque, exceto as atrações principais que são de fora, faz-se questão que tudo seja adquirido em Caicó, afirma com orgulho o secretário municipal de planejamento [...] O secretário destaca o aumento no consumo em geral e, conseqüentemente, da arrecadação de ICMS, que geralmente é o dobro em agosto, quando comparado a julho.” (Nota Técnica 13/2008 – APL Festa de Sant'Ana de Caicó/RN: Fé, Arte e Gastronomia, p. 58)

De fato, para suportar os eventos realizados durante a Festa de Sant'Ana, a Ilha conta com um grande aparato material e humano, como a montagem de palco, tendas, stands, bares, banheiros químicos, gerador de energia, policiamento, corpo de bombeiros, médicos. Enfim, uma série de recursos contratados ou disponibilizados com forma de apoio no próprio município. De fora, apenas as bandas contratadas para realizar os shows e o patrocínio do espetáculo Terra de Sant'Ana que ainda assim é encenado por atores, em sua maioria, de Caicó e adjacências. Além disso, a Ilha abriga em seu território dois espaços bastante significativos para a identidade e história de Caicó, quais sejam, o Serrote da Cruz, onde foi fixada uma cruz em 1901 em comemoração à passagem de século, recebendo em 1940 uma capela votiva à São Sebastião; e o mítico Poço de Sant'Ana, lugar que abriga as principais narrativas de origem da cidade.

Nas palavras de Monsenhor Antenor “a Ilha hoje é a sala de visitas de Caicó”, é nela onde ocorrem os principais eventos socioculturais da cidade, como a programação de shows da Festa de Sant'Ana, o Carnaval, encontros de motociclistas, chegando a servir até mesmo como ponto de apoio para o Rally dos Sertões, a maior competição deste gênero no país. Com sua praça de alimentação, com estrutura de parque infantil, telões e palcos para shows e apresentações de pequeno porte, a Ilha de Sant'Ana se tornou imediatamente um dos pontos prediletos de lazer tanto para visitantes quanto para moradores de Caicó, durante o ano inteiro.

PROFISSIONALIZAÇÃO DA FESTA

É notável a transformação sobretudo no modo de organização e gestão da Festa de Sant'Ana a partir da atuação de Monsenhor Edson, que passa a almejar uma maior “*profissionalização*” no que diz respeito à produção do evento. Nesse sentido foi criada, no primeiro ano de seu paróquio, a Comissão da Festa de Sant'Ana responsável por conceber, produzir e gerir a Festa de Sant'Ana. Trata-se de uma equipe de voluntários, formada por leigos da paróquia que não medem esforços para realizar a cada ano uma Festa cada vez mais grandiosa e bem organizada. Toda a programação realizada ou apoiada pela paróquia passa necessariamente por esta Comissão, que é dividida em subcomissões responsáveis por cada evento (feirinha, pavilhão, peregrinações, jantar, liturgia, etc.). Monsenhor Edson e sua Comissão são responsáveis também por inovações bastante significativas na concepção, produção e gestão da Festa, que a vem fazendo tomar proporções maiores a cada ano. Podemos destacar, assim, a realização do Café com a Imprensa, realizado desde 2008 com o objetivo não só de divulgar a cada ano a programação da Festa de Sant'Ana, mas de mobilizar os profissionais deste setor para integrar o séquito de colaboradores de sua realização. Nesse sentido, é apresentada uma programação prévia sobre a qual os jornalistas, blogueiros e colunistas sociais podem opinar, inclusive sugerindo modificações.

Outra novidade substancial foi a criação da comissão de comunicação e marketing, dentro da comissão da festa, sendo responsável pela divulgação da Festa, assim como pela elaboração e comercialização de um plano de mídia. Essa comissão é composta em média por cinco pessoas, entre estudantes universitários e profissionais da área de comunicação (radialista e blogueiros). A mentalidade desta comissão é a de criar um grupo de patrocinadores oficiais da Festa de Sant'Ana, que desejem ter sua marca divulgada naquele que é o evento religioso mais expressivo da região, saindo da informalidade do “pedido de uma ajudinha” para um plano de mídia profissional, conforme salienta um dos membros da comissão. Os esforços geraram resultados e, segundo os estudos realizados pela RedeSist/UFRJ, em 2008 a Festa de Sant'Ana teve a adesão de quatorze patrocinadores oficiais. Outra façanha da comissão de comunicação e marketing foi a elaboração de um website oficial da Festa, através do qual o evento vem sendo transmitido ao vivo desde 2007. De acordo com a própria comissão, objetivo num futuro próximo é ampliar a abrangência do plano de mídia, assim como viabilizar a

transmissão televisiva ao vivo dos principais momentos da Festa (Abertura, Missa Solene, Procissão, etc.).

São notórias as transformações que a Festa de Sant'Ana de Caicó vem sofrendo ao longo dos anos. Sua notoriedade vem extrapolando as fronteiras locais, concretizando-se a cada ano como uma das mais significativas festas de padroeira do sertão nordestino. As inovações ocorridas em sua concepção, organização e gestão buscam acompanhar as dimensões que a Festa de Sant'Ana vem tomando, com o desafio de não se deixar de lado tudo aquilo que dá o caráter peculiar aos festejos em homenagem à Senhora Sant'Ana promovidos na cidade de Caicó.



FESTA DE SANT'ANA: REGISTRO E SALVAGUARDA

A FESTA DE SANT'ANA COMO OBJETO DE REGISTRO

Terminou a festa da Gloriosa Sant'Ana no dia 28 de julho passado. Houve novenas solenes com cantoria e exposição do sacramento [...]. A música de diletantes da localidade exibiu-se maravilhosamente. [...] À tarde tivemos procissão acompanhada por umas quatro mil pessoas.

O Povo, 03 de agosto de 1889

Ao eleger-se a Festa de Sant'Ana como objeto de registro, abrem-se novas perspectivas que permitem entender como se elaboram os processos identitários conjuntamente à reiteração de uma cultura nativa através da tradição - via recorrentemente utilizada pela antropologia (Carvalho s.d.; Cunha, 1992; Wachtel 1993; 2001). Podemos aproximar esta perspectiva à de Nathan Wachtel (2001: 32), quando ele propõe a abordagem da “*problemática da construção da identidade nas suas relações com a memória coletiva.*” Com efeito, o registro da Festa de Sant'Ana de Caicó mostra a cultura do Seridó em ação e revela regimes de temporalidade que orientam os discursos sobre o passado. Na tentativa de uma leitura cruzada da festa, das práticas cotidianas dos moradores, dos seus discursos e das suas narrativas, sublinhamos a importância desses elementos na elaboração de uma identidade e, através desta, de uma apropriação peculiar da história e do espaço locais que devem ser amplamente registrados, salvaguardados e divulgados.

A Festa de Sant'Ana de Caicó demarca um tempo e um espaço de sociabilidade no qual o sagrado e o profano se entrelaçam na construção de uma identidade coletiva. É uma ocasião especial para lembrar a história da cidade, reavivar laços de solidariedade fundados na família ampliada, reafirmar valores cristãos e acionar registros específicos da cultura seridoense, sobretudo no que diz respeito à sociabilidade fundada no interconhecimento. Assim, o espaço sagrado, as expressões narrativas, os atores sociais envolvidos e a tradição festiva são elementos que permitem manter a continuidade entre o passado e o presente. Reminiscências, permanências e variações

que, no entanto, mantêm uma tradição atuante nos diversos momentos da vida cotidiana s habitantes de Caicó. Esses têm orgulho em expressar um sentimento de autoctonia



Devoto de Sant'Ana. (foto: acervo IPHAN)

fundada numa religiosidade e num conjunto cultural material e imaterial que se adapta às configurações temporais e espaciais. A festa configura-se como um bom observatório para entender as mudanças sociais ocorridas recentemente, em particular as referentes à patrimonialização da figura da santa com o desenvolvimento de um turismo cultural -

processo pelo qual a presença do passado no presente se expressa numa polifonia em que o velho e o novo se cruzam, na evocação de uma temporalidade contínua.

A Festa de Senhora Sant'Ana de Caicó não apenas socializa, educa e instaura o tempo da celebração, ela constrói história, tece escolhas em torno de espaços públicos e desenha a cartografia dos festejos religiosos e não religiosos. Além disso, produz e divulga a cultura popular e erudita. Isso implica em considerar as formas e os diversos gêneros de expressão cultural que constam na vasta programação: exposições de pintura e de arte popular, apresentação de grupos de teatro e cantores locais, lançamentos de livros, discos, revistas e jornais com encartes especiais, que circulam amplamente no período dos festejos.

Enquanto “ato de participação comunitária,” a Festa da Padroeira enseja maneiras de convívio social e pedagogicamente fundamentadas ao longo dos séculos, matizadas por um sentimento comum de veneração à Padroeira e de pertencimento ao lugar Caicó. Sob as orientações prescritivas da pedagogia católica, atuou e atua como uma instância implementadora de religiosidades articulada com aprendizagens instrutivas, culturais e educativas, envolvendo condutas de convivência pública e comportamentos socialmente aceitos.

Por outro lado, a Festa de Senhora Sant'Ana de Caicó permanece situada na confluência de duas dinâmicas culturais complementares: a espontaneidade popular e a institucionalização dos festejos sócio-religiosos estabelecida pela Igreja Católica e poderes público e privado. A pluralidade das celebrações imprime à moldura dessa Festa a possibilidade da (re)criação do modelo festivo que se articula, simultaneamente, com a tradição e modernidade (renovação), com o religioso e social, com o lúdico e cultural e com a devoção permanente e (quase) única a Senhora Sant'Ana, Padroeira dos caicoenses de outrora e de então.

DIRETRIZES PARA O PLANO DE SALVAGUARDA

Identificando problemas

Os principais problemas referentes à realização da Festa de Sant'Ana de Caicó foram elencados a partir do diálogo direto com os sujeitos envolvidos em sua organização, seja de forma direta ou indireta. Além do próprio público que frequentou a Festa desde 2007, os principais interlocutores e parceiros na identificação destes problemas foram: A paróquia de Sant'Ana de Caicó, através de seu vigário e da comissão organizadora da Festa de Sant'Ana; os Organizadores dos bailes e festas que acontecem durante a Festa de Sant'Ana; a Associação dos Caminhoneiros de Caicó; o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE); profissionais de imprensa de Caicó; a Secretaria Municipal de Cultura, Eventos e Turismo, da Prefeitura de Caicó; a Casa de Cultura Sobrado do Padre Guerra, de Caicó; o Comitê Regional de Cooperativas e Associações do Seridó (CRACAS); a Associação das Bordadeiras do Seridó (ABS); Projeto Empreender Caicó.

A visão geral que se tem é a de que a Festa de Sant'Ana, no auge dos seus mais de dois séculos e meio de existência, encontra-se em plena expansão, recebendo um fluxo cada vez maior de visitantes; segundo as palavras de Monsenhor Antenor “*a Festa de Sant'Ana tá aí, cada vez mais imensa, e não tem quem acabe!*”¹⁶. É interesse comum dos sujeitos o crescimento da Festa, mas um crescimento sustentável, de forma que a “*essência*” dos festejos de Sant'Ana de Caicó não se esvaia numa espetacularização exacerbada e desmedida, assim como pontua um dos membros da comissão de comunicação e marketing da Festa.

A interlocução com os diversos sujeitos que realizam a Festa de Sant'Ana de Caicó, seja em sua organização e em seu desfrute, nos fez atentar para alguns problemas que podem constituir empecilhos para a continuação sustentável da Festa, bem como para a reprodução de suas tradições. Dentre estes, destacamos:

- A falta de cuidado por parte dos poderes públicos em relação ao patrimônio histórico e artístico local; evidenciado pelas condições que se encontram

¹⁶ Em depoimento registrado em julho de 2007.

determinados bens materiais e lugares de memória de Caicó, como o Sobrado do Padre Guerra, o poço de Sant'Ana, as ruínas da Casa Forte do Cuó, a Casa de Pedra e o complexo arquitetônico do “Casario Antigo” do centro histórico da cidade.

- A falta de conscientização do público a respeito do cuidado e conhecimento do patrimônio histórico e artístico local. Em alguns aspectos, as gerações mais novas não demonstram interesse e conhecimento acerca da história e cultura de seu município, subvalorizando lugares, bens e ofícios significativos da cultura local. Dois ofícios carecem de uma atenção especial: o de mestra(e) de chouriço e a de bordadeira. Em ambos os ofícios, percebemos que não há uma renovação expressiva de executantes.
- O espaço do Pavilhão de Sant'Ana e da Praça da Matriz, que abrigam os festejos promovidos pela paróquia sofre com a falta de uma estrutura adequada para receber os visitantes.
- Desde os primórdios da Festa é notável os esforços da Igreja, dos poderes públicos e da iniciativa privada na realização da celebração. No entanto há uma carência no que diz respeito à interação destes atores no sentido de coordenar suas ações de forma conjunta.
- No tocante à disponibilização de equipamentos e serviços, os poderes públicos deixam a desejar, causando ainda algumas insatisfações por parte de visitantes e moradores no período da Festa de Sant'Ana.
- Há um déficit de capacitação profissional reconhecido pelos próprios atores que organizam a Festa de Sant'Ana, tanto na sua programação sócio-religiosa quanto na sua programação sócio-cultural. Os mesmos destacam a necessidade de adquirir mais conhecimento técnico no que diz respeito à produção e gestão de eventos.
- Não há uma sistematização de dados, sobretudo quantitativos, a respeito da Festa de Sant'Ana. Informações sobre o fluxo de turistas e visitantes, da movimentação econômica, de investimentos, dentre outros, são poucos e pouco

sistematizados. Isso dificulta os estudos de diagnóstico de problemas, que servem de base para a proposição de soluções.

- Dados históricos, sobretudo fontes documentais, também são pouco sistematizados e de difícil acesso.

Proposição de Ações

Diante destas dificuldades apresentamos um conjunto de ações também elencadas em interlocução com os atores presentes na Festa de Sant'Ana. São ações de curto, médio e longo prazo, que devem ser levados à cabo no sentido de garantir a continuação sustentável da Festa.

- Ações de Curto Prazo
 - Com o intuito de salvaguardar os ofícios de bordadeira e mestra de chouriço e dos modos de fazer bordado e doce de chouriço, propõe-se ações que incentivem e garantam a transmissão dos saberes para as gerações mais novas, como a realização de oficinas, mostras e concursos culturais, bem como a documentação textual e visual destes ofícios.
 - Incentivar a cooperação entre os diferentes níveis de organização da Festa, integrando os representantes da paróquia, dos poderes públicos e iniciativa privada. Para tanto, recomenda-se o incentivo a criação de um “Comitê Gestor” da Festa, sugerida pelo estudo do APL da Festa de Sant'Ana, realizado pela REDESIST/IE/UFRJ e SEBRAE.
 - Mobilizar os poderes públicos no sentido de prover de forma satisfatória os equipamentos e serviços necessários à realização da Festa.
 - Recuperar e proteger o Poço de Sant'Ana, marco da história de Caicó e da devoção local à Sant'Ana.
 - Implementar um Programa de Educação Patrimonial em escolas da rede pública de ensino em Caicó, incentivando debates e a produção de textos

(redações) e material audiovisual sobre o patrimônio cultural local, com foco sobre os múltiplos aspectos da Festa de Sant'Ana. O objetivo é difundir o conhecimento a respeito do patrimônio cultural nacional e local, despertando as novas gerações para o cuidado e apropriação sustentável de seus bens culturais.

- Ações de Médio e Longo Prazo

- Com o intuito de ampliar, sistematizar, organizar e disponibilizar ao público conhecimento a respeito do passado e do presente da Festa de Sant'Ana, recomenda-se o incentivo às pesquisas e publicações a respeito da celebração, com a criação de premiações a trabalhos acadêmicos e escolares, assim como a realização de mostras e exposições sobre o tema.
- Viabilizar a criação de um Memorial de Sant'Ana, espaço de reunião e exposição de registros históricos e contemporâneos sobre a Festa de Sant'Ana e todo o universo cultural que gira em seu entorno. A criação deste Memorial deve levar em conta a participação da população local, envolvendo-a em todo o processo de concepção, organização e implementação. Para tanto, devem ser estabelecidas parcerias com instituições de ensino locais em todos os níveis.
- Realizar um inventário dos monumentos históricos de Caicó, com vistas ao seu tombamento e salvaguarda.
- Viabilizar, em parceria com instituições de ensino, a criação de um roteiro histórico da Festa de Sant'Ana, com o intuito de propiciar tanto aos visitantes quanto aos moradores de Caicó um contato direto com os principais monumentos e lugares significativos no contexto histórico e contemporâneo da Festa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A FESTA. **O Povo**, Caicó, ano 2, n. 18, 26 jul. 1890.

A FESTA DE SANT'ANA. **A Folha**, Caicó, ano 9, n. 124, 27 jul. 1963.

ANDRADE, M. Sociedade. **Jornal da Festa**, Caicó, n. 4, 23 jul. 1967.

ARANHA SOBRINHO. José. Festa dos Coroas, uma tradição revivida. **Revista do 5º Jubileu da Paróquia de Sant'Ana de Caicó**, Caicó, único v., n. especial, p. 24, jul. 1998.

ARAÚJO, Douglas. Registros históricos da formação do sertão antigo no Seridó potiguar. In: _____. **A morte do sertão antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia (1970-90)**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006. (Série BNB Teses e Dissertações, n. 2).

_____. O branco, o negro e o índio inventam a tradição no Seridó: o imaginário sertanejo. In: ARAÚJO, Douglas. **A morte do sertão antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuarista em Caicó e Florânia (1970-90)**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006. (Série BNB Teses e Dissertações, n. 2).

ARAÚJO, Lidiane; SILVA, Margarida da. **Rastos caicoenses**. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado, 1983. (Coleção Mossoroense, 253 v.).

ARAÚJO, Lidiane; LUCENA, Lindomar Vale. **Rastos caicoenses II**. Caicó: [s.n., 199].

_____. **Rastos caicoenses III**. Caicó: [s.n.], 1997.

ARAÚJO, Marta Maria de; MEDEIROS, Maria das Dôres. **A Cidade, a Igreja e a Festa de Sant'Ana de Caicó-RN: séculos XVIII e XIX. Sociedade e Território**, Natal, v. 15, n. 2, p. 53-61, jul./dez. 2001.

_____. **A Festa de Sant'Ana de Caicó em suas tradições, heranças, pedagogia e história**. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4. 2002. Porto Alegre. **Textos Completos...** São Leopoldo: UNISIMOS, 2002 (CD-ROM).

_____. **A pedagogia cultural da Igreja Católica para Caicó-RN e a Festa de Sant'Ana – Século XVIII**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA

EDUCAÇÃO, 2., 2002, Natal. **Anais 2002...** Natal: Núcleo de Arte e Cultura, 2002 (CD-ROM).

_____. **A pedagogia da festa de Sant'Ana de Caicó (1889-1930)**. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 16., 2003, São Cristóvão. **Anais EPENN 2003...** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2003 (CD-ROM).

_____. **A Festa da Gloriosa Senhora Sant'Ana, vida cidadina e educação escolar em Caicó (Vila do Príncipe por volta de 1861)**. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE NORDESTE, 17., 2005, Belém. **Anais...** Belém: EDUFPA, 2005 (CD-ROM).

AUGÉ, Marc. 1994. **Não-lugares**. Trad. Lúcia Muznic. Portugal: Bertrand.

AZZI, Riolando. 1978. **O catolicismo popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes

BRANDÃO, Thadeu de Souza. **A senhora do sertão: a festa de Sant'Ana de Caicó**. 2002. 154f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. 1998. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CAICÓ: FESTA DE SANT'ANA, **Diário de Natal**, Natal: Caderno Especial, p. 6, Jul. 2002.

CAICÓ. **Comércio de Mossoró**, Mossoró, n. 167, 28 jul. 1907. (Coletânea publicada pela Coleção Mossoroense, 1998, série "B", n. 1535).

_____. **Comércio de Mossoró**, Mossoró, n. 170, 18 ago. 1907. (Coletânea publicada pela Coleção Mossoroense, 1998, série "B", n. 1535).

CARVALHO, Maria Rosário G. de. s.d. **"De índios 'misturados' a índios 'regimados'"**. In: M. Rosário de Carvalho & E. B. Reesink (orgs.): *Negros no mundo dos índios: imagens, reflexos, alteridade*: 82-99 (no prelo).

CASCUDO, L. da Câmara. 1955. **História do Rio Grande do Norte**, Rio, Mec.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro 2a. edição, 1962

CERTEAU, Michel de. 1994. **A Invenção do cotidiano**. *Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, [Tradução: Ephraim Ferreira Alves].

CHARTIER, Roger. Disciplina e invenção da festa. In: _____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CIRNE, Moacy. **A invenção de Caicó**. Natal: Sebo Vermelho, 2004.

CONCÍLIO ECUMÊNICO DE TRENTO. A invocação e veneração às relíquias dos Santos e das Sagradas Imagens. Sessão 25., celebrada no tempo do Sumo Pontífice Pio IV. Em 03 e 04 de dezembro de 1563. In: **Documentos do Concílio Ecumênico de Trento da Igreja Católica**. Tradução Décio Antonio Paganini. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/agnusdei/trento.htm>>. Acesso em: 19 mai. 2005.

CONCURSO DE BELEZA. **O Binóculo**, Caicó, ano 2, n. 64, 29 jul. 1917.

_____. **Jornal das moças**, Caicó, ano 1, n. 28, 21 jul. 1926.

CONCURSO DE SIMPATIA. **O Binóculo**, Caicó, ano 1, n. 12, 30 jul. 1916.

CRÔNICA DO PASSADO. **A Folha**, Caicó, ano 1, n. 22, 31 jul. 1954.

CUNHA, Arizela. Caicó Esporte Clube, a Sede dos Morenos. In: In: ARAÚJO, Lidiane; SILVA, Margarida da. **Rastos caicoenses**. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado, 1983. (Coleção Mossoroense, 253 v.).

DANTAS, Dom José Adelino Dantas. **Homens e fatos do Seridó antigo**. Garanhuns: Gráfica do “O Monitor”, [1961].

DANTAS, Eugênia Maria. **Retalhos da cidade**: revisitando Caicó. 1996. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1996.

DANTAS, Manoel. Tradições antigas. **O Povo**, Cidade do Príncipe, ano 1, n. 21, 27 jul. 1889.

_____. **Homens de outr'ora**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1941.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DIAS, Reinaldo; Silveira, Emerson. **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Campinas, Alínea. 2003.

DIOCESE DE PERNAMBUCO. Edital do Senhor Bispo Dom Thomas da Encarnação Costa e Lima, proibindo as danças de São Gonçalo e Novenas em casas particulares aos 22 de setembro de 1777. In: PARÓQUIA DE SANT'ANA DE CAICÓ. **Livro de Tombo**. Caicó: Arquivo Paroquial, 1928.

DUMAZEDIER, Joffre. 1976. **Lazer e Cultura Popular**. Perspectiva.

DUPRONT, Alphonse. **A religião: antropologia religiosa**. In: LE GOFF, Jacques; NORA (Org.). Pierre. **História: novas abordagens**. Tradução Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco. Alves, 1976.

DURKHEIM, Èmile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, Maria Tereza de Araújo. **Caicó contada a seus netos: crônicas**. [Natal: s. n., 2004].

_____. **Caicó**, fatos que a memória gravou. Natal: Central de Cópias Editora, 2005.

FESTA DE SANT'ANA. **O Povo**, Cidade do Príncipe, ano 1, n. 22, 03 ago. 1889.

_____. **O Povo**, Caicó, ano 2, n. 17, 20 jul. 1890.

_____. **O Povo**, Caicó, ano 2, n. 19, 03 ago. 1890.

_____. **O Seridoense**, Caicó, ano 11, n. 526, 11 jul. 1924.

FESTA DOS EX-ALUNOS. **A Folha**, Caicó, ano 9, n. 124, 27 jul. 1963.

FONSECA, Alan Aparecido Ferreira da; AGUIAR, Maria das Graças. **A dimensão profana da festa de Sant'Ana** (2000). 2000. 84f. Monografia (Graduação em História) – Curso de História do Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2000.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Referências culturais: base para novas políticas de. Patrimônio** in IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação. Brasília: IPHAN/Minc/DID, 2000

FREGUESIA DE SANT'ANA DE CAICÓ. Termo de Visita Pastoral de Dom Aduino Aurélio de Miranda Henriques. In: PARÓQUIA DE SANT'ANA DE CAICÓ. **Livro de Tombo**. Caicó: Arquivo Paroquial, 1928.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Centro de Pesquisas “Juvenal Lamartine.” **Caicó**. Natal: Fundação José Augusto, 1982.

GALINIER, Jacques. 1997. **La moitié du monde. Le corps et le cosmos dans le rituel des indiens**.

GOODY, Jack. 1979. **La raison graphique. La domestication de la pensée sauvage**, Paris, ed. de Minuit, tradução Jean Bazin.

HERBERT, Luciano. A banda e as retretas. In: ARAÚJO, Lidiane; SILVA, Margarida da. **Rastos caicoenses**. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado, 1983. (Coleção Mossoroense, 253 v.).

HERVIEU-LÉGER, Daniele. 1996. **La religion des européens: modernité, religion secularization**. In: DAVIE, G.; HERVIEU-LÉGER, D. (Ed.). *Les identités religieuses en Europe*, Paris, La Découverte,

KOSTER, Henry. 1978. **Viagens ao Nordeste do Brasil**, Recife, Secretaria de Educação e cultura, governo de Pernambuco, trad. Luis da C. Cascudo.

LANFANT, Marie-Françoise, 1999. “**Identité, mémoire, patrimoine et ‘touristification’ de nos sociétés**”, *Sociétés*, Paris: Fr.

LEACH, Edmund. **O sistemas políticos da Alta Birmânia**: Um Estudo da Estrutura Social Kachin. São Paulo: EDUSP. 1996

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1974. **Anthropologie structurale**, Paris, Plon (réed.).

_____. 1989. **O Pensamento selvagem**, São Paulo, Papyrus.

LOPES, Eliana Marta Teixeira. Nostalgia e aspiração pelo livro: Santana Mestra na Colônia. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Modos de ler, formas de escrever**. Estudos de História da leitura e da escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LUCAS, José. A festa dos cavalinhos. In: ARAÚJO, Lidiane; SILVA, Margarida da. **Rastos caicoenses**. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado, 1983. (Coleção Mossoroense, v. 253).

_____. Onde está seu Benedito? In: ARAÚJO, Lidiane; SILVA, Margarida da. **Rastos caicoenses**. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado, 1983. (Coleção Mossoroense, 253 v.).

MACEDO, Helder A. de M. **Contribuição ao estudo da Casa-Forte do Cuó, Caicó-RN**. Menme: Revista de Humanidades. v.6, n. 13, dez.2004/jan.2005.

MAFFESOLI, Michel. 2001. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record.

MEDEIROS, Joaquim. **A dimensão turística da Festa de Sant’Ana de Caicó/RN**: diagnóstico e perspectivas. 2006. 84f. Monografia (Especialização em turismo e meio ambiente). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

MEDEIROS, Maria das Dôres. **A Festa educativa de Sant'Ana de Caicó-RN**. In: ENCONTRO REGIONAL DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 15., 2001, São Luís. **Anais...** São Luís: UFMA, 2001 (CD-ROM).

MEDEIROS, Maria das Dôres; ARAÚJO, Marta Maria. As festividades religiosas e cívicas em Caicó no ano de 1889. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RN, 2., 2006, Caicó. **Anais...** Natal: PROEX; Caicó: CERES-UFRN, 2006 (CD-ROM).

_____. As celebrações da Festa da Gloriosa Senhora Sant'Ana de 1930 (Caicó-RN). In: MORAIS, Grinaura Medeiros de; DANTAS, Eugênia. **Livro de Memórias**. João Pessoa: Idéia, 2006.

MACEDO, Muirakytan K. de (org.). Caicó: Uma viagem pela memória seridoense. Natal: SEBRAE/RN, 2003.

_____. **A penúltima versão do Seridó**. Uma história do regionalismo seridoense. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2005.

_____. **Rústicos cabedais**: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do Seridó (Séc. XVIII). 2007. 254f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

MAUSS, Marcel. 1974. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EDUSP.

_____. **Sociologia e antropologia**, São Paulo, Cosac & Naify. 2005.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Índios do Açú e Seridó**. Brasília: [Centro Gráfico do Senado Federal], 1984.

_____. **Cronologia seridoense**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque; Fundação Vingt-Un Rosado, 2002. (Coleção Mossoroense, livro primeiro, 1545-1800).

_____. **Caicó, cem anos atrás**. Natal: Sebo Vermelho, 2004.

MELQUÍADES, José. **Padre Francisco de Brito Guerra**, um Senador do Império. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1987.

MONTEIRO, Pe. Eymard L'E. **Caicó**. (Subsídios para a história completa do município). Recife: Escola Salesiana de Artes Gráficas, 1945.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Desvendando a cidade**. Caicó em sua dinâmica espacial. Brasília: Senado Federal/Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 1999.

_____. **Seridó Norte-Riograndense: uma geografia da resistência**. Caicó, RN: 2005

_____. **Seridó norte-rio-grandense: uma geografia da resistência**. 2004. 448f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

NOBRE, Manoel Ferreira. Cidade do Príncipe. In: _____. **Breve notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte**. Baseada nas leis, informações e fatos consignados na história antiga e moderna. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1971.

NORA, Pierre. 1984. *Mémoire et histoire: la problématique des lieux. Les lieux de memoire, V.1., La République*, Paris, Gallimard.

O NOSSO CONCURSO. **Jornal da Festa**, Caicó, ano 100, n. 1, 27 jul. 1930.

_____. **Jornal da Festa**, Caicó, ano 100, n. 8, 3 ago. 1930.

_____. **O novenário**, Caicó, ano 99, n. 1009, 27 jul. 1929.

PARÓQUIA DE SANT'ANA DE CAICÓ. **Livro de Tombo**. Caicó: Arquivo Paroquial, 1928.

RIO GRANDE DO NORTE. Assembléia Legislativa Provincial. Resolução nº 3, de 1835. Aprovando as Posturas da Câmara Municipal da Vila do Príncipe. **Projetos Sancionados** – 1835. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Natal, Caixa 210.

_____. Assembléia Legislativa Provincial. Resolução nº 330, de 6 de setembro de 1855. Aprovando vários artigos de Posturas da Câmara Municipal da Vila do Príncipe. **Coleção de leis provinciais do Rio Grande do Norte** – 1849 a 1855. Recife: Tipografia de M. F. de Faria, 1855.

_____. **Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, na Sessão Ordinária do ano de 1862, pelo Presidente da Província, o Comendador**

Pedro Leão Velloso. Maceió: Tipografia do Diário do Comércio, 1862. (Coleção Mossoroense).

_____. Câmara Municipal da Vila do Príncipe. **Lei nº 17, de 15 de outubro de 1864.** Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte, Natal, Caixa 210. (Avulso).

_____. Assembléia Legislativa Provincial. **Resolução de nº 12, de 26 de outubro de 1871.** Aprovando os artigos de Posturas da Câmara Municipal da Cidade do Príncipe. Instituto Histórico do Rio Grande do Norte, Natal, Caixa 208. (Maço 23).

POLLAK, Michael. 1989. Memória, esquecimento, silêncio, *Estudos Históricos* 3, Memória, Rio de Janeiro, 2, 3: 3-15 (<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>).

QUAL A MOÇA MAIS LINDA DA FESTA? O Binóculo, Caicó, 7 ago 1927. In: SOBRINHO, Inácio Vale. (Org.). **A nota.** Caicó: [Tipografia da Escola Pré-Vocacional de Caicó, 195-].

QUEIROZ, M. I. P. O Catolicismo Rústico Brasileiro. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 5, 1968.

SAVOLA, Cláudio. El turismo religioso ya mueve millones por el país y el mundo. *Clarín*, Buenos Aires, Cuadernos Sociedad, lunes, 22 sep. De 2003, ano VII, n. 2730, 2730.

SOCIEDADE E CIVISMO. **Jornal da Festa**, Caicó, n. 4, 23 jul. 1956.

SOUZA Itamar de (coordenador). Caicó, Fundação José Augusto - Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine. Natal 1982. 195p

STEIL, C. A. . Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas.. In: Abumanssur, Edin Sued;. (Org.). *Turismo Religioso. Ensaio Antropológico sobre Religião e Turismo.* Campinas - São Paulo: Papyrus, 2003, v. , p. 29-51.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão; BRANDÃO, Thadeu de Souza. Festa e fé no sertão de Caicó. In: GICO, Vânia de Vasconcelos; LINDOSO; José Antônio Spinelli; COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente (Org.). **As ciências sociais: desafios do milênio**. Natal: EDUFRN, 2001.

TRINDADE, Iracema. O baile da festa. In: ARAÚJO, Lidiane; SILVA, Margarida da. **Rastos caicoenses**. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado, 1983. (Coleção Mossoroense, 253 v.).

URRY, John. 1996. O olhar do turista: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel/SESC.

WACHTEL, Nathan. 1990. *Le retour des ancêtres: les indiens Urus de Bolivie, XXe-XVIe siècle. Essai d'histoire régressive*, Paris, Gallimard.

_____. 1996. *Deuses e Vampiros. De volta a Chipaya*, São Paulo, Edusp.

ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983

SITES CONSULTADOS:

<http://www.santanadecaico.com.br/historiadecaico.php>

http://www.wikipedia.org/wiki/Proto-Evangelho_de_Tiago

ANEXO 1 – MAPAS E CROQUIS DA FESTA DE SANT'ANA

ATRAÇÕES TURÍSTICAS

Localize no Mapa

01. Arco do Triunfo - Pça Monsenhor Walfredo Gurgel, em frente a Catedral
01. Catedral de Sant'Ana - Pça Monsenhor Walfredo Gurgel, Centro
02. Castelo de Engady
03. Mosteiro das Clarissas de Caicó - Bairro Soledade
04. Centro Cultural Deputado Adjuto Dias - Rua Major Lula, 1550, Bairro Paraíba
05. Colégio Diocesano Seridoense - Pça Dr. José Delgado
06. Prefeitura Municipal de Caicó - (Palácio Vila do Príncipe)
- Av. Cel. Martiniano, 993, Centro
07. Igreja do Rosário - Pça do Rosário
08. Praça da Liberdade ou Praça Senador Dinarte Mariz - Av. Seridó, próximo a Matriz de Sant'Ana
09. Estátua de José Augusto - Praça Dr. José Augusto
10. Mercado Público - Av. Seridó com a Av. Cel. Martiniano
11. Antigo Casarão Caicoense - Largo de Sant'Ana, Rosário, Centro da Cidade e Bairros Acampamento e Penedo
12. Museu do Seridó - Rua Amaro Cavalcante, 123, Centro
13. Poço de Sant'Ana - Rio Seridó, próximo a Ilha de Sant'Ana
14. Casa de Cultura Popular de Caicó - (Sobrado Padre Guerra) Rua Padre João Maria, 134, Centro
15. Casa de Pedra - Rua Visitador Fernandes, próximo a Ilha de Sant'Ana
16. Capela de São Sebastião - Serrote da Cruz, Ilha de Sant'Ana
17. Alicerce da Capela de Sant'Ana - Sítio Penedo próximo ao hospital Thiago Dias
18. Alicerce da Casa Forte do Cúo - Sítio Penedo próximo ao hospital Thiago Dias
19. Ilha de Santana - localizada na final da Av. Seridó, próximo a Catedral de Sant'Ana.
20. Piscicultura e Perímetro Irrigado
21. Açude Itans

FESTAS E EVENTOS

FESTA DE SANTA CRUZ
Acontece na Igreja de Santa Cruz no mês de setembro sem data fixa.

FESTA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA
Acontece na Igreja de Nossa Senhora de Fátima no mês de maio com 10 dias de festa.

FESTA DE SANTO ESTEVÃO DIÁCONO
Acontece na paróquia de Santo Estevão Diácono no final de maio para início de junho.

FESTA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS
Realiza-se no Abrigo Pedro Gurgel na última semana de novembro.

FESTA DE SÃO JOSÉ
Acontece na paróquia de São José entre abril e maio.

PARQUE DE EXPOSIÇÕES (Monsenhor Walfredo Gurgel)
Mês de maio com duração de 3 dias, sem data fixa.

VAQUEJADA DE CAICÓ
Acontece nos dias 1, 2, e 3 de junho.

CAICÓ FEST
Acontece na segunda semana de maio

SABOREANDO
Realizado no Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana, sem data fixa.

FESTIVAL DA CARNE DE SOL E DO QUELHO
O evento acontece no Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana no mês de setembro.

CARNAVAL-EM CAICÓ
Realizado no Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana no mês de fevereiro ou março, sem data fixa.

FESTA DO ROSÁRIO
Acontece na Igreja do Rosário no mês de outubro e se prolonga por 10 dias.

FESTA DE SANT'ANA
Acontece na Matriz de Sant'Ana, na Praça da Catedral, no mês de julho e se prolonga por 10 dias.

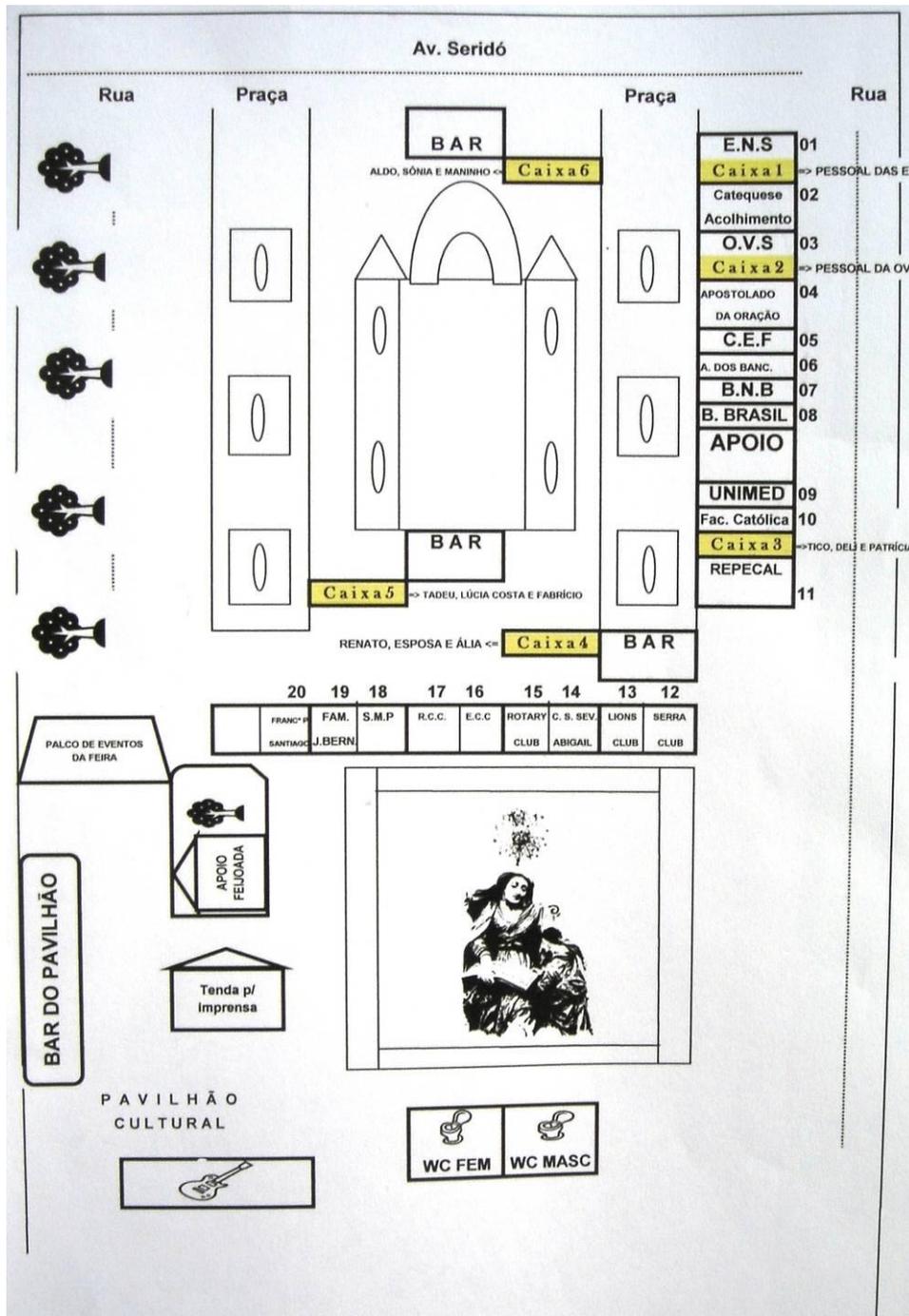
ÁREAS DE LAZER E ENTRETENIMENTO

<p>ATLÉTICO CLUBE CORINTHIANS Rua André Sales, S/N, Barra Nova Tel.: 3421-2298.</p> <p>BRISAS BALNEÁRIO Fazenda Brisa do Oriente. Tel.: 3421-1246.</p> <p>CLUBE PINGO D'ÁGUA Rua Genérina Vale, S/N, Centro Tel.: 3417-5863</p> <p>CLUBE DOS RÁDIO</p> <p>AMADORES DO SERIDÓ (CRASE) Rua Tonhaca Dantas, 390, Centro Tel.: 8806-6772.</p>	<p>ACASSEC Rua Guilherme Soares Pereira, 80, Canutos e Filho. Tel.: 3417-2052</p> <p>LIONS CLUBE DE CAICÓ Rua Guilherme Soares Pereira, 62, Canutos e Filho. Tel.: 3417-1833</p> <p>CLUBE AABB Localizado na BR 427, KM 5, S/N, Bairro Mainard. Tel.: 3421-2149</p> <p>CLUBE ASSSEC BR 427, Bairro Mainard. Tel.: 3421-1222</p>	<p>CLUBE O PELICANO BR 427, margens do açude Itans Tel.: 3421-1409</p> <p>CAICÓ IATE CLUBE (SEDE SOCIAL) BR 427, margens do açude Itans Tel.: 9962-1785</p> <p>CAICÓ IATE CLUBE (BALNEÁRIO) BR 427, margens do Açude Itans Tel.: 9962-1785</p> <p>CLUBE DOS CAMINHONEIROS BR 427, margens do Açude Itans. Tel.: 3421-1648</p>
--	---	---

AGÊNCIAS DE TURISMO

<p>TRILHAS E SERTÕES TURISMO Av. Cel. Martiniano, 970, Centro Tel.: 3421-2597</p> <p>VÉRTICE (SUA AVENTURA NO SERTÃO) Rua Felipe Guerra, 510, Centro Tel.: 3417-4444</p> <p>VITÓRIA RÉGIA TURISMO Shopping Liberdade, Loja 2, 510, Centro Tel.: 3417-4444</p>	<p>Referência Bibliográfica: -ARAÚJO, Glicemar Fernandes de. Caicó e suas Potencialidades Turísticas. Fed. Caicó-RN, 2007. -Mapa: Agostini de Medeiros Alves</p>
--	---

Mapa de Atrações Turísticas. (fonte: Paróquia de Sant'Ana de Caicó)



Croqui do Pavilhão de Sant'Ana. (fonte: Paróquia de Sant'Ana de Caicó)

ANEXO 2 – LINHA DO TEMPO

1683 – Construção da Casa Forte do Cuó, no Sítio Penedo

1689 – A região enfrenta uma grande seca, que duraria até 1692.

1695 – Construção da Capela Primitiva dedicada a Sant’Ana, após a construção da Igreja Matriz, essa capela passou a pertencer a N.S. do Rosário, até 1800, quando então foi destruída, pelo tempo.

1700 – Fundação do Arraial do Queiquó por Manuel de Souza Forte, um dos primeiros sesmeiros da região.

1735 – Elevação do Arraial a Povoação, passando a ser chamado de Povoação do Caicó.

1748 – Início da construção da Igreja Matriz de Sant’Ana do Caicó. Nesse mesmo ano é criada a Freguesia de Nossa Senhora de Sant’Ana.

1754 – Criação da Irmandade de Sant’Ana

1756 – Fundação da Irmandade do Santíssimo Sacramento

1771 – Criação da Irmandade dos Negros do Rosário

1777 – Proibição por parte da Igreja de novenas particulares nas casas.

1778 – Emancipação política de Caicó com a instalação da Vila Nova do Príncipe, pelo desembargador Antônio Felipe Soares Bederode.

1805 – Restauração da Igreja Matriz.

1809 – Visita canônica à Paróquia de Sant’Ana pelo visitador Padre Inácio Pinto de Almeida e Castro, irmão de Frei Miguelinho.

1812 – Construção da Casa de Câmara e Cadeia da Vila do Príncipe.

1818 – A comarca de Caicó deixa de ser subordinada a Comarca da Paraíba

1823 – Chegada de uma nova imagem de Sant’Ana, retratada sentada. A mesma que permanece até hoje no altar-mor da Catedral.

1824 – Passagem de Frei Caneca pela vila em outubro.

1858 – Criação da comarca do Seridó, compreendendo Vila do Príncipe e Acari.

1868 – Elevação da Vila Nova do Príncipe à condição de cidade pela Lei Provincial n. 612.

1870 – Construção do Mercado Público e da Praça do Mercado (hoje Praça da Liberdade).

1876 – Criação da primeira banda de música da cidade.

1889 – Lançamento do Jornal O povo (9 de março) e Fundação do Centro Republicano Seridoense (7 de abril).

1890 – A cidade muda mais uma vez de nome, passando a ser chamada de Seridó, esse nome perdurou entre 1 de fevereiro de 1890 até 7 de julho do mesmo ano, quando a cidade volta a ser chamada de Caicó.

1909 – Criação da Banda Recreio Caicoense, existente até os dias atuais.

1918 – A Praça do Mercado passa a se chamar Praça da Liberdade.

1926 – O presidente Washington Luiz visita a cidade.

1931 – Construção do Coreto Primitivo da Praça da Liberdade.

1933 – Visita do Presidente Getúlio Vargas.

1939 – Criação da Diocese de Caicó pelo Papa Pio XII

1940 – Instalação da Diocese de Caicó pelo Mons. Paulo Herôncio de Melo, vigário de Currais Novos, representando o Senhor Bispo de Natal D. Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, em sessão solene antes da Missa Solene da Festa de Sant’Ana, em 28 de julho.

1941 – Posse do primeiro bispo da Diocese de Caicó D. José de Medeiros Delgado, dentro da Festa de Sant’Ana em 26 de julho.

1943 – Construção do novo e atual Coreto da Praça da Liberdade.

1949 – Criação do jornal Folha de Caicó em 3 de dezembro.

1952 – Posse do segundo bispo da Diocese de Caicó, D. José Adelino Dantas.

1953 – Chegada da imagem de N.S. de Fátima à cidade.

1954 – Lançamento do jornal A Folha em 6 de março

1958 – Construção do Arco do Triunfo na Catedral de Sant’Ana, em homenagem a passagem de Nossa Senhora de Fátima por Caicó.

1959 – Posse do terceiro bispo diocesano D. Manuel Tavares Araújo.

1962 – Primeira Festa dos Ex- Alunos do Colégio Diocesano.

1974 – Realização do primeiro Baile dos Coroas, na Festa de Sant’Ana.

1978 – Posse do quarto bispo diocesano de Caicó, D. Heitor de Araújo Sales.

1983 – Realização do primeiro Baile do Reencontro, na Festa de Sant’Ana.

1984 – Fundação do Mosteiro das Clarissas por D. Heitor de Araújo Sales.

1985 – Primeiro Jantar de Sant’Ana, na Festa de Sant’Ana.

1985 – Festa do Ex-Aluno do Colégio Diocesano Seridoense.

1990 – Aumento do itinerário da Procissão de encerramento da Festa de Sant’Ana.

1996 – Posse do quinto bispo diocesano, D. Jaime Vieira Rocha.

2006 – Posse do sexto e atual bispo diocesano, D. Frei Manoel Delson Pedreira da Cruz.

2007 – Transmissão ao vivo da Festa de Sant’Ana, via internet.

2007 – Ano de transição da paróquia de Sant’Ana, saída do Mons. Antenor Salvino de Araújo e posse do atual pároco, Mons. Edson Medeiros.

2008 – Realização do primeiro “Café com a Imprensa”, promovido pela Paróquia de Sant’Ana de Caicó.

2009 – Primeiro “Arrastão da Juventude”, durante a Festa de Sant’Ana.